



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

CARLA DANIELE BAIA DE SOUZA

**FORMAS DE RECATEGORIZAÇÃO E TRANSCATEGORIZAÇÃO EM
NARRATIVAS ORAIS AMAZÔNICAS: DIMENSÕES COGNITIVO-CULTURAIS**

**SANTARÉM-PA
2024**

CARLA DANIELE BAIA DE SOUZA

**FORMAS DE RECATEGORIZAÇÃO E TRANSCATEGORIZAÇÃO EM
NARRATIVAS ORAIS AMAZÔNICAS: DIMENSÕES COGNITIVO-CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL para obtenção do título de Mestre em Letras/Linguística; Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Orientador: Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura

**SANTARÉM-PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

S729f Souza, Carla Daniele Baia de
Formas de recategorização e transcategorização em narrativas orais amazônicas: dimensões cognitivo-culturais./ Carla Daniele Baia de Souza. - Santarém, 2024. 119 p.
Inclui bibliografias.

Orientador: Heliud Luis Maia Moura.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Linguística Textual. 2. Referenciação. 3. Recategorização. 4. Transcategorização. 5. Narrativas Oraís Amazônicas. I. Moura, Heliud Luis Maia, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 410

CARLA DANIELE BAIA DE SOUZA

**FORMAS DE RECATEGORIZAÇÃO E TRANSCATEGORIZAÇÃO EM
NARRATIVAS ORAIS AMAZÔNICAS: DIMENSÕES COGNITIVO-CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL para obtenção do título de Mestre em Letras/Linguística; Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Orientador: Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura

Conceito: Aprovada

Data de aprovação: 28/02/2024

Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura – UFOPA
Presidente

Prof.^a Dr.^a Sílvia Cristina Barros de Souza Hall – UFOPA
Examinadora interna

Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento - UFPI
Examinador externo à Instituição



Universidade Federal do Oeste do Pará
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ATA Nº 2

Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, por meio de vídeo conferência Google Meet, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos professores Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura (orientador e presidente), Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (membro externo) e Profa. Dra. Silvia Cristina Barros de Souza Hall (membro interno) a fim de arguirm a mestranda CARLA DANIELE BAIA DE SOUZA, com a dissertação intitulada "FORMAS DE RECATEGORIZAÇÃO E TRANSCATEGORIZAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS AMAZÔNICAS: DIMENSÕES COGNITIVO-CULTURAIS". Aberta a sessão pelo presidente, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

(x) Aprovada, fazendo jus ao título de Mestre em Letras

() Reprovada.

Documento assinado digitalmente



JUSCELINO FRANCISCO DO NASCIMENTO

Data: 28/02/2024 15:03:25-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. JUSCELINO FRANCISCO DO NASCIMENTO, UFPI
Examinador Externo à Instituição

Documento assinado digitalmente



SILVIA CRISTINA BARROS DE SOUZA HALL

Data: 01/03/2024 13:43:25-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. SILVIA CRISTINA BARROS DE SOUZA HALL, UFOPA
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente



HELIUD LUIS MAIA MOURA

Data: 28/02/2024 13:33:45-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. HELIUD LUIS MAIA MOURA, UFOPA
Presidente

Documento assinado digitalmente



CARLA DANIELE BAIA DE SOUZA

Data: 29/02/2024 10:32:35-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

CARLA DANIELE BAIA DE SOUZA
Mestranda



Universidade Federal do Oeste do Pará
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 2

Autor: CARLA DANIELE BAIA DE SOUZA

Título: FORMAS DE RECATEGORIZAÇÃO E TRANSCATEGORIZAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS AMAZÔNICAS: DIMENSÕES COGNITIVO-CULTURAIS

Banca examinadora:

Prof. JUSCELINO FRANCISCO DO NASCIMENTO Examinador Externo à Instituição

Prof. SILVIA CRISTINA BARROS DE SOUZA HALL Examinadora Interna

Prof. HELIUD LUIS MAIA MOURA Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. INTRODUÇÃO
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. METODOLOGIA
4. RESULTADOS OBTIDOS
5. CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof. HELIUD LUIS MAIA MOURA
Orientador(a)

Primeiramente, a Deus por ser essencial em minha vida, sem Ele nada seria; aos meus pais, Carlos Arcanjo de Souza e Elzamira Baía de Lima, minha base, por todo o suporte e amor sempre dado a mim, por todos os cuidados e dedicações que sempre me deram e pela esperança que fez eu seguir em frente; aos meus irmãos, Carlos Alberto Baia de Souza, Míria Paula Baia de Souza e Luana Cristina Baia de Souza, pelo apoio incondicional; ao meu filho, Carlos Daniel de Souza Batista, minha razão de viver, minha fonte de inspiração, o motivo de minhas conquistas!

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus, o autor da minha vida, que com sua infinita sabedoria foi o verdadeiro guia nessa minha jornada. Ao meu professor Orientador, Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura, pela inenarrável competência e sabedoria, pelos textos e livros que me deu, pelas orientações, pelo seu grande desprendimento em me ajudar, pela amizade sincera e, principalmente, pela paciência e cumplicidade que teve comigo ao longo deste trabalho e por todas as suas atitudes que foram essenciais para a conclusão deste estudo.

Aos membros da Banca de Qualificação: Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento e Prof. Dra. Silvia Cristina Barros de Souza Hall, por terem aceitado participarem desta banca, pelas sugestões tão objetivas, norteadoras e eficientes e principalmente pelo exemplo de grandes intelectuais e seres humanos generosos que são.

Agradeço também aos meus professores do Mestrado Acadêmico em Letras - PPGL: Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira, Prof. Dr. Heliud Luis Maia Moura, Profa. Dra. Silvia Cristina Barros de Souza Hall, prof. Dra. Regina Célia Fernandes Cruz e Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto.

Agradeço aos meus colegas de turma do Mestrado Acadêmico em Letras - PPGL.

E, por fim, sou grata aos meus amigos Cláudio de Sousa Silva, João Clemece Viana Ribeiro e Adriane dos Santos Monteiro, que durante muito tempo me ensinaram, ajudaram-me e me mostraram o quanto estudar é bom.

*“Toda via, como está escrito:
‘Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu,
mente nenhuma imaginou o que Deus
preparou para aqueles que o amam”
(1 Coríntios2:9).*

*“A fala é uma atividade muito mais central
do que a escrita no dia - a - dia da maioria
das pessoas”
(Luiz Antônio Marcuschi, 2002).*

RESUMO

Este estudo adota como referência o título: Formas de Recategorização e Transcategorização em Narrativas Orais Amazônicas: Dimensões Cognitivo – Cultural, tendo em vista a presença dessas Narrativas na cultura popular da Amazônia. O estudo fundamenta-se nas contribuições teóricas sobre “Linguística Textual” (Koch, 2008), “A Referenciação como Atividade Cognitivo-discursiva e Interacional” (Koch, 2001), Oralidade (Marcuschi, 2010, Souza, 2018), em pesquisas sobre Narrativas Orais Amazônicas (Moura, 2013, Medeiros, 2015). A pesquisa caracteriza-se como pesquisa de intervenção participante. Essa característica se dá pelo fato de o pesquisador se envolver e se identificar com as comunidades investigadas (Freire, 1986). A pesquisa objetivou detectar os processos de recategorização e transcategorização em narrativas orais da cultura popular de povos ribeirinhos no interior da Amazônia, especificamente nas comunidades de Irurama e Igarapé Açu da Ponta Negra – ambas localizadas no interior do município de Santarém-Pará –, e perceber como essas histórias constroem as referências culturais dos contextos nos quais elas são contadas. Na primeira fase, realizou-se a análise bibliográfica acerca do tema em estudo, e na segunda, ocorreu a pesquisa de campo que se deu com coletas de narrativas nas comunidades anteriormente citadas. Tais histórias foram contadas de forma espontânea, no ensejo em que a pesquisadora esteve em momentos de interações com as essas comunidades, além disso, foram gravadas em recursos de áudios com a finalidade de manter a sua originalidade e autenticidade, posteriormente transcritas nas normas de transcrição de texto oral, NURC. Nas análises constam as formas de referenciação a partir da recategorização e transcategorização em narrativas orais amazônicas. O *corpus* é formado por quatro entidades: “A mulher que se gerava em onça”, “Curupira”, “Boto” e “Cobra Grande”.

Palavras-chave: Linguística Textual. Referenciação. Recategorização. Transcategorização. Narrativas Orais Amazônicas.

ABSTRACT

This study adopts as its central thematic reference *Forms of Recategorization and Transcategorization in Amazonian Oral Narratives: Cognitive - Cultural Dimensions*, taking into account the presence of these Narratives in popular culture in the Amazon. The study is based on theoretical contributions on “Textual Linguistics” (Koch, 2008), “Referencing as a Cognitive-Discursive and Interactional Activity” (Koch, 2001), Orality (Marcuschi, 2010, Souza, 2018), in research on Amazonian Oral Narratives (Moura, 2013, Medeiros, 2015). The research is characterized as participatory intervention research. This characteristic is due to the fact that the researcher becomes involved and identifies with the communities being investigated (Freire, 1986). The research aimed to detect the processes of recategorization and transcategorization in oral narratives of the popular culture of riverside peoples in the interior of the Amazon, specifically in the communities of Irurama and Igarapé Açu da Ponta Negra – both located in the interior of the municipality of Santarém-Pará –, and to understand how these Stories build the cultural references of the contexts where they are told. In the first phase, a bibliographical analysis was carried out on the topic under study; In the second phase, field research took place, collecting narratives in the Communities described above. These stories were told spontaneously, when this researcher was interacting with the aforementioned communities, recorded in audio resources with the aim of maintaining their originality and authenticity, later transcribed using oral text transcription standards., NURC. The analyzes include forms of referencing, based on recategorization and transcategorization in Amazonian oral narratives. The corpus is made up of four entities: “The woman who was born into a jaguar”, “Curupira”, “Boto” and “Cobra Grande”.

Keywords: Textual Linguistics. Referencing. Recategorization. Transcategorization. Amazon Oral Narratives.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	14
2.1	O desenvolvimento da Linguística Textual	15
2.2	Relações entre livros didáticos, fala e escrita no dia a dia das pessoas	17
2.3	Oralidade e letramento em salas de aula	19
2.4	Introdução de objetos de recursos no texto a partir dos processos de categorização, recategorização e transcategorização	22
2.5	Revisitando a recategorização em narrativas amazônicas	28
2.5.1	Os <i>frames</i> boto e cobra grande em narrativas amazônicas.....	28
2.5.2	Atividades de referenciação ligadas às entidades boto e cobra grande	29
2.6	Conceituando algumas expressões lexicais	31
2.6.1	<i>Frames</i>	31
2.6.2	Narrativas amazônicas	32
2.6.3	Categorização.....	33
2.6.4	Referenciação.....	34
2.6.5	Recategorização.....	35
2.6.6	Transcategorização	36
2.7	O processo de referenciação como prática discursiva	37
2.8	Estratégias de recategorização de referentes em narrativas orais amazônicas	40
2.9	Conhecendo o projeto NURC	41
3	METODOLOGIA	42
3.1	Análise dos dados	46
4	SÍNTESE DOS RESULTADOS	98
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
	REFERÊNCIAS	105
	ANEXOS	109

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema e do objeto de pesquisa guardam substanciais relações que inter cruzam a trajetória da vida acadêmica como pesquisadora em Educação, entretanto, foi a partir da realização dos estágios supervisionados que minha vida enquanto pesquisadora começou a se definir, então decidi trazer a discussão sobre Oralidade no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Dessa forma, retornei à escola na qualidade de pesquisadora e tive a oportunidade de investigar essa temática. Na ocasião, pude aprofundar as discussões teórico-metodológicas com o olhar atento e o rigor metodológico, condições indispensáveis a pesquisa científica. Ao final, a investigação permitiu destacar questões que merecem reflexões mais aprofundadas, que não poderiam ser esgotadas no TCC, o que me impulsionou a continuar pesquisando sobre narrativas orais amazônicas, e desta vez trazendo para minha pesquisa de mestrado a temática: recategorização e transcategorização em narrativas orais amazônicas.

A pesquisa sobre Narrativas Oraais Amazônicas é oportuna, pois contribui com a comunidade na medida em que oferece aos indivíduos um estudo sobre suas raízes, e os ajuda a organizar tal questão. Contribui também com o processo de conscientização, de percepção de si, considerando as contradições nas quais vivem, e nessa contradição há um certo nível de alinhamento ou alienação que não é perceptível.

Para isso, a pesquisa objetivou detectar formas de recategorização e transcategorização em narrativas orais amazônicas: dimensões cognitivo-culturais em narrativas orais de povos ribeirinhos no interior da Amazônia, mais precisamente nas comunidades de Irurama e Igarapé Açu da Ponta Negra, ambas localizadas no interior do município de Santarém – Pará.

É notável que essas narrativas se encaixam em um quadro ainda maior nas narrativas amazônicas, nas quais encontram eco e referência, produzindo, dessa forma, identidade consciente. Cabe ressaltar que essas narrativas repercutem em diversos lugares.

Partindo desses princípios, como objetivos específicos, busquei identificar nas narrativas recolhidas seus referenciais e suas relações com os sujeitos que as relatam; verificar as relações sociais entre os indivíduos, considerando como as histórias reunidas configuram as relações com as pessoas; identificar como os

indivíduos se colocam nessas narrativas, que referências culturais trazem e como elas se relacionam com a cultura amazônica.

Poder entender essas narrativas orais amazônicas é poder propiciar melhores interações ao indivíduo, interações mais positivas no âmbito daqueles que constituem essa cultura. Além disso, fomenta-se o ensino, podendo contribuir com as práticas sociais, proporcionando ainda a expansão e conhecimento dessas histórias amazônicas e, principalmente, compreender a história cultural do povo amazônico, do qual esta pesquisadora faz parte.

O presente estudo está organizado em três capítulos, sendo o primeiro capítulo com o título *Fundamentos Teóricos*. Na primeira seção deste capítulo se apresenta *O desenvolvimento da Linguística Textual*, posteriormente, na segunda seção, tem-se a *Relação entre Livros Didáticos, fala e escrita no dia a dia das pessoas/alunos*. Na terceira seção, discute-se a *Oralidade e Letramento em sala de aula*. A quarta seção apresenta *Introdução de objetos de discursos no texto a partir dos processos de Categorização, Recategorização e Transcategorização*. Na quinta seção há *Revisitando a recategorização em narrativas amazônicas*, na qual se divide em duas subseções, a saber: *Os frames “Boto e Cobra Grande” em narrativas amazônicas* e *Atividades de referência ligadas às entidades “Boto e “Cobra Grande”*. A sexta seção contém os conceitos dos termos chave utilizados na explicação do objeto a saber: *frames, narrativas amazônicas, categorização, referência, recategorização metafórica e transcategorização*. A sétima seção apresenta o *processo de referência como prática discursiva*. A oitava seção discorre sobre *estratégias de recategorização de referentes em narrativas orais amazônicas*. A nona seção está intitulada como *Conhecendo o Projeto NURC*. O segundo capítulo traz a metodologia utilizada por esta pesquisadora. A seção única deste capítulo traz as análises dos dados. Ao final, no terceiro capítulo, tem-se os resultados encontrados. O quarto capítulo compõe as considerações finais. Por fim, tem-se as referências bibliográficas.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Esta seção apresenta os referenciais teóricos que deram suporte a esta pesquisa, além de destacar também as principais opiniões de Casseb (2019) e Moura (2013) sobre as atividades de referência.

Este trabalho está baseado na Linguística Textual, no qual mostrarei a importância das expressões nominais no desenvolvimento e composição dos processos de categorização, recategorização e transcategorização, sendo esses processos fundamentais na construção textual dos sentidos, pois são responsáveis pela transformação do discurso.

2.1 O desenvolvimento da Linguística Textual

Segundo Koch (1997), a Linguística Textual tem evoluído consideravelmente no decorrer dos anos, tal questão, conforme apresenta a autora, está associada ao fato de ter havido uma percepção relacionada à necessidade de um estudo que busque “ultrapassar os limites da frase” no sentido de desvendar “[...] certos fenômenos como a referenciação, seleção do artigo, concordância de tempos verbais, relação semântica entre frases não ligadas por conectivos” (Koch, 1997, p. 68). Ou seja, um estudo que vise se sobrepor ao limite da frase e perceber as diversas ocorrências que se relacionam à prosódia, isto é, aos fatos compatíveis com a acentuação dos vocábulos e dos fenômenos de entoação.

A autora chega a ser bastante enfática ao conceituar texto como sendo uma “[...] unidade linguística hierarquicamente mais elevada, constitui, portanto, uma entidade do sistema linguístico, cujas estruturas possíveis em cada língua devem ser determinadas pelas regras de uma gramática textual” (Koch, 1997 p. 69). Ainda segundo a autora, o texto está para além de um aglomerado de palavras ou frases, e nesse sentido, tanto a produção textual, quanto a sua compreensão, estão relacionadas à forma como o interlocutor fará uso de sua *competência textual* – esta lhe tornará capaz de diferenciar um texto coerente e coeso de um emaranhado de palavras aleatórias e sem sentido.

Como já mencionado anteriormente, grandes foram os avanços da Linguística Textual. Dentre os principais autores que mais inspiraram o avanço dessa área estão o alemão Roland Harweg, apontado como pioneiro nos estudos focados na Linguística Textual; Harald Weinrich, escritor, filólogo e filósofo, também de origem alemã; Wunderlich, considerado um dos autores mais bem quistos e renomados dos anos 70, além de ser um dos “[...] principais responsáveis pela incorporação da pragmática nas pesquisas sobre o texto” (Koch, 1997, p. 69). Cabe ressaltar ainda que suas obras estão diretamente relacionadas aos acontecimentos que ocorrem na

fala, ou seja, durante a “interação face a face” (Koch, 1997, p. 69), isto é, no momento em que os indivíduos estão inter-relacionados em uma ação mútua de compartilhamento que pode ocorrer entre dois ou diversos indivíduos. O quarto autor é Siegfried Schmidt. Koch (1997) traça um perfil a respeito deste no qual postula que o referido autor foi um homem dedicado “[...] a um estudo predominantemente sociológico-embora também linguístico, em sentido amplo do objeto texto” (Koch, 1997, p. 71). Outra autora que ganha grande destaque na Alemanha nos anos 70 é Elisabeth Gulich, com ideais bastantes semelhantes aos de Siegfried Schmidt, uma vez que dentre os seus objetos de pesquisas “estão os sinais de articulação do texto, [...] os procedimentos de reformulação textual, a narrativa oral [...], bem como a interação face a face de forma geral” (Koch, 1997, p. 71).

Koch (1997) postula que desde os anos de 1970 a Linguística Textual tem como objeto de pesquisa e/ou investigação os textos orais e escritos, e tal questão tem culminado no desenvolvimento das atividades acerca da interação oral em diversos países da Europa e da Alemanha.

Beaugrande e Dressler também foram outros autores que produziram obras na área da Linguística Textual, para eles o padrão da textualidade está relacionado à “coesão e coerência”, ambas direcionadas ao texto, bem como a “informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade” Koch (1997, p. 72), todos centrados ao usuário.

Por fim, tem-se o Teun A. Van Dijk, que segundo Koch, é considerado um dos criadores da Linguística Textual, possuindo uma trajetória de vida intimamente relacionado à trajetória dessa grande área. Na década de 80, Teun A. Van Dijk passa a centrar suas pesquisas no “[...] estudo das estratégias de processamento textual, buscando construir um modelo de compreensão do discurso” (Koch, 1997, p. 73).

Para Koch (1997), um dos temas que mais se destacou ao longo da década de 80 foram as investigações sobre “coesão e coerência textual” (Koch, 1997, p. 74). Essas investigações tornaram o conceito de coerência – já existente – mais avolumado. Ainda na concepção da autora, essa amplitude se deu em razão:

“[...] de um fenômeno muito mais amplo: a coerência se constrói, em dada situação de interação entre os textos e seus usuários, em função da atuação de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, sociocognitiva e interacional” (Koch, 1997, p. 74).

2.2 Relações entre livros didáticos, fala e escrita no dia a dia das pessoas

Segundo Marcuschi (1997, p. 39), a fala “[...] é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita”, tal questão é atribuída por ele ao fato de a sociedade acreditar massivamente que a escola é o ambiente em que ocorre o aprendizado e desenvolvimento da escrita e não da fala. Na concepção do autor, esse conceito é tão bem alicerçado que chega a ser um pensamento uniforme dentro dessas instituições, isto é, “[...] a escola está aí para ensinar a escrita e não a fala” (Koch, 1997, p. 39). Não que o autor discorde desse pensamento, mas acredita que além do código linguístico, a escola deveria se preocupar em trabalhar a língua falada, pois somos seres habitualmente orais, que pouco dá atenção para a produção da escrita.

Marcuschi (1997, p. 41) censura os autores dos livros didáticos por terem uma “visão monolítica da língua”. Segundo ele, essa perspectiva na construção dos materiais se dá pelo fato de não saberem se posicionar dentro de um estudo voltado para a língua falada. Para o autor, essa visão “[...] monolítica da língua leva a postular um dialeto de fala padrão calcado na escrita, sem maior atenção para as relações de influências mútuas entre fala e escrita” (Koch, 1997, 41). Na concepção de Marcuschi, é necessário que se desenvolva atividades voltadas para o ensino da oralidade dentro da sala de aula, pois o autor acredita ser um ensino bastante produtivo, já que será um trabalho que desenvolverá a língua materna, ou seja, aquela a qual a criança antes mesmo de ir para a escola. É importante frisar que o autor não almeja o ensino da fala nas escolas, mas sim um que busque “[...] identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua.” (Koch, 1997, 41).

Quando Marcuschi (1998) tece críticas a respeito dos manuais didáticos em relação ao ensino de língua portuguesa, ele não está se referindo ao ensino da língua padrão em si, mas a uma de sua modalidade que priorize exclusivamente o ensino de normas e regras gramaticais fora do contexto da realidade. Segundo ele, essa modalidade de ensino só não causa uma exorbitante evasão escolar porque os alunos necessitam conhecer e aprender a norma-padrão da língua escrita. Porém, na escola, esse ensino não é feito com a eficiência e a eficácia que deveria, mas de maneira mal feita e equivocada: “O problema não é a língua padrão, mas o mau padrão de ensino e a má qualidade dos manuais utilizados nesse ensino” Marcuschi

(1998, p. 142).

Partindo do mesmo ponto de vista de Marcuschi (1997), Koch (1997) postula que “[...] fala e escrita são duas modalidades de uso da língua, possuindo cada uma delas características próprias; isto é, a escrita não constitui mera transcrição da fala” Marcuschi e Koch (1997, p. 31). Nesse sentido, mesmo que fala e escrita sejam usadas paralelamente e façam uso do mesmo “sistema linguístico”, ambas têm suas especificidades, mas isso, segundo a autora, não quer dizer que elas devam ser vistas de maneira separadas, uma vez que sempre haverá, por parte da oralidade, uma intervenção sobre a aquisição da escrita. Tal questão é atribuído pela autora, por exemplo, ao fato de a criança já dominar a modalidade do texto oral antes mesmo dela ser alfabetizada, e ao chegar à escola, a criança faz uso dessa modalidade de texto oral, que acaba interferindo em suas produções escritas por longos anos da sua vida escolar.

Para Marcuschi (1997) não existe um padrão na língua falada, uma vez que ela varia e não possui paradigmas e normas a serem seguidos. Vale ressaltar que, de acordo com o autor, essas variações não ocorrem somente na língua portuguesa, mas em diversas outras. Para fortalecer suas postulações a respeito do tema, o autor cita as variações linguísticas que ocorrem, por exemplo, nos “falares regionais (Marcuschi, 1997, p. 41), isto é, a variação sociolinguística que ocorre na língua em seu uso diariamente em comunidades de fala.

Contrariando muitos pensamentos, o texto falado não é desorganizado nem tão pouco desestruturado e imperfeito, longe disso, “[...] ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção e é à luz dela deve ser descrito e avaliado” Koch (1997, p. 33). Para a autora, no decorrer do processamento de um texto falado, os interlocutores dividem o mesmo espaço físico no momento da interação e na maioria das vezes se fazem “[...] presentes muitos dos referentes de que o discurso irá tratar” (Koch, 1997, p. 33).

Marcuschi (1997) critica a pouca importância e visibilidade que os livros didáticos denotam a respeito da relação fala e escrita, ou seja, para ele deveria existir por parte dos autores “[...] uma consciência sistemática das relações entre fala e escrita” (Marcuschi, 1997, p. 47), haja vista serem duas categorias de uso da língua com atribuições essenciais para a sociedade, uma vez que fala e escrita se incubem pela estruturação cultural de determinada comunidade. Para o ele, os autores e livros didáticos deveriam abrir um leque de oportunidades para que houvesse uma ampla

divulgação a respeito da “variação linguística da fala”, mostrando ao público escolar que não existe língua superior e nem inferior, mas em diferentes níveis, isto é, para o autor, tanto a língua falada quanto a escrita são importantes, uma vez que são fiéis aos seus objetivos comunicativos.

Dessa maneira, o autor deixa bem claro que o objetivo não deve ser identificar “[...] diferenças ou semelhanças e sim relações dentro de um contínuo, pois não existem, entre fala e escrita, diferenças que perpassam todo o contínuo e que são essenciais, mas sim graduais e sempre multifacetadas” (Marcuschi, 1997, p. 74), ou seja, tudo está relacionado ao tipo de fala e escrita e como estão sendo trabalhados, excluindo, assim, visões separatistas entre ambas.

2.3 Oralidade e letramento em salas de aula

Desde a década de 1980 têm ocorrido grandes mudanças relacionadas à forma como se constrói a linguagem. Partindo dessas postulações, Marcuschi (2010) defende a ideia de que não há como se realizar uma investigação aprofundada sobre oralidade e letramento sem que haja uma orientação a respeito da função de ambas na sociedade atual, isto é, para o autor, não tem como haver um exame satisfatório que mostre as divergências e convergências entre oralidade e letramento sem que seja levado em consideração sua distribuição e seus usos no dia a dia das pessoas. Ainda para o autor, é necessário considerarmos que a língua se estabelece em seu uso cotidiano, e não o oposto. Por conseguinte, o autor afirma:

Uma vez adotada a posição de que lidamos com práticas do letramento e oralidade, será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário. Assim, não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os usos da língua, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam ao uso e não o inverso. Pouco importa que a faculdade da linguagem seja um fenômeno inato, universal e igual para todos, à moda de um órgão como o coração, o fígado e as amígdalas, o que importa é o que nós fazemos com esta capacidade. E isto que nós fazemos será o objeto de nossa investigação neste momento. Trata-se de uma análise de usos e práticas sociais e não de formas abstratas. Estas, as formas, estarão sendo analisadas a serviço daqueles, os usos e não contrário (Marcuschi, 2010, p. 16).

Marcuschi (2010) entende que na sociedade contemporânea a escrita, como instrumento de letramento, vai muito além de uma simples tecnologia, isto é, tornou-se um status social essencial no cotidiano das pessoas, tanto no meio urbano,

quanto no meio rural. O autor chega a afirmar que a escrita é algo fundamental para a sobrevivência no mundo contemporâneo, posto que “[...] sua prática e avaliação social a levaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder” (Marcuschi, 2010, p.18).

Apesar do autor ter consciência do poder que o letramento exerce sobre a sociedade, ele continua a afirmar que nós, seres humanos, somos definidos como indivíduos eminentemente falantes e não seres eminentemente escreventes. Com essas postulações, o autor não reafirma que oralidade é mais importante que a escrita e vice versa, mas esclarece que ambas possuem divergências e convergências, uma vez que não se pode corroborar que a escrita é mera tradução da fala ou o inverso. Nesse viés, a língua falada possui atributos que não estão presentes na escrita, como, por exemplo, os elementos pragmáticos, ou seja, aqueles elementos que são extratextuais, como gestos, expressões faciais, movimentos corporais, entre outros, que de certa forma influenciam na produção e compreensão dos textos, já a escrita possui suas particularidades que são ausentes na fala, como, por exemplo, o tipo de letra e fonte que se utiliza na digitação de um texto, dentre outros.

A verdade é que fala e escrita não podem ser vistas ou analisadas de forma dicotômicas, mas de maneira a se complementarem, haja vista serem práticas utilizadas pela língua que possuem suas características próprias, ambas se complementam e produzem textos coerentes, coesos e dinâmicos.

Segundo Botler *et al.* (2013), muitas das mudanças que ocorrem na linguagem são devido a critérios de seleção feitos pelo interlocutor no momento da interação. De acordo com as autoras, algumas das diferenças entre a oralidade e a escrita ocorre devido:

[...] algumas das diferenças entre a oralidade e a escrita podem ser devidas às escolhas do enunciador, as quais dependem das especificidades da situação de uso e dos gêneros textuais a serem utilizados [...] as diferenças entre as duas modalidades estão situadas nos usos é o fato de que, cognitivamente, o processamento do texto escrito e o do texto oral apresentam vários aspectos similares, sendo a interatividade uma estratégia que pode ocorrer em ambas as modalidades da língua (Botler *et al.*, 2013, p. 7-8).

Para as autoras, todas as atividades relacionadas à linguagem são frutos da interação humana, assim, a interação necessita ser observada e examinada no

decurso das produções sejam elas orais ou escritas. Portanto, oralidade e escrita jamais podem ser consideradas imutáveis, pois ocorrem diferenças que são motivadas “[...] pela diversidade de condições de produção e situações comunicativas” Botler *et al.* (2013, p. 8).

Dessa maneira, as autoras frisam que jamais se pode pensar em oralidade como algo informal e não estruturado, e escrita como algo formal e estruturado, uma vez que em ambas pode haver estruturas consideradas formais, não formais, padrão e não padrão. Assim, Botler *et al.* (2013, p. 8) propõe que “[...] ambas modalidades se constituem por meio de diferentes gêneros textuais, de forma diversificada, não havendo sentido em classificar a fala como espontânea, relaxada e sem planejamento, e a escrita como uniforme e correta”.

Neste sentido, as autoras consideram a oralidade como uma variedade da língua com atributos próprios e especiais, os quais integram a sociedade, conforme trecho abaixo:

[...] a oralidade como uma modalidade da língua que possui características particulares e que, pelo meio sonoro, configura-se por meio de práticas sociocomunicativas definidas por objetivos específicos e situadas em um contínuo. No que concerne especificamente às relações entre fala e escrita, acreditamos que elas são modalidades da língua que se fazem presentes de forma integrada na sociedade. Elas podem se concretizar de múltiplas formas, mais ou menos formais, e, por isso, não podem ser vistas de maneira dicotômica, mas sim, numa perspectiva sociointeracionista, por meio dos contextos de interação e de forma situada sócio-historicamente. Para que tal visão seja possível, faz-se necessário conceber essas relações em um continuum de gêneros textuais em que ambas as modalidades variam (Botler *et al.*, 2013, p. 8).

Como vimos, as autoras afirmam que entre *fala* e *escrita* existem relações e não podem ser vistas e analisadas de maneira separadas, mas sim em uma perspectiva que ressalte a importância da interação do interlocutor com o meio em que vive, visto que tanto a modalidade oral, quanto a modalidade escrita da língua integram a sociedade contemporânea. Ambas modalidades são variáveis, mas isso não deve ser motivo para serem tratadas de forma dicotomicamente.

Como bem postula Marcuschi (1998) a língua, em hipótese alguma, pode ser pensada ou vista apenas como um código linguístico, ou ainda como um conjunto de sinais que transmita meras informações. Para o autor, essa é uma realidade que vem ocorrendo nos livros didáticos, os quais apresentam a língua como sendo “[...]”

totalmente transparente, semanticamente autônomo, sem história e fora da realidade social dos falantes” Marcuschi (1998, p. 140).

O autor é bastante enfático ao divergir dessa postura dos livros didáticos, pois para ele a língua é um acontecimento da cultura e da história de cada comunidade, que se originou “[...] numa atividade social e cognitiva que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: a língua se manifesta no uso e, é sensível ao uso. É variável, mutável, heterogênea e sempre situada em contextos de uso” (Marcuschi, 1998, p.140). Nesse sentido, a língua não pode ser limitada, tampouco reduzida a um simples código linguístico no qual produz sentidos. Vejamos o trecho abaixo no qual o autor expõe suas principais ideias sobre a língua e seus usos:

Língua é uma atividade constitutiva com a qual podemos construir sentidos; é uma atividade cognitiva pela qual podemos expressar nossos sentimentos, ideias, ações e representar o mundo; é uma atividade social pela qual podemos interagir com nossos semelhantes e apresenta características essencialmente dialógicas. Em consequência, a Língua se manifesta nos processos discursivos, no nível da enunciação, concretizando-se nos usos textuais mais diversos tanto na forma oral como escrita. Permite a polissemia (a pluralidade de significações), pode levar ao mal-entendido (pois as pessoas podem entender o que não foi pretendido pelo falante ou o autor do texto), mas deveria conduzir ao entendimento e para este fim deve ser trabalhada (Marcuschi, 1998, p. 140).

De acordo com as postulações de Marcuschi (1998), a língua é essencial na vida dos seres humanos, uma vez que é um costume social e dinâmico e, portanto, não pode ser vista simplesmente como um código linguístico ou como uma alta tecnologia. É válido ressaltar que, tanto a modalidade oral da língua, quanto a modalidade escrita, contribuem para a preservação e construção da memória das atividades praticadas pelo homem ao longo do tempo, uma vez que os acontecimentos e fatos passados se relacionam intimamente com a fala e a escrita.

2.4 Introdução de objetos de recursos no texto a partir dos processos de categorização, recategorização e transcategorização

Para Koch (2008), ao elaborar um texto, é fundamental que haja a introdução de objetos de discurso na “memória textual” (Koch, 2008, p. 101). Segundo a autora, esse objeto de discurso, introduzido por meio expressões nominais ou nomes próprios, fixam morada cognitiva e a qualquer momento podem sofrer uma retomada.

Ainda na concepção da autora, a memória cognitiva é onde o ser humano desenvolve sua capacidade emocional e intelectual, tais como seu pensamento, sua memória, raciocínio lógico, sua capacidade de compreender e perceber o mundo a sua volta. Dessa forma, vemos que a língua constrói o sujeito social que a utiliza. Para melhor compreensão vejamos o que postula Koch (2008, p. 101-102):

Em outras palavras, os objetos de discurso são dinâmicos, isto é, uma vez introduzidos, vão sendo modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se o sentido no curso da progressão textual.

O primeiro passo na construção de um texto é a introdução de um objeto-de-discurso na memória textual (em geral, por meio de um nome próprio ou forma nominal). Isto é, um novo objeto-de-discurso é construído e introjetado na memória, onde vai preencher um nóculo, ou seja, passar a ter um endereço cognitivo, de modo a ficar em foco e disponível para retomadas ou remissões. Quando a introdução se faz por meio de um nome próprio, tem-se apenas a nomeação do objeto. Já no caso de se tratar de uma expressão nominal, opera-se uma primeira categorização do objeto-de-discurso, o qual, a cada retomada, pode ser mantido como tal ou, então, recategorizado por outras expressões nominais (Koch, 2008, p. 101-102).

Segundo Koch (2008), não há possibilidades da existência de uma língua sem que os sujeitos sociais estejam inclusos nela, ou ainda que esses sujeitos estejam excluídos dos convívios discursivos onde esses sujeitos sociais dominam, ou seja, em que “[...] mobilizam suas percepções, seus saberes, quer de ordem linguística, quer de ordem sociocognitiva” (Koch, 2008, p. 101). O certo é que esses modelos não são irreduzíveis, mas flexíveis de maneira que se reconstróem tanto no momento presente quanto ao longo do tempo, vejamos o trecho abaixo:

A língua não existe, portanto, fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem linguística, quer de ordem sócio-cognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constróem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos — socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos —, bem como situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos (Koch, 2008, p. 101).

De maneira semelhante à Koch (2008), Marcuschi (2002, p. 44) parte do princípio de que a linguagem é um modo de cognição sócio-histórica e interativa, em razão de acreditar que a linguagem não é simplesmente um código, mas sim um “sistema simbólico” por meio do qual podemos reconstruir o mundo em que vivemos

de maneira dinâmica e criativa. Segundo ele, atualmente a linguística muito tem se dedicado ao estudo das atividades voltadas para o processo cognitivo, isto é, processo mental de percepção, visto que esse processo é a capacidade que o cérebro tem de perceber, raciocinar e armazenar as informações captadas pelos sentidos, conforme trecho a seguir:

É fácil constatar que a linguística vem se voltando hoje cada vez mais para os estudos das atividades cognitivas. Isto não deveria surpreender, pois num certo sentido da linguagem caracteriza-se como uma forma de cognição, daí a importância desta para a Linguística. Trata-se de uma virada importante, para uma espécie de “cognitive turn”, que após a guinada pragmática em meados do séc. XX, se fazia necessária (Marcuschi, 2002, p. 44).

Marcuschi (2002) destaca o quanto a língua tem mudado ao longo do tempo, além de possuir um papel importante na elaboração e propagação do conhecimento. Para o autor, uma das coisas que considera brilhante no cotidiano é o fato de interagirmos uns com os outros, compartilhando aquilo que vemos, ouvimos e sentimos, dessa forma, compreendemos e somos compreendidos, e essa troca de saberes nos faz passarmos do código para a cognição. Nessa interatividade compreendemos que o conhecimento é um fruto das interações sociais e não frutos de uma mente excluída e atípica: “[...] a língua é muito mais do que uma simples mediadora do conhecimento e muito mais do que um instrumento de comunicação ou modo de interação humana [...]” (Marcuschi, 2002, p. 44).

Ainda segundo as proposições de Marcuschi (2002), a língua surge como uma coleção ou grupo de atividades sócio – interativas, de maneira que esses resultados surgem da “codificação e de standardização da língua e não são os únicos aspectos definidores da língua” Marcuschi (2002, p. 47), isto é, são consequências de atividades consolidadas que devem ser apresentadas como parte integrante da relação contínua entre a sociedade a qual estamos inseridos e a cognição, ou seja, é uma triagem sociocognitiva. Vejamos:

Com isto se diz que as habilidades comunicativas não são puramente linguísticas, mas estão mescladas com outras habilidades. Postula-se que a linguagem não é autônoma e nem independentes de outras habilidades humanas, tais como o afeto, a imaginação, a memória, a atenção, as capacidades motoras e todas as formas de sensação humana. A maior parte de nosso conhecimento é construída com a linguagem (contando aí os vários sub-sistemas, tais como, os sons, as formas e os itens lexicais) na comunicação social situada (Marcuschi, 2002, p. 48).

De acordo com o autor, a língua é uma transmissora de sentidos e como tal “[...] tem uma semântica, já que ela é indeterminada e os sentidos são situados e interativamente construídos” Marcuschi (2002, p. 57).

A partir dos estudos de Marcuschi (2010), vê-se que mesmo a escrita possuindo sua indiscutível importância nos povos e nas civilizações “letradas”, continuamos povos predominantemente orais, por mais que a escrita seja considerada como um “status” e prevaleça no meio social, a oralidade sempre existirá e será paralelamente à escrita. A oralidade é o grande meio de expressão de atividades comunicativas, faz parte do ser humano e, portanto, jamais poderá ser substituído por outra tecnologia. “O certo é que oralidade continua na moda. Parece que hoje redescobrimos que somos seres eminentemente orais, mesmo em culturas tidas como amplamente alfabetizada” (Marcuschi, 2010, p. 24).

Na compreensão de Marcuschi (2010):

[...] os gêneros orais são fenômenos históricos intrinsecamente associados à vida social e cultural dos indivíduos. São considerados, ainda, formas de ação social, através das quais o homem consegue se expressar e traduzir suas concepções sobre o mundo (Marcuschi, 2010, p. 24).

Nesse viés, pesquisar sobre as narrativas orais amazônicas é sempre um caminho promissor. As recomendações metodológicas respeitaram a cultura local de cada região investigada, haja vista as narrativas amazônicas fazerem parte do cotidiano do povo da região amazônica e servirem como inspiração a partir de seu valor moral.

As narrativas possuem acontecimentos sociais dessas regiões, criando identidade cultural por meio dos fatos ocorridos com pessoas da comunidade em tempo cronológico que vem sendo repassado ou recriados, por meio da oralidade, por pessoas que ouviram, viveram ou são autoras dos relatos, que servem ainda para compreender os fatos, épocas, cultura e sociedade, assim os acontecimentos de uma sociedade são refletidos nas manifestações artísticas. Além de servirem como suporte para o estudo do passado, relaciona-se também à contemporaneidade em análise da evolução social no decorrer do tempo. Assim, verifica-se que as histórias regionais e suas várias formas de manifestação cultural carecem serem abordadas e divulgadas com mais volume.

Ao realizar o levantamento bibliográfico na Base de Dados Scielo, Portal de Periódicos Capes, Google Acadêmico, Repositórios de Universidades Federais,

Biblioteca Nacional Digital de Teses e Dissertações Brasileiras, em Revistas Acadêmicas Especializadas das Universidades Federais e em Livros Especializados, verifiquei que pesquisadores como Consulin (2013) e Medeiros (2015) desenvolveram estudos focados na contação de histórias como estratégia de abordagem do gênero oral; (Moura, 2013) sobre “Atividades de referenciação em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia”; Casseb (2019) sobre “Narrativas Oraís Amazônicas: Análise dos Frames Boto e Cobra grande sob o enfoque cognitivo-cultural”.

A presente pesquisa caracterizada como de intervenção participante ocorreu nas Comunidades já citadas no início do capítulo. A opção pela pesquisa de intervenção participante deu-se pela relação dinâmica entre objetividade e subjetividade.

Se pelo contrário, a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente não posso conhecer a realidade de que participam, a não ser com eles como sujeito também destes conhecimentos que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (ao que se dá ao nível da sua experiência cotidiana), se torna um novo conhecimento. Se me interessa conhecer os modos de pensar e os níveis de percepção do real dos grupos populares estes grupos não podem ser meras incidências de meu estudo (Freire, 1986, p. 35).

Essa pesquisa é plausível, pois algumas dessas narrativas orais amazônicas como “Boto” e “Cobra Grande” apresentam questões misóginas e machistas. Tomemos, por exemplo, a história da cobra grande: a cobra macho que é o “bondoso” Norato ou Honorato e sua irmã gêmea, “a geniosa” Maria Caninana. Trata-se de uma história sobre magia e tragédia: reza a lenda que a cobra fêmea afunda barcos, come gente, destrói tudo, um verdadeiro terror para os ribeirinhos e para os animais dos rios, já a cobra “boa” é o macho, vemos nessa narrativa uma questão machista, misógina – a aversão a mulher –, levando o leitor a acreditar que tudo que é mau vem da mulher, fazendo uma relação direta com a bíblia quando se relata a história de “Adão e Eva no Paraíso”, relacionando a cobra fêmea com a personagem Eva, da Bíblia.

Desta feita, vimos que as Narrativas Oraís Amazônicas vêm para correlacionar e regradar os comportamentos, regular e dizer como esses moradores dessas comunidades, nas quais esses relatos ocorrem, devem se comportar. Quando

a índia teve o casal de filhos gêmeos (casal de cobra) procura o sábio Pajé para saber o que deveria fazer com os filhos, o Pajé a aconselha a jogá-los no rio. Nessa narrativa está implícito a questão do infanticídio: descartar, jogar no rio, jogar fora, vemos uma questão metaforizada: descartes de crianças. Tal ideia está relacionada também ao abandono infantil.

A narrativa o “Boto” vem tratar dos comportamentos e das relações entre mulheres nativas com homens estrangeiros. Essa narrativa também traz elementos misóginos em uma relação de desigualdade social: “o Boto”, representado o homem branco europeu, e as mulheres consideradas “fúteis” que engravidam e não podem falar quem é o pai, entrando aí a superioridade cultural do homem branco sobre o nativo. Essas narrativas orais amazônicas vêm como uma maneira de interpretar certos comportamentos, não sendo, portanto, um fato em si, são metáforas que abordam as relações culturais e sociais do povo da região amazônica.

Dessa forma, busquei compreender a cultura do povo amazônico, como ela se constitui nas diversas relações sociais, além de procurar entender as próprias relações sociais, e como as narrativas orais amazônicas trazem as metáforas para que nos fazem compreender esses enredos metaforizados. Vejamos as postulações de Moura (2013, p. 61):

Quando falo, aqui, da função social do mito e da lenda refiro-me também à questão de que ambos reconstróem quadros/elementos de referência cultural mobilizados numa sociedade. Em se tratando do mito, tais quadros/elementos referenciais ditam normas e/ou direcionamentos a serem seguidos pelos indivíduos, impondo-se condições para a sua ação. No que diz respeito à lenda, esses itens referenciais podem mostrar, evidenciar e/ou indiciar os modos/as formas de funcionamento dessa sociedade, colocando à tona certos aspectos positivos ou negativos, ou mesmo problemáticos, da experiência humana no mundo biossocial. Assim, a lenda pode ter o papel de anunciar/denunciar e/ou apontar para tais aspectos [...] (Moura, 2013, p. 61).

No decorrer desta pesquisa, constatou-se que as histórias amazônicas são muito presentes em nossa cultura, por isso são muito imprescindíveis e precisam ser percebidas com mais consciência pela sociedade. Além disso, é necessário saber mais e conhecer mais sobre as narrativas orais amazônicas.

Assim sendo, busquei compreender a cultura do povo amazônico, uma vez que essas narrativas trazem em seus enredos metáforas que nos transmitem uma mensagem, um ensinamento. Procurou-se entender quais são as práticas sociais que estão ali naquelas narrativas orais amazônicas, além de verificar a história pela

história, e captar essa história é assimilar as figurações e comportamentos sociais que trazem.

2.5 Revisitando a recategorização em narrativas amazônicas

Nesta seção faço uma abordagem evidenciando as principais ideias de Casseb (2019) e Moura (2013) sobre as atividades de referenciação a partir do processo de recategorização em narrativas orais amazônicas, haja vista que esses autores desenvolveram pesquisas sobre a referida temática.

2.5.1 Os *frames* boto e cobra grande em narrativas amazônicas

“Narrativas Oraís Amazônicas: Análise dos Frames Boto e Cobra grande sob o enfoque cognitivo-cultural” é o título trazido por Casseb (2019) em sua dissertação de mestrado. Nesse trabalho, a autora faz análise de um corpus composto por 08 narrativas, sendo 04 narrativas do “Boto” e 04 narrativas da “Cobra Grande”, as quais foram recolhidas em três cidades paraenses: Santarém, Abaetetuba e Belém, a capital do estado do Pará.

Para a autora, tanto o “Boto”, quanto a “Cobra Grande”, nas narrativas amazônicas, apresentam aspectos que vão além de suas condições de animal irracional. O “Boto” é visto como um dos animais que constituem a fauna amazônica, e no decorrer das narrativas tem seu significado aumentado e reconstruído, haja vista que passa a ser considerado não mais como um animal, um “cetáceo”, mas sim como uma figura encantada, metariferizada.

Dentro das ciências biológicas os cetáceos são mamíferos que nascem e crescem na água, sua reprodução ocorre no pico das cheias de diversos rios. Segundo Jacobina (2000, p. 6), os cetáceos “[...] são mamíferos exclusivamente aquáticos que vivem em sua maioria nos mares podendo ser encontrados também em rios e estuários [...]”, isto é, podem ser encontrados de passagem em ambientes aquáticos como, por exemplo em rios e mares, os quais passam por interferências ou impactos das marés.

A cobra grande, em inúmeras narrativas é apresentada como um animal feroz, que causa terror e pânico aos ribeirinhos, já em outros relatos, surge como um ser encantado, passando também por metamorfose e que tem como seu habitat

natural os famosos rios da Amazônia.

Casseb (2019) destaca que na narrativa do “Boto” o uso de pronome ‘ele’, é uma forma de manutenção do referente introduzido no discurso, que nesse caso é ‘rapaz’. Segundo a autora, a narrativa inicia com a apresentação de uma figura ‘desconhecida’, visível a partir das expressões linguísticas como “aquele camarada, todo metidão, todo de branco, todo no pitose” (Casseb, 2019, p. 65).

A autora frisa que existem diversos processos cognitivos levados em consideração para se construir o significado que a “Cobra Grande” assume nessas narrativas. Para o corpus selecionado, Casseb (2019) utiliza os mesmos critérios de análise, tanto para o “Boto” quanto para a “Cobra Grande”, com algumas exceções no que tange aos elementos constituintes da estrutura dos textos com a “Cobra Grande”. A autora observa que em ambas as narrativas existem variações nos enredos, pois se considera a localidade onde são contadas, visto que “[...] há um esquema comum entre as narrativas analisadas” Casseb, (2019, p. 69).

Casseb (2019) destaca as semelhanças existentes entre as narrativas da “Cobra Grande” e do “Boto”, pois em ambas existem o encantamento visto dentro do imaginário amazônico. Ela ainda frisa as diferenças entre elas destacando, como exemplo, a paixão, aspecto que fica evidente na narrativa do “Boto”, não encontrada na narrativa da “Cobra Grande”, a qual se demonstra insatisfeita com a condição animal e vive em busca a todo custo ser desencantado.

Ao analisar a narrativa da “Cobra Grande”, a autora utiliza a semânticas de frames e a referenciação, objetivando mostrar as teorias dialogando entre si, aborda também os processos de categorização e recategorização do objeto do discurso. Em “Cobra Grande”, os referentes de retomada são utilizados como estratégias de manutenção e progressão textual por meio do uso de pronomes e expressões nominais definidas.

Desse modo, a autora conclui afirmando que as narrativas orais amazônicas são importantíssimo “tesouro linguístico”, o qual não se finda apenas em análises lineares, direcionadas para a superfície de textos, mas compreendendo “[...] as relações culturais e históricas existentes dentro do contexto amazônico [...]” (Casseb, 2019, p. 88).

2.5.2 Atividades de referenciação ligadas às entidades boto e cobra grande

“Atividades de Referenciação em Narrativas Afiliadas ao Universo do Lendário da Amazônia: Implicações Sociocognitivas e Culturais”, é o título abordado por Moura (2013), em sua Tese de Doutorado, o corpus é formado por um conjunto de dezessete narrativas amazônicas, as quais o autor classifica como: “Narrativa Escrita Ficcional de Tema Popular” em razão de acreditar que esse nome é o mais adequado para se entender a produção de caráter ficcional de Walcyr Monteiro, escritor paraense, as quais se referem à entidades como “Boto”, “Cobra”, “Matintaperera” e “Curupira”, sendo: 04 (quatro) de Boto, 05 (cinco) de Cobra, 05 (cinco) referem-se à Matintaperera e 03 (três) são relativas à (o) Curupira, todas escritas por Walcyr Monteiro.

Segundo Moura (2013), essas narrativas estão ligadas a um conjunto de temas que estão em circulação no universo popular do povo da região amazônica, os moradores dessas comunidades conhecem e recontam as narrativas do “Boto”, “Cobra”, “Matintaperera” e “Curupira” diariamente. Dessa forma, o autor entende que a narração dessas histórias é parte integrante das experiências e da maneira de conceber ou entender a realidade social e cultural em que o povo amazônico está inserido.

Ainda para o autor, existem vários elementos do universo do lendário da Amazônia que auxiliam na construção sociocognitiva do “Boto” como: “aspecto antropomórfico/zoomórfico”, a “gravidez das mulheres que são por ele seduzidas” Moura (2013, p. 45), “a sedução”, que se envolvem no mistério e no sobrenatural, entre outros elementos, os quais compõem e estruturam a configuração discursiva referente a “lenda do Boto”.

Do mesmo modo, a “Cobra Grande”, que compõe um conjunto de elementos simbólicos descritos pelo autor, friso a “perda do encantamento da Cobra Honorato por meio da coragem e ação de um soldado, a qual passa a viver como um homem normal” (Moura, 2013, p. 48). Ainda para o autor há a [...] “crença de que a Cobra Grande é uma entidade dotada de atributos extraordinários, gigantesca e ameaçadora, podendo se transformar em embarcações ou outros seres” (Moura, 2013, p. 48). Dessa forma, o autor afirma que as atividades referenciais e cognitivos referenciais dentro dessas narrativas estabelecem recursos sociocognitivos necessários para a estrutura discursivas dessas narrativas.

Uma das narrativas apresentadas por Moura (2013) traz a figura de uma “Bôta”, a qual constitui recursos discursivos por meio do qual o escritor Walcyr

Monteiro opera a reconstrução da figuração lendária, trazendo uma narrativa que diverge daquela lenda clássica, uma história mais erótica. Dessa forma, o escritor não opera uma recategorização da “Bôta”, e sim uma transcategorização, ou seja, uma mudança de categoria na qual constrói uma de outra natureza, em que “[...] contexto referencial-interdiscursivo são narrativas triviais de âmbito erótico-amoroso” (Moura, 2013, p. 60).

Segundo Moura (2013), Walcyr Monteiro traz nessa temática a narrativa “Uma Mulher Muito Bonita”, na qual surge uma figura feminina “audaciosa”, essa personagem é envolvente e sensual, que aparece de maneira a transgredir os elementos os quais constituem o universo lendário, como, por exemplo, o fato da mulher casada ou moça solteira aparecer grávida. Com essa versão da história, o autor acaba por inverter o gênero “Boto”, que agora é representado por uma linda mulher. Para Moura (2013) nessas narrativas analisadas existem divergências em relação ao fenômeno de encantamento, por exemplo, o estado mágico desses personagens que estão ligados ao maravilhoso, o qual inclui o processo de metamorfose.

Desse modo, Moura (2013) postula que as atividades de referenciação analisadas em sua tese estão ligadas aos processos referenciais mais gerais, nesse viés, os processos referenciais podem se concretizar por meio de formas gramaticais, que podem ser pronomes, numerais ou ainda advérbios pronominais. Ainda na concepção do autor, é possível entender os processos referenciais como marcadores temporais que podem se assumir como encadeadores coesivos de fatos, concorrendo para a evolução da temática do texto.

2.6 Conceituando algumas expressões lexicais

Com o objetivo de familiarizar o leitor com o tema aqui abordado, faz-se necessário retomar aqui os conceitos de frames, narrativas amazônicas, categorização, referenciação, recategorização metafórica e transcategorização.

2.6.1 Frames

De acordo com Moura (2013, p. 124-125):

[...] frames são estruturas cuja função consiste em representar entidades conceituais. Tais estruturas têm a propriedade de emoldurar uma gama de conhecimentos acerca de um dado conceito. Elas têm o papel de caracterizar uma cena ou situação abstrata como uma espécie de mecanismo de construção cognitiva, sendo algumas porções indexadas por unidades lexicais associadas a elas e utilizadas no processo de compreensão. Assim, palavras ou expressões linguísticas convocam frames, sendo estes conduzidos da memória de longo prazo para a memória estratégica, não como elementos estocados e congelados, mas como estruturas em contínua mobilidade e construção a partir da experiência sociocultural.

Como bem vimos, o autor sugere que os frames são aglomerações de estruturas conceituais que determinam as ações praticadas por sujeitos nos ambientes onde “convivem” e “transitam”. Para Moura (2013), esses contextos têm elementos que controlam e conduzem “os sentidos incorporados por essas ações” (Ibid., p. 25).

Já Duque (2015) descreve *frames* como um dispositivo cognitivo no qual estabelecemos os nossos pensamentos e nossa visão sobre a sociedade. Para esse autor, os “frames sociais também consideram a estereotipia como uma forma de evocar pessoas ou grupos por meio da idealização dos atributos de uma categoria” Duque (2015, p. 36), isto é, estão interligados ao que pensamos, ou seja, é dessa forma que compreendemos o mundo que nos cerca.

2.6.2 Narrativas amazônicas

Sá (2020) descreve o poeta indígena da Amazônia como um contador de histórias que olha para as montanhas e começa a criar e relatar suas histórias, abordando como uma montanha, por exemplo, conseguiu chegar até aquele lugar ou atingir aquela proporção. Segundo essa autora, essas narrativas possuem uma história em si, não são criadas por acaso.

Muitas dessas narrativas possuem caráter sagrado e são contadas pelos pajés e pelos membros mais velhos da comunidade em rituais ou ocasiões especiais; outras são simplesmente divertidas, formas brincalhonas de explicar o surgimento dos seres ou das coisas. Muitas vezes, no entanto, a distinção entre histórias sagradas, engraçadas e cotidianas é irrelevante, visto que as mesmas histórias podem ser todas essas coisas ao mesmo tempo (Sá, 2020, p. 158).

Na concepção de Sá (2020), essas narrativas possuem caráter sagrado e

são contadas pelos membros mais velhos das comunidades, ou ainda pelos Pajés em rituais sagrados. É possível notar que esses relatos não possuem diferenças entre si, ou seja, não existem divergências entre histórias sagradas, engraçadas e cotidianas, haja vista serem expressos a todo momento, em diversas situações.

Narrativa, no contexto deste ensaio, é sinônimo de 'história', ou, como o Oxford English Dictionary (2002, p. 1886) define: um "relato de uma série de eventos". De acordo com a terminologia antropológica, as histórias que aqui analiso são frequentemente chamadas de mitos, mas prefiro os termos narrativa ou história para não as diferenciar das nossas próprias histórias ou narrativas ocidentais, também porque, na linguagem cotidiana, mito adquiriu a conotação infeliz de algo que não é verdadeiro (Sá, 2020, p. 160).

Para Sá (2020), mesmo essas narrativas sendo de caráter oral, contadas oralmente, muitos grupos as guardam de forma escrita, sendo importante frisar que relatar essas histórias dependem de diversos elementos difíceis de serem explicados em sua versão escrita.

2.6.3 Categorização

Moura (2020) postula que a categorização é resultante de reconstituições sociocognitivas, nessa perspectiva o autor garante que:

[...] os processos (trans)categoriais são resultantes de reconstituições sociocognitivas de objetos culturais imersos em determinados contextos, nos quais mobilizam-se sentidos presentes nas mais díspares atividades sociointerativas (Moura, 2020, p. 222).

Nessa perspectiva, Moura (2020) leva em consideração os processos sociocognitivos que se fazem presente no momento do discurso, e também as causas que originam esses fatores culturais e que se constituem nesses processos.

É válido destacar que Moura (2020) considera o processo de categorização não como uma significação inerte, imóvel, ou ainda imutável, mas como uma permanente, ou constante transformação na forma como existem para nós:

Dado o exposto, proponho serem as categorias não conceitos, mas formas simbólicas, pelas quais construímos o mundo em sentido em nosso trânsito por ele. Indo mais adiante, considero-as como uma reconstrução do próprio mundo em discurso ou em linguagem. Por essa acepção, não há sentidos e significações gerais e plenas, há, sim, sentidos e significações imersos em contextos discursivos específicos. Logo, categorizar, recategorizar e transcategorizar não é simplesmente renomear ou (re)predicar, é, antes de

tudo, dar formas de existência, via linguagem, a seres, objetos, pessoas, eventos, situações, episódios e fatos (Moura, 2020, p. 231).

Em suma, para o autor, as categorias são conceitos que nomeiam as entidades do mundo biossocial e cultural.

2.6.4 Referenciação

Para Koch (2001), a referenciação é uma ação cognitivo-discursivo do ser humano, já que é por meio dessa cognição-discursiva que os sujeitos sociais conseguem desenvolver suas capacidades tanto “intelectuais” quanto “emocionais”, isto é, sua linguagem, pensamento, memória, raciocínio, capacidade de compreensão e percepção dos fatos. Para a autora, os referentes vão além de coisas materiais, são objetos que são construídos ao longo do discurso, e esse processamento, pelo fato de ser realizado por indivíduos ativos, é estratégico e impulsiona por “[...] parte dos interlocutores, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece” (Koch, 2001, p. 75).

De acordo com os estudos de Moura (2020), os processos referenciais são formas de ressignificar – dar novos significados ao mundo. Dessa forma, dando sentido a tudo aquilo que nos cerca, seja físico, cultural ou social, ou seja, são opções que o indivíduo faz para dizer algo, mas sempre trazendo novos significados:

[...] a referenciação é um ato dinâmico de ressignificação do mundo. Por essa ressignificação, damos sentido aos entornos físico, social e cultural. Mas é, sobretudo, na interação, com esses entornos, que emprestamos significações precisas aos sujeitos e objetos com os quais interagimos cotidianamente (Moura, 2020, p. 224).

Ainda de acordo com essa perspectiva, Moura (2020) analisa os contextos e chega à conclusão de que essas entidades não se apresentam de maneira irreduzível, mas de maneira passíveis a mudanças e transformações. Dessa forma, as estratégias referenciais atuam de forma dinâmica nos textos verbais e não verbais, ou seja, escritos e falados. Vejamos as postulações do autor:

No âmbito da relação entre referenciação e cognição e, nesse bojo, entre referenciação e processos referenciais, postulo que as estratégias de referenciação são formas de construção da referência, pela qual se constitui a própria realidade e na qual damos sentido ao mundo cultural em que estamos imersos. Nas nossas ações, que são linguísticas, atribuímos sentido

aos fatos, eventos, situações, coisas, seres de um modo geral e às interações entre pessoas e instituições, para o que os atos de referenciar são essenciais e nucleares, pois com eles essas atribuições de sentido estão sendo sempre reconstruídas, reelaboradas, suprimidas, estendidas, refeitas, reativadas, desativadas, coadunando-se com os nossos propósitos sociointeracionais em seus mais diferentes níveis e instâncias (Moura, 2020, p. 225).

Nesse sentido, para o autor, tanto o contexto social, quanto o cultural, podem influenciar a produção de exercícios linguísticos-textuais, e também a maneira como um conjunto de textos é produzido em relação à presença de estruturas com formas referenciais, haja vista que essas formas não são prontas e acabadas, mas produzidas ao longo do contexto, ao longo do discurso, portanto, passíveis de aquisição continuada com atual estatuto linguístico-discursivos.

2.6.5 Recategorização

Segundo Lima (2003), a recategorização metafórica é uma retomada de referente precedida por uma recategorização/categorização cognitiva, ou seja, por uma percepção mental, por metáforas deste dito referente, vejamos o que essa autora postula:

Esses casos consistem, basicamente, numa retomada total de um referente (anáfora direta correferencial), seguida de uma (re)categorização cognitiva, por metáfora, desse mesmo referente, a qual, por sua vez, aparece na superfície textual como um item lexical recategorizador explícito (Lima, 2003, p. 119).

Essa forma de recategorização metafórica apresentada por Lima (2003), demonstra-se eficaz na formação argumentativa do texto, uma vez que, segundo a autora, esse processo de recategorização apresenta novas formas de reconstrução de referentes, isto é, reconstrói os objetos de discursos nos textos.

Nessa perspectiva, os referentes vão sendo construídos e reconstruídos de acordo com o conhecimento cognitivo e a visão de mundo do indivíduo. Dessa maneira, a realidade desse sujeito pode ser construída e reconstruída pela linguagem e na linguagem.

Lima (2003), apresenta uma concepção de metáforas que vai além de uma simples figura de linguagem. Para a autora, a metáfora faz parte do sistema conceitual humano. Vejamos as postulações da autora sobre a questão:

Da mesma forma, é preciso conceber a metáfora como parte de nosso sistema conceitual, e não apenas como uma figura de linguagem, já que se faz presente tanto na linguagem poética quanto na linguagem do cotidiano. Pudemos, assim, constatar a importância da metáfora na construção dos sentidos da piada, texto que utiliza uma linguagem tipicamente coloquial (Lima, 2003, p. 156).

Lima (2023), a concepção metafórica aumenta o conceito clássico de metáfora, em razão de ser interpretada como um elemento fundamental do aparato cognitivo, ou seja, por uma percepção mental utilizado para entender o mundo. Ainda para a autora, a metáfora é um processo referencial complexo no qual ocorre a reconstrução de referentes. Essa recategorização metafórica apresenta o ponto de vista do informante sobre determinado objeto de discurso, uma vez que esses objetos de discursos são elaborados em esferas mais dinâmicas, ou seja, é um processo no qual acontece reiterações e retomadas de objetos de discursos, ocorrendo uma reconstrução da realidade em que se dá uma negociação entre interlocutores, em uma visão sociocognitiva relacionados a aspectos mentais e sociais do indivíduo.

2.6.6 Transcategorização

De acordo com os estudos de Moura (2020), os processos de referenciação abrangem o processo de transcategorização. Na concepção de Moura, o processo de transcategorização é uma forma de reorganizar o mundo tanto em linguagem quanto em discurso, além de ocorrer inevitavelmente o fenômeno de metamorfose.

Ainda de acordo como autor:

[...] a transcategorização um processo pelo qual os referentes carreados, numa dada ação verbal, adquirem outros estatutos categoriais, por outras palavras, podem mudar de categoria ou transitar de uma para outra. Isto pode se dar segundo as exigências da atividade interativa e dos contextos social e cultural em que essa atividade se realiza.

Dada estas noções, proponho que a transcategorização é um fenômeno complexo, especificamente por tratar-se de uma ação discursiva na qual as entidades não se constituem como congeladas ou prontas no universo biossocial, pois estão na dependência de fatores discursivos e semânticos em jogo nas diferentes interações. Por outro âmbito, as transcategorizações são produto de construções simbólicas próprias, as quais interferem na ocasião da produção dos sentidos mobilizados nos contextos de produção de linguagem. Tais efeitos são resultado de fatores sociocognitivos e cognitivo- culturais, que permeiam, de modo inevitável, as atividades textuais em seus vários contextos (Moura, 2020, p. 237-238).

Para Moura (2020), os processos referenciais presentes em narrativas

amazônicas estão ligados “especificamente” a processos de transcategorização desses personagens que compõem o universo lendário amazônico. Segundo o autor, o ato de categorizar, recategorizar e transcategorizar não é simplesmente dar novos nomes ou adjetivar esses referentes, mas, sobretudo, dar forma e existência através da linguagem a seres, coisas, pessoas, objetos ou ainda situações.

De acordo com Moura (2020, p. 237), a transcategorização é um processo em que os referentes em determinada “ação verbal” assumem outras categorias, isto é, esses referentes podem variar de categoria ou ainda transitar entre categorias. Partindo desses pressupostos, o autor supõe que a transcategorização é um acontecimento complicado, em razão de se tratar de uma “[...] ação discursiva na qual as entidades não se constituem como congeladas ou prontas no universo biossocial, pois estão na dependência de fatores discursivos e semânticos em jogo nas diferentes interações” (Moura, 2020, p. 237).

Para esse autor, a transcategorização é resultante de produto da estruturação simbólica própria que resulta de fatores sociocognitivos e fatores sociocognitivo-cultural, podendo influenciar na “[...] produção dos sentidos mobilizados nos contextos de produção de linguagem” (Moura, 2020, 238).

2.7 O processo de referenciação como prática discursiva

Nesta seção faremos uma abordagem sobre os processos de referenciação como prática discursiva, uma vez que esse processo referencial está totalmente vinculado à sequências de atividades do falante, como, por exemplo, as cognitivas, as interacionais e as sociais, e sobre as estratégias de recategorização de referentes em narrativas orais amazônicas, haja vista serem resultado de questões sociais e de cognição de objetos culturais que estão inseridos em diversos contextos sociais.

Como apoio básico, partimos das postulações de Silva (2008), a qual acredita que os processos referenciais não devem ser vistos somente como um método que nos fornece informações. Para essa autora, a interação humana é uma ação essencial no processo de referenciação, isso se dá em razão de Silva (2008) acreditar que o sentido da interação acontece na negociação entre os falantes, ou seja, no momento da interação que é efetivada pelos falantes durante a comunicação, uma vez que tudo que ocorre no mundo está sujeito a mudanças, inclusive o pensamento humano. Vejamos o que postula a autora:

Diversos exemplos comprovam que os falantes fazem referência para sinalizar uma modificação de uma ideia ou de um objeto e, constantemente, para criar novas ideias e objetos. Assim, o processo de referenciação não pode ser visto apenas como um procedimento de acesso a informações. Além disso, a própria expressão “acesso a informações”, também deixa transparecer a ideia de que as coisas sobre as quais falamos tem uma disposição definida, como os produtos em uma prateleira de supermercado, e que, ao referir, apenas selecionamos alguns deles (Silva, 2008, p. 5).

Para Silva (2008) a interação é primordial no processo referencial, visto que o processo referencial está totalmente vinculado às sequências de atividades do falante, como as cognitivas, as interacionais e as sociais. Vale ressaltar que esses falantes possuem certos limites relacionados aos seus processos discursivos, pois são ao mesmo tempo guiados pelas relações sociais que constroem, isto é, como as coisas são faladas e interpretadas. A autora frisa ainda a necessidade desse “[...] entorno discursivo” pois, segundo ela, essas “marcas linguísticas” podem contribuir no processo de categorização.

Assim, nesse campo movediço, que é a referenciação, em que todos os fatores envolvidos são dinâmicos, os efeitos de objetividade e realidade que criam a ilusão de estabilidade, não são dados, mas são frutos dos processos de negociação entre os falantes e podem ser modificados a cada nova interação (Silva, 2008, p. 15).

É importante destacar que existem inúmeras formas de se introduzir o objeto de discurso no texto (seja ele oral ou escrito) para que se possa entender os processos de categorização e recategorização de tais objetos de discursos, isto é, dos elementos essenciais na construção textual dos sentidos. Para Koch (2008), os objetos de discursos são enfáticos, todavia, constrói e reconstrói o seu sentido no “curso da progressão textual” Koch (2008, p. 101), vejamos o trecho abaixo:

Em outras palavras, os objetos de discurso são dinâmicos, isto é, uma vez introduzidos, vão sendo modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se o sentido no curso da progressão textual. O primeiro passo na construção de um texto é a introdução de um objeto-de-discurso na memória textual (em geral, por meio de um nome próprio ou forma nominal). Isto é, um novo objeto-de-discurso é construído e introjetado na memória, onde vai preencher um nódulo, ou seja, passar a ter um endereço cognitivo, de modo a ficar em foco e disponível para retomadas ou remissões. Quando a introdução se faz por meio de um nome próprio, tem-se apenas a nomeação do objeto. Já no caso de se tratar de uma expressão nominal, opera-se uma primeira categorização do objeto-de-discurso, o qual, a cada retomada, pode ser mantido como tal ou, então, recategorizado por outras expressões nominais (Koch, 2008, p. 101).

Para Koch (2001), a referenciação é uma ação cognitivo-discursivo do ser humano, já que é por meio dessa cognição-discursiva que os sujeitos sociais conseguem desenvolver suas capacidades, tanto “intelectuais” quanto “emocionais”, isto é, sua linguagem, pensamento, memória, raciocínio, capacidade de compreensão e percepção das coisas. Para a autora, os referentes vão além de coisas materiais, são objetos construídos ao longo do discurso, e esse processamento pelo fato de ser realizado por indivíduos ativos é estratégico e impulsiona “[...] da parte dos interlocutores, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece” (Koch, 2001, p. 75).

Segundo Koch (2001), o discurso contribui com a memória discursiva à medida que dispõe de representações de seus estágios sucessivos estabelecendo o que a autora intitulada como sendo “as expressões referenciais”. Vejamos como Koch (2001) se posiciona a esse respeito:

[...] a função das expressões referenciais não é apenas a de referir. Pelo contrário, como multifuncionais que são, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente, recategorizando os objetos presentes na memória discursiva (Koch, 2001, p. 87).

Para Moura (2017, p. 199) é evidente que as atividades de construção de referências, ou ainda de objeto de discurso, formam um conjunto de processos complexos e diversificados que constituem uma infinidade de “formas de gerenciamento” que vão se modificando de acordo com as escolhas do sujeito no decorrer do discurso, ou seja, durante a interação verbal. Vejamos as proposições de Moura (2017):

Nessa perspectiva, advoga que, de maneira mais direta, ou mesmo por meio de elementos indicadores, o conteúdo de tais expressões reconstitui/recoloca simbolicamente sentidos instalados nas práticas dos diversos lugares sociais. (Moura, 2017, p. 200).

De acordo com estudos de Koch (2008), verificamos que podem haver a retomada do objeto de discurso de duas formas, com recategorização ou sem recategorização, ou ainda, pode ocorrer o seguimento desse objeto sem que ele perca sua essência e continue em foco, construindo nova cadeia referencial, além de haver a desfocalização desse objeto de discurso, que de início estava em evidência,

passando a ocupar uma posição secundária: “[...] o objeto desativado, contudo, permanece em estado stand by, disponível, portanto, para voltar ao foco sempre que necessário” Koch (2008, p. 102). Ou seja, esse objeto de discurso, que outrora ocupava uma posição secundária, pode retornar ao seu foco seguindo com sua cadeia referencial.

2.8 Estratégias de recategorização de referentes em narrativas orais amazônicas

Diversos autores como Koch (2001, 2008), Moura (2017) e Silva (2008), postulam que os processos de recategorização são resultado de questões sociais e de cognição de objetos culturais que estão inseridos em diversos contextos sociais.

A referenciação é uma prática sociocognitiva e discursiva pela qual vivemos as experiências do mundo biossocial e cultural. Dessa forma, a atividade de referenciar estabelece um grupo de processos, nos quais se reconstroem as experiências de diferentes naturezas. É pela referenciação que manifestamos, através da linguagem, a sociedade a qual estamos inseridos, ou seja, é através da referenciação que o mundo é ressignificado. Isto posto, vejamos o que discorre Moura (2020) a da questão:

Logo, a realidade não é estável e dada, mas construída pelos atos de referência simbólica, que operam não como especularidade do mundo objetual e, sim, como reconstruções dos significados veiculados nos espaços em que a língua atua de forma situada e específica, levando a ressignificações de ações linguísticas de algo já significado, pelo qual provocamos deslocamentos de sentidos nos contextos em que interagimos (Moura, 2020, p. 223).

De acordo com as considerações de Martins (2013, p. 92), a recategorização metafórica consiste em uma composição de referentes, na qual existe uma relação entre objetos de discursos considerados relevantes no “encadeamento textual”. Para o autor, a recategorização metafórica é “[...] parte integrante da forma como percebemos e construímos argumentativamente o mundo” (Martins, 2013, p. 97-98). Por essa razão a considera importante, uma vez que busca reconstruir certas orientações argumentativas: “[...] o emprego de recategorizações metafóricas apresenta-se como um recurso altamente eficaz na construção de sentidos veiculados para os fins da retórica neopentecostal” (Martins, 2013, p. 96).

Para Lima (2009), os processos de categorização e referenciação são tidos como dinâmicos, uma vez que sua estrutura é produzida em relevo, isto é, vai além de um sujeito real, abrangendo também um sujeito-cognitivo capaz de construir o mundo e suas relações sociais que se estabilizam com o auxílio dessas categorias as quais são inclusas no discurso, ou seja, essa autora considera que “[...] os usuários da língua, sujeitos da interação verbal, exercem um papel central nas atividades de designação” Lima (2009, p. 27). A autora acrescenta que:

[...] a perspectiva da referenciação não se centra numa relação de etiquetagem ou mapeamento entre a língua e os objetos do mundo, insurgindo-se claramente contra a visão estática de linguagem como representação [...] (Lima, 2009, p. 27).

Como bem postulado pela autora, os falantes de uma língua não se restringem à meras formalidades ou ainda à “etiquetagem” que a englobam, uma vez que os interlocutores se relacionam e atuam de forma recíproca entre si durante sua ação verbal, visto que a língua é flexível em seus “significados lexicais”. Além disso, o processo de recategorização lexical vem para comprovar essa flexibilidade e maleabilidade na língua natural.

2.9 Conhecendo o projeto NURC

Segundo as postulações de Oliveira Jr. (2012), o Projeto NURC é uma ampliação do “Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica” composto por países que usavam o vernáculo espanhol da América Latina. Segundo autor, o Projeto surgiu no Brasil em 1969, tendo como objeto de estudo a “norma falada culta” das capitais brasileiras Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Para ele, o Projeto NURC tem contribuído sobretudo na formação de pesquisadores da área da linguística, uma vez que auxilia no “[...] estudo da modalidade oral da língua portuguesa culta falada no Brasil” Oliveira Jr (2012, p. 128). Tal questão irá analisar os diversos aspectos da oralidade. Vejamos as postulações desse autor:

O corpus do Projeto NURC é uma coletânea de dados de fala de informantes com formação universitária completa (chamados cultos), organizada para servir de estudo da modalidade oral da língua portuguesa culta falada no Brasil. O material do Projeto NURC foi – e tem sido – largamente utilizado para o estudo de diversas características da oralidade, que vão desde

aspectos discursivos, tais como a análise de narrativas inseridas na conversação [...] e até aspectos mais formais, tais como a análise de elementos argumentativos e pragmáticos, da intertextualidade e da organização interacional e sintática presentes no texto oral [...] (Oliveira Jr., 2012, p. 128).

Oliveira Jr. (2012) enfatiza a importância desse projeto na formação de pesquisadores da área da linguística de corpus e das análises da oralidade, uma vez que o NURC é um projeto que valoriza a língua oral. Segundo o autor, pesquisadores da área da linguística têm se dedicado em “[...] estabelecer bases teóricas para a construção de corpora linguísticos digitais [...]” e suas descobertas têm sido utilizadas como fonte para uma sucessão de estudos relacionados a linguagem.

Silva (1996) acredita que a linguagem humana dispõe de um conjunto de diversidades de falares, visto que pessoas não falam exclusivamente da mesma forma a mesma língua e isso faz com que determinadas modalidades de falares acabem se sobressaindo sobre as demais. Segundo o autor a questão é resultante da evolução da sociedade, ou seja, aquelas pessoas que usufruem de prestígios dentro de determinada comunidade. Essa modalidade de falar prestigiada é denominada norma devido a essas questões. Nas últimas décadas linguístas têm se dedicado ao estudo das variedades linguísticas, e nesse sentido os estudos sobre a língua falada vêm se avolumando, principalmente no meio acadêmico brasileiro e na região metropolitana de São Paulo através do projeto NURC, um dos principais responsáveis por esse avanço nos estudos relacionados a língua falada, o qual objetivava “[...] documentar e descrever a norma do português culto falado no Brasil” (Silva, 1996, p. 83).

3 METODOLOGIA

Nesta seção se encontra a metodologia utilizada por esta pesquisadora no decorrer da referente pesquisa.

Na primeira fase da pesquisa se realizou uma análise bibliográfica acerca do tema em estudo, e na segunda fase ocorreu a pesquisa de campo, na qual se coletou as narrativas orais amazônicas nas comunidades de Irurama e Igarapé-Açu da Ponta Negra.

Essas histórias orais amazônicas foram contadas de forma espontânea, no ensejo em que esta pesquisadora esteve em momentos de convivências e de interações com as comunidades supracitadas. Além disso, as narrativas foram

gravadas em recursos de áudio com a finalidade de manter a sua originalidade e autenticidade, as quais posteriormente foram transcritas nas normas de transcrição de texto oral, o NURC – Norma Urbana Culta.

Nessas transcrições foram preservados o maior número possível de elementos pragmáticos. É importante enfatizar que esses elementos pragmáticos se referem aos elementos extratextuais, isto é, aqueles elementos que estão fora da língua, mas que de certa forma influenciam a produção e compreensão dos textos (narrativas). São processos comunicativos, como a interatividade/interação das narrativas orais, as ênfases, truncamentos das palavras, as pausas, repetições e hesitações, o inverso disso seria reduzir o fenômeno oral ao escrito.

Isto feito, do total do corpus coletado foram selecionadas apenas cinco narrativas orais amazônicas para serem transcritas e analisadas. Esse critério de seleção se deu em razão da necessidade de delimitar o corpus de análise. Do total coletado foram selecionadas 05 narrativas, as que mais apresentaram os processos de recategorização e transcategorização. Essas narrativas são bastantes recorrentes no contexto amazônico.

O estudo que orientou a investigação foi de acordo com os princípios e pressupostos da pesquisa de intervenção participante, a qual se caracteriza pelo fato de o pesquisador se envolver e se identificar com a comunidade a ser investigada, conforme postula Freire (1986):

Dizer que a participação direta, a ingerência de grupos populares no processo da pesquisa altera a “pureza” dos resultados implica na defesa da redução daqueles grupos a puros objetos da ação pesquisadora de que, em consequência, os únicos sujeitos são os pesquisadores profissionais. Na perspectiva libertadora em que me situo, pelo contrário, a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta. Quanto mais, em uma tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando, como sujeitos, o ato de conhecimento em si em suas relações com as suas realidades, tanto mais vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuo (Freire, 1986, p. 35-36).

Do estudo de corpus, isto é, do conjunto de narrativas orais amazônicas recolhidas, foram estudadas apenas os processos de recategorização e transcategorização, levando em consideração os valores sociais e culturais que esses relatos nos trazem.

Foram realizados os registros minuciosos das ações, estando atento a todas as expressões e lançando mão de detalhes, pois cada elemento percebido pode auxiliar na compreensão do objeto investigado.

Comumente, esse tipo de pesquisa objetiva identificar a conexão entre variáveis e se centralizam não apenas na descoberta em si, mas na apreciação dos fatos, apresentando-os, classificando-os e realizando a interpretação. Trata-se, portanto, de um exame aprofundado a respeito da realidade estudada (Trivinos, 2008).

Como dito, a pesquisa foi de cunho bibliográfica e de campo. A primeira fase da pesquisa se constituiu na aquisição de referencial bibliográfico sobre a esteira teórico- metodológica acerca do objeto de pesquisa. Na segunda fase ocorreu a pesquisa de campo.

Na ocasião, foi utilizado o recurso da pesquisa de intervenção participante. A opção pela pesquisa de intervenção participante está ancorada na necessidade do estabelecimento do pesquisador com o fato a ser investigado.

Para mim a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmo. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que dele esteja tendo a população neles envolvidas. Assim, a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade. Se me preocupa, por exemplo, numa zona rural o problema da erosão, não o compreenderei, profundamente, se não percebo, criticamente, a percepção que dele estejam tendo os camponeses da zona afetada. A minha ação técnica sobre erosão demanda de mim a compreensão que dela estejam tendo os camponeses da área (Freire, 1986, p. 35).

A estratégia de pesquisa utilizada foi a pesquisa colaborativa. A opção entre as diversas possibilidades de investigação qualitativa se em função da reciprocidade entre as particularidades desta metodologia e a questão da pesquisa proposta. A prática da pesquisa colaborativa envolveu pesquisadora e comunitários em um duplo processo de produção de conhecimento e interatividade dentro da própria pesquisa, na qual ambos produzem saberes e compartilham estratégias (Ibiapina, 2008). O projeto que deu origem a presente pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste do Pará-CEP-UFOPA, sito a Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 53, Bairro Salé, CEP 68.040-255, E- mail: cep@ufopa.edu.br, telefone para contato (93)2101-4966, nesta cidade de Santarém Pará, no dia 09 de março de 2023, e no dia 07 de maio do mesmo ano foi aprovado pelo referido Comitê, conforme Parecer Consubstanciado do CEP, número 6.066.284.

É importante ressaltar que foram tomados os seguintes cuidados éticos: autorização dos moradores das comunidades para o registro de todas as atividades desenvolvidas e para a realização de gravações através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Resolução 466/2012.

No decorrer da pesquisa, foram coletadas 26 narrativas orais amazônicas, as quais foram recolhidas nas comunidades de Irurama e Igarapé Açu da Ponta Negra, no município de Santarém – Pará, interior da Amazônia. Desse total, o corpus aqui analisado é formado por um conjunto de cinco narrativas. Por fim, apresenta-se uma análise do corpus, de cada narrativa.

Total de Narrativas Analisadas:

Quadro 1 – Definição do Corpus

Entidade	Quantidade
Mulher que se gerava em onça	1
Curupira	1
Boto	2
Cobra Grande	1
Total de narrativas analisadas	5

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Total de Narrativas recolhidas no decorrer da pesquisa:

Quadro 02 – Dados coletados

Entidades	Comunidade	Quant.
Bôta	Irurama	1
Homem que se gerava em Cachorro	Igarapé Açu	1
Mãe d' água	Igarapé Açu	1
Homem que se gerava em Cavalo	Irurama	1
Índio fogoió	Igarapé Açu	1
Guariba guaribombóia	Igarapé Açu	1

Mulher que se gerava em onça	Irurama	1
Boto	Irurama	3
	Igarapé Açu	4
Cobra Grande	Irurama	2
	Igarapé Açu	2
Curupira	Irurama	2
	Igarapé Açu	1
Visagem	Irurama	2
	Igarapé Açu	1
Juruparí	Irurama	1
	Igarapé Açu	1

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

3.1 Análise dos dados

Objetivo analisar as formas de referência a partir da recategorização e transcategorização em narrativas orais amazônicas em um conjunto formado por quatro entidades: “A mulher que se gerava em onça”, “Curupira”, “Boto” e “Cobra Grande”, entidades pertencentes à cultura popular de povos ribeirinhos no interior da Amazônia.

A exposição a seguir se baseia em seis categorias de análises que relacionam as diversas formas de reconstrução de referentes em narrativas orais amazônicas.

Vejamos as categorias:

1ª Categoria: Processos de hiperonímia e hiponímia.

2ª Categoria: O emprego de expressões nominais definidas e indefinidas para (re)construir referentes que protagonizam narrativas orais amazônicas.

3ª Categoria: Processos de transcategorização de entidades pertencentes ao universo do lendário amazônico.

4ª Categoria: Marcadores temporais e espaciais presentes em narrativas orais pertencentes ao universo do lendário amazônico.

5ª Categoria: Atividade de recategorização das entidades “Boto”, “Curupira”, “Cobra Grande” e “Mulher que se gerava em onça” pertencentes ao universo do lendário amazônico.

1ª categoria: processos de hiperonímia e hiponímia.

Nos excertos a seguir vemos, dentro das narrativas orais amazônicas, o uso de estratégias de hiponímia, em que o narrador usa significados mais específicos – numa relação hierárquica de significados – para recategorizar os referentes dentro do processo narrativo, ou seja, a palavra é hierarquicamente inferior (hipônimo), mas que a nível semântico pode ser inserida numa classe superior (hiperônimos), ou ainda, poderíamos utilizar termos genéricos, isto é, utilizar expressões nominais mais comuns, mais amplas para se referir aos personagens do lendários amazônicos.

Dessa forma, as estratégias de hiperonímia e hiponímia são utilizadas nos excertos abaixo como forma de ressignificar os referentes no dinamismo do processo narrativo.

É interessante enfatizar que as estratégias de hiperonímia e hiponímia atuam para dar mais coesão e coerência aos sentidos dos textos, uma vez que são elementos que fazem retomada de ideias anteriores inseridas no processo discursivo.

Abaixo seguem cinco excertos de narrativas e suas respectivas análises, nas quais constam estratégias de hiperonímia e hiponímia que dizem respeito à personagens que compõem o conjunto de narrativas pertencentes ao lendário amazônico: “Mulher que se gerava em onça”, “Curupira”, “Boto” e “Cobra Grande”.

Nos cinco excertos em destaque é perceptível a presença de hiperônimos e hipônimos nas entidades que protagonizam o enredo de cada uma dessas narrativas. Os hiperônimos e os hipônimos são muito importantes na coesão textual, pois são os elementos responsáveis pela ligação equilibrada do texto, no caso as narrativas.

Vale destacar que os hiperônimos e os hipônimos são utilizados nos excertos em destaque como forma de evitar a reincidência desnecessária dos

referentes no decorrer da construção da narrativa pelo narrador. Eles ocorrem ou vão sendo reconstruídos conforme progressão do discurso, (re)nomeando os referentes que vão sendo substituído no momento da produção das narrativas de forma a recategorizá-los com mais habilidade.

Excerto 1: Mulher que se gerava em onça.

Outra coisa que a mamãe conTava é que tinha essas pesso::as já ANTiga que se diziam que curavam que falaVAM que () transforMAvam em outra coisa né? pessoas se transforMAvam em bicho por exemplo...se transforMAvam em bicho...onça por exemplo...a mamãe sempre conTava tinha uma senhora que chamava de tia Rosa ai...quando era noite de temporal no tapari que era só casa assim...não era assim como é agora/ai esses cachorro laTIU laTIU parece que tAVAM correndo atrás de alguma coisa né? aí algumas pesso::as já TINha visto o vulto que era uma onça...[...] [...] aí eles acreditaram que foi eles que atacaram...que atacaram essa onça e feriram que a partir daí eles passaram a dizer que era mentira porque ela não () tava na roça...que era ela que tava se gerando pra onça e foram desmascarando e nunca mais ela se gerou [...].

No primeiro excerto podemos observar que o referente principal, “Onça” não vem expressamente lexicalizado no início da narrativa. O narrador introduz o referente a partir da expressão lexical “em bicho”, cujo termo é um processo de hiperonímia que exerce dentro da narrativa a função de elemento coesivo que introduz e faz a retomada de referentes, isto é, ativa e desativa o referente sem que haja a necessidade de repetição para em seguida inserir a categoria principal “onça”.

“Outra coisa que a mamãe conTava é que tinha essas pesso::as já ANTiga que se diziam que curavam que falaVAM que () transforMAvam em outra coisa né? pessoas se transforMAvam em bicho por exemplo...se transforMAvam em bicho...onça”. Nesse trecho da narrativa, noto o processo de hiperonímia e hiponímia, respectivamente, no qual o narrador introduz o referente de forma mais genérica, mais abrangente, por meio da expressão lexical “em bicho”, para logo em seguida utilizar uma expressão lexical mais específica e, finalmente, dar ênfase ao ser encantado “onça” e introduzir esse objeto de discurso na narrativa.

Excerto 2: Curupira.

() ai no meu terreno...essa área aqui né? como pra CÁ TAMbém pra beira...eu e a () como eu ando...quando comecei a andar...eu andava assim...eu sempre...desde novinho eu comecei a andar só né?...sozinho e Deus né?...primeiro lugar Deus...aí eu...caçava...quando comecei a caçar...eu via umas marmotas...até que um dia...eu...aí eu disse...papai me disse assim...rapaz o que é? aí ele disse () aí tem uma curupira que anda aí...eh rapa (mas ela não mexe com ninguém) só se mexer com ela né? [...].

O segundo excerto se refere ao personagem ligado ao universo do lendário amazônico intitulado “Curupira”, no qual o narrador inicia sua contação de história inserindo o referente a partir da expressão nominal indefinida “umas marmotas”, e posteriormente recategoriza esse referente apresentando a categoria principal por meio da expressão nominal definida “o Curupira”. Nesse sentido, a expressão nominal “umas marmotas” está relacionada ao processo de hiperonímia que vem fazendo a retomada de referente em uma escala hierárquica decrescente, além de abranger uma expressão nominal mais geral para uma expressão nominal mais específica. A expressão nominal definida “um curupira” se trata de um processo de hiponímia que ocupa, dentro do processo narrativo, significados hierárquicos mais específicos relacionado ao hiperônimo “umas marmotas”, em que o papel de ambos é realizar a retomada ou anunciar a chegada de um novo referente dentro do processo narrativo.

Excerto 3: O Boto

() aí num tuco do Plquiazei::ro grande no garaPÉ...saiu uma água do fundo...assim oh...falhou aquela água limpa...limpa...areia branquinha...fininha...aí bom...a gente ia tomar banho por LÁ no tempo da dona Joana...as filhas iam tomar banho...todas as filhas tiveram problemas de CA-be-ça...dor de CA-be-ça... dor de CA-be-ça () seu Aníbal quando ia matar uma caça...quando ele chegava lá...nove horas da noite...deixava a caça pra dona Joana cuidar e ia tomar banho...quando ele chegou lá tirou a roupa e aquilo pá na bunda dele...eh cara não TÔ mexendo contigo...aí ele mergulhava...não via nada...era só isso...[...] [...] aí a mamãe e o pessoal do velho Dias passavam no terrei::ro de casa () eram quatro mulher...aí QUANdo () os butos gostavam das mulher...né? aí era ele assoviando...Fl...Fl...aí o pessoal já venho...aí quando passa::va a mamãe brechava...aí passava aqui::lo de roupa branca () que TA-va atrás delas pra lá () mas ele sumia (mas toda vez a mamãe cansou de vê)...aque::la roupa branca que passava tarde era ele...o botu () [...].

No terceiro excerto, diferentemente dos recortes anteriores, vê-se que a categoria “Boto” só aparece ao final do enredo da narrativa.

Ao longo do processo narrativo esse referente vai sendo reconstruído em sua forma de homem animado, por meio das expressões nominais definidas “aquilo pá na bunda dele...eh cara não TÔ mexendo contigo...aí ele mergulhava...não via nada...era só isso”. Nessa dinâmica, o narrador usa sua criatividade e conhecimento cognitivo-cultural e induz ao espectador acreditar que a história se refere aos humanos.

Ao prosseguir discursivamente o narrador passa a (re)nomear esse

referente, fazendo uso dos sintagmas nominais “os botus gostavu das mulher...né? aí era ele assoviando...Fl...Fl...aí o pessoal já venho...aí quando passa::va a mamãe brechava...aí passava aqui::lo de roupa branca () que TA-va atrás delas pra lá () mas ele sumia (mas toda vez a mamãe cansou de vê)...aque::la roupa branca que passava tarde era ele...o botu”. Nesses artifícios usados pelo narrador, por meio das indumentárias desse ser encantado, ele passa a recategorizar esse referente dentro do processo narrativo. Ora esse referente é humano animado, perceptível a partir da descrição de suas indumentárias, ora é animal animado, visível a partir da inserção da expressão nominal definida “o Botu”, no processo narrativo.

Nessa última reconstrução de referente, além do processo de recategorização, ocorre a mudança de categoria de homem animado, para animal animado, isto é, ocorre o processo de transcategorização – a metamorfose – que só é visível ao final da narrativa quando finalmente o narrador insere a categoria principal no discurso “o Botu”, que é retomado anaforicamente por termos mais abrangentes como “aqui::lo de roupa branca” (hiperônimos). Nesse contexto também ocorre o processo de hiponímia, visto que “aqui::lo de roupa branca” é um elemento que compõe a indumentária da entidade encantada “Boto” (hipônimo) no cenário amazônico.

Esses processos de hiperonímia e hiponímia, que se fazem presentes nas narrativas, são recursos textuais necessários para as suas próprias construção, objetivando uma sequência lógica nos textos narrados, além de dar coesão e coerência a esses relatos e, conseqüentemente, uma forma de descrever a maneira como esses personagens são reconstruídos e movimentados dentro dessas narrativas no contexto amazônico.

Excerto 4: Cobra Grande.

[...] que ele chorava e dizia que era o Noratinho...dizendo que ele foi encantado e ele que morava na ponta do cururu...pra ele...ele tinha vontade de sai do encante...mas pra isso...a pessoa que fosse pra desencantar...tinha que meia noite...com um litro de leite de gado...de vaca preta e um machado...para que quando ela viesse e colocasse a cabeça na terra...a pessoa dava as machadadas pra matar aquele animal...no caso a cobra e jogar o leite assim por cima...quando matasse essa cobra...aí o rapaz se desencantava e se tornava pesso::a...então até hoje ninguém desencantou essa cobra [...].

No quarto excerto o narrador, de início, já introduz o referente principal na narrativa a partir de uma expressão nominal definida própria “o Noratinho”, em que o

referente principal é um nome próprio pertencente ao universo do lendário amazônico já comum ao narrador.

Nesse contexto, o narrador inicia sua narrativa apresentando esse referente ao espectador já em sua forma metamorfoseada que ao longo do discurso vai sendo modificado, (re)nomeado ou recategorizado de maneira a evitar reincidência de mesmas palavras no texto narrado.

O narrador usa de artifícios no momento de recategorizar o objeto de discurso e opta por (re)nomear o referente usando a expressão nominal definida “aquele animal”. Dessa forma, evita repetição da mesma palavra nos textos narrados e os deixando mais coerentes e coesos, função própria do processo de hiponímia e hiperonímia. É importante destacar que nessa dinâmica o narrador sempre leva em consideração a hierarquia entre os termos por ele usado.

Nessa narrativa, o processo de hiperonímia é inserido discursivamente conforme progressão da narrativa por meio da expressão nominal definida “aquele animal”, que logo em seguida é retomada pela expressão nominal definida “a cobra” (hiponímia). Nessa dinâmica, o narrador vai construindo e reconstruindo seu objeto de discurso. Por fim, recategoriza esse referente por meio da expressão nominal definida “o rapaz”, a partir dessa última recategorização se percebe que houve uma mudança de categoria, aqui o narrador já não mais se refere a animal animado (cobra), mas sim a humano animado (o rapaz).

Excerto 5: O Boto

Lenda agora...porque ninguém mais acredita...só é nos livros e pronto...quanto mais você estuda...você vai dizendo que é lenda...que é lenda...e o aluno passa a acreditar que tudo é lenda...ele não viveu...ele não presenciou nada disso...e nem ouviu essas histórias...mas se tu tivesse morado no Urucurituba como eu morei criança... tu ia ver que a história do boto não era lenda...LÁ acontecia...ninguém...ninGUÉM...mulher não podia chegar na beira do Amazonas menstruada né? porque o boto engravidava[...] olha a gente ia da minha casa para a casa da minha tia...tinha um pe-da-ço assim...e a gente enconTRAVA assim...encima das pontes homens VESTidos de branco...e a gente dava aquele arrepio na gente...quando a gente passava um pouco...e só via o barulho da água...o homem caia na água e de repente já saía como boto né? faZENdo aquela coisa de boto [...].

No quinto excerto, o processo narrativo logo de início já apresenta a categoria principal a partir do léxico “o boto” (animal), em que essa primeira expressão nominal “o boto engravida” se trata de um processo de hiperonímia que vem abrangendo um termo mais amplo em relação a um termo mais específico.

Ao prosseguir discursivamente o narrador recategoriza o referente, dessa vez fazendo uso do hipônimo “o homem” em que, nesse contexto, “o homem” é hipônimo de animal, pois tem sentido mais restrito, isto é, trata-se de um processo de hiponímia, no qual o referente ocupa uma posição cujo significado é hierarquicamente mais específico em relação ao hiperônimo (boto, animal), cujos papéis de ambos é realizar a retomada ou anunciar a chegada de um novo referente no processo narrativo.

Como podemos observar nas narrativas em análise, ocorre a reincidência dos processos de hiponímia e hiperonímia, na qual a primeira expressão lexical tem a função mais específica e menos abrangente dentro desse processo narrativo (o homem), ou seja, tem a função de especificar o referente ao qual está sendo dito. Já a segunda expressão lexical funciona de forma mais ampla e que agrega muitos outros termos (o boto, animal). Na semântica, em uma escala, os hiperônimos são hierarquicamente superiores aos hipônimos.

Após análise dos excertos das narrativas transcritas acima, constatei que os processos de hiponímia e hiperonímia são fundamentais no momento de recategorizar um referente e no decorrer da estrutura referencial das narrativas, uma vez que esses processos contribuem na progressão da cadeia referencial, permitindo a coesão e coerência ao texto, seja ele oral ou escrito.

Além dos processos de hiponímia e hiperonímia, todos os excertos em análises apresentaram o processo de transcategorização, no qual ocorreu a mudança de categoria humano animado para a categoria animal animado.

Segundo Alves *et al.* (2022), a linguagem em seu uso cotidiano constitui diversos significados, isto é, no decorrer da progressão textual as palavras vão produzindo novas definições de acordo com o contexto a qual a linguagem está imersa. Para as autoras, a semântica é uma ciência direcionada aos estudos da compreensão da significação das palavras. Ainda segundo elas, a linguagem é dinâmica e se constrói pela interação entre interlocutores, ou seja, essa visão de linguagem incide sobre a construção de sentidos a partir do funcionamento dessa língua, uma vez que a linguagem, em sua eficácia, produz inúmeros processos de significação, isto é, as palavras vão assumindo novos sentidos à medida que os contextos vão sendo encaixados.

Para Alves *et al.* (2022), isso ocorre devido a linguagem se modificar cotidianamente, e isso faz com que a língua seja vista não de maneira denotativa, pois

sua significação vai além de seu uso no sentido literal, ou seja, seu significado produz sentidos os quais excedem o significado básico de palavras, expressões e enunciados de uma língua, detectando, dessa forma, a presença de vários fenômenos semânticos.

A primeira categoria de análise feita por esta pesquisadora envolve os fenômenos semânticos da hiperonímia e hiponímia presentes no corpus de análise. Esses processos de hiperonímia e hiponímia, apresentados nas narrativas analisadas, são estratégias usadas pelo narrador dentro do processo narrativo como forma de ressignificar esses referentes e dar mais coesão e coerência a esses relatos, e, por conseguinte, evitar repetições desnecessárias das mesmas palavras, que de certa forma poderiam comprometer o entendimento das narrativas no decorrer da progressão textual.

Dentro das narrativas analisadas os processos de hiperonímia e hiponímia atuam no sentido de argumentar e trazer novos significados aos textos narrados. Na expressão nominal “em bicho”, por exemplo, é possível verificar o contexto no qual ela foi empregada dentro da narrativa, além disso, fica evidente que essa expressão nominal estabelece uma relação de hiperonímia com a expressão lexical “onça”, isto é, tem-se um hiperônimo em que o narrador faz uso de uma expressão nominal mais abrangente para que no decorrer do seu processo discursivo venha especificar o seu referente principal “onça”, que é um hipônimo. Dessa forma, o narrador vai reconstruindo discursivamente seu referente e estabelecendo por meio dos processos de hiperonímia e hiponímia as relações entre palavras existentes nas narrativas com sentidos gerais e específicos, como é o caso dos exemplos dados, assim contribuindo para que haja organização e progressão textual.

Nessa perspectiva, Alves *et al.* (2022) postulam que nos estudos relacionados à linguagem, os processos de hiperonímia e hiponímia abrangem estratégias específicas que auxiliam no entendimento do texto, isto é, “[...] a partir de escolhas lexicais adequada que contemplem termos específicos ou abrangentes e estabelece-se a qualidade textual” (Alves *et al.*, 2022, p. 704).

Nesse viés, as autoras salientam que tanto a argumentação quanto o tratamento desses fenômenos são fundamentais para a “contribuição da compreensão acerca da linguagem e seus movimentos no meio social” (Alves *et al.*, 2022, p. 704). Ou seja, os processos de hiperonímia e hiponímia atuam no texto como uma espécie de instrumento que dá coesividade ao texto, mas sempre levando em

consideração uma escala hierárquica de significados, isto é, sempre partindo de uma significação mais restrita para uma expressão mais genérica – chamados de hipônimos – , ou ainda de uma expressão mais ampla para uma mais restrita – chamados de hiperônimos –. De acordo com as autoras, esses processos “tratam das ideias de parte e todo” (Alves *et al.*, 2022, p. 702).

Os hipônimos e hiperônimos são fenômenos semânticos indispensáveis na dinâmica do processo narrativo do corpus em análise, uma vez que esses elementos são responsáveis pela clareza do discurso. No contexto em que ocorre a produção desses relatos, é o narrador que, ao longo da sua progressão textual, reflete suas escolhas lexicais mais apropriadas no decorrer da sua contação de histórias. Esses processos de hiperonímia e hiponímia são bastantes significativos dentro desses relatos, pois além de contribuírem com a progressão textual, fazem retomadas de ideias já expostas anteriormente no discurso sem que haja reincidência do mesmo vocábulo que pudessem causar prejuízos à compreensão desses textos narrados.

Nessa primeira categoria de análise se buscou identificar, nas narrativas que compõem o corpus, a maneira como os fenômenos semânticos da hiperonímia e hiponímia atuam no desenvolvimento e progressão dessas narrativas pertencentes ao universo lendário da região amazônica.

Ao final das análises, constatei que esses fenômenos são fundamentais para o desenvolvimento e construção dos textos narrados, isto é, para que haja progressão, coesão e coerência textual.

2ª categoria: o emprego de expressões nominais definidas e indefinidas para (re)construir referentes que protagonizam narrativas orais amazônicas.

No corpus aqui delimitado para análise vemos que o narrador usa de artifícios como o emprego de expressões nominais definidas e indefinidas para se referir às entidades: “A mulher que se gerava em onça”, “Curupira”, “Boto” e “Cobra Grande”, pertencentes ao universo do lendário amazônico. Tais vocábulos desempenham funções cognitivo-discursivas importantes na progressão desses textos narrados.

Nos cinco excertos analisados é possível observar que nos trechos dessas narrativas orais há o emprego de expressões nominais definidas e indefinidas usadas para recategorizar os referentes que protagonizam essas narrativas. É importante

destacar que as expressões nominais definidas são formadas por um determinante e um nome, esse determinante pode ser um artigo definido ou ainda um pronome demonstrativo. Já as expressões nominais indefinidas são formadas por um determinante indefinido.

Nos cinco excertos em destaque é notável a presença de expressões nominais definidas, que são sintagmas nominais que constroem o referente. Esses sintagmas, como dito anteriormente, podem ser um artigo definido ou ainda um pronome demonstrativo que vem para indicar um referente já introduzido anteriormente no discurso. Já os sintagmas nominais indefinidos também possuem sua importância na progressão textual, uma vez que, por meio deles, pode ocorrer a reconstrução dos objetos do discurso.

Excerto 1: Mulher que se gerava em onça.

[...] aí esses cachorro laTIU laTIU parece que tAVAM correndo atrás de alguma coisa né? aí algumas pesso::as já TINha visto o vulto que era uma onça...aí SEi que SEMpre a-PA-re-cia isso...nas noite de TEM-po-rai::s...toda vida a-pa-RE-cia isso aí...aí num belo dia numa bela noite eles se juntaram e disseram que iam atrás dessa onça...[...] aí quando foi nessa noite () eles cortaram umas varas bem apontadas e se reuni::ram quando eles viru vinha uma onça realmente corre::ru atrás com cachorro ela corria e eles correru () era num sei quantos homens tentaram cercar e...sei...que jogaram pau é pra furar...éh...éh...alguém –atacou que pegou assim do lado dessa onça e essa onça CORReu e eles correru atrás dessa onça () aí desapareceu no mato...[...].

No primeiro excerto, “aí esses cachorro latiu... latiu... parece que tAVAM correndo atrás de alguma coisa... né? aí algumas pesso::as já TINha visto... o vulto... que era uma onça”. Nesse trecho a referência ocorre por meio do sintagma nominal indefinido “alguma coisa”, sendo que esse referente é retomado por anáforas, por meio dos sintagmas nominal definido e indefinido, respectivamente, “dessa onça”, “essa onça” e “uma onça”.

É notável que essas expressões nominais no referido contexto desempenham funções cognitivo-discursiva muito importantes, uma vez que por meio do uso dessas expressões nominais ocorre a recategorização do objeto de discurso dentro das narrativas.

Excerto 2: O Boto.

[...] aí a mamãe e o pessoal do velho Dias passavam no terrei::ro de casa () eram quatro mulher...aí QUANdo () os botos gostavam das mulher...né? aí era ele assoviando...FI...FI...aí o pessoal já venho...aí quando passa::va a

mamãe brechava...aí passava aqui::lo de roupa branca () que TA-va atrás delas pra lá () mas ele sumia (mas toda vez a mamãe cansou de vê)...aque::la roupa branca que passava tarde era ele...o botu [...].

No segundo excerto, o narrador inicia o processo narrativo, recategorizando o referente por meio do léxico “eh cara não TÔ mexendo contigo...aí ele mergulhava”, reconstruindo de maneira sociocognitiva esse objeto de discurso pertencente ao universo do lendário amazônico. Nessa dinâmica de interação, o narrador vai reconstruindo o mundo biossocial no qual está imerso e, posteriormente, recategoriza o referente por meio da personificação “aí era ele assoviando”, caracterizando, dessa forma, o animal animado “Boto” como humano animado.

A partir dessas recategorizações o narrador nos permite entender que se trata de um ser encantado, uma vez que essa dinâmica usada por ele é fluída, dinâmica e emergente, ou seja, modifica-se constantemente, constrói e reconstrói sua realidade dando sentido ao seu mundo cultural.

Ao finalizar do processo narrativo o narrador anuncia o referente principal, para isso ele faz uso das expressões nominais definidas “o boto” e “os botos”. Essa forma de referenciar utilizada pelo narrador durante o processo narrativo fez com que se evitasse a reincidência de mesma palavra (boto) no decorrer da narrativa, isto é, conforme progressão dos relatos esse narrador reconstrói discursivamente seu referente até que a categoria principal fosse anunciada.

Excerto 3: O Curupira.

[...] quando comecei a caçar...eu via umas marmotas...até que um dia...eu...aí eu disse...papai me disse assim...rapaz o que é? aí ele disse () aí tem uma curupira que anda aí [...] esse eu conto que eu vi porque eu enxerguei mesmo...um ba-RU-lho que eu dizia que era até uma caça () direto no bebedor...aí eu teve LÁ que quando eu vi...apareceu...um garotinho...um garotinho assim...veio...veio...veio...veio...direto LÁ no bebedor...teve LÁ...DE LÁ ele saiu...foi embora () um moleque...eu chamo moleque porque era bem miudinho né?...mas () que era o dono...[...] eu foi mais na frente...aí veio aquele barulho...liguei a lanterna...foquei...mas não vi nada...mas aí eu falei com ela...eu pedi pra ela...a hora que ela me desse uma caça...eu vinha embora...eu queria um veado () aí ela assoviou LÁ dentro...quando veio de NO-vo...era um veado...[...] porque nós escuta o barulho...a tucura dela...ela assovia...bate nos pau [...].

No decorrer do processo narrativo do terceiro excerto observei que antes de anunciar a categoria principal o narrador recategoriza o referente inserindo no discurso a expressão nominal indefinida “umas marmotas”, para na sequência anunciar o referente principal que é introduzido logo no início da narrativa por meio da

expressão nominal indefinida “uma curupira”, que ao longo do discurso vai sendo recategorizado anaforicamente pelas expressões nominais também indefinidas “um garotinho”, “um garotinho assim”, “um moleque”, “moleque porque era bem miudinho”, e pela expressão nominal definida “a comadre”.

Ao longo do discurso esse referente vai sendo recategorizado ou reconstruído nos levando a acreditar que se trata de seres possivelmente humanos, e pela forma que o narrador reconstrói discursivamente esses referentes entendendo que essas narrativas são integrantes da memória cognitiva-discursiva e interativa desse narrador, uma vez que os sintagmas nominais “moleque porque era bem miudinho”, usado pelo narrador para recategorizar o referente “um curupira”, apresenta elemento modificador adjetival, por meio do qual o narrador qualifica esse referente como humano animado.

Ao prosseguir discursivamente o narrador recategoriza o referente a partir da expressão nominal definida “a comadre”, nesse processo de recategorização o narrador mostra uma relação de afetividade com essa entidade, já que se refere ao “curupira” como se fosse madrinha de algum filho seu.

É interessante a forma como o narrador usa sua cognição para transmitir ao espectador todo o seu conhecimento e envolvimento com esses acontecimentos que são corriqueiros nessas comunidades onde esses relatos são produzidos.

Excerto 4: A Cobra Grande.

[...] ponta do cururu tem uma cobra grande encantada...que vinha nos trabalhos...antes que tinha uns curandeiros né? faziam seus trabalhos [...] que ele chorava e dizia que era o Noratinho...dizendo que ele foi encantado e ele que morava na ponta do cururu...pra ele...ele tinha vontade de sai do encanto...mas pra isso...a pessoa que fosse pra desencantar...tinha que meia noite...com um litro de leite de gado...de vaca preta e um machado...para que quando ela viesse e colocasse a cabeça na terra...a pessoa dava as machadadas pra matar aquele animal...no caso a cobra e jogar o leite assim por cima...quando matasse essa cobra...ai o rapaz se desencantava e se tornava pesso::a...então até hoje ninguém desencantou essa cobra [...]

No quarto excerto, o processo narrativo já inicia anunciando o referente principal por meio da expressão nominal indefinida “uma cobra grande encantada”. Esse sintagma nominal vem acompanhado de um elemento modificador adjetival e conforme progressão do discurso esse referente vai se modificando.

Posteriormente, ocorre a recategorização da categoria principal, perceptível na inserção da expressão nominal definida própria “o Noratinho”, que é o nome dado a entidade “Cobra Grande” em sua forma metamorfoseada pertencente

ao universo do lendário de povos ribeirinhos do interior da Amazônia.

No decorrer da progressão da narrativa novos referentes são introduzidos no discurso, dessa vez por meio das expressões nominais definidas “a Cobra”, “aquele animal”, “essa Cobra” e “aquele rapaz”. Nesse contexto discursivo os referentes progridem discursivamente, uma vez que os referentes se modificam com a progressão discursiva, isto é, ora o narrador se refere ao referente como animal animado, ora se refere a esse mesmo referente como humano animado. Nessa dinâmica usada pelo narrador ocorre o processo de transcategorização sem que haja prejuízos relacionados a coesão e coerência dentro do processo narrativo.

Vale ressaltar, que esses objetos de discurso não são preexistentes, dados ou fixos no discurso, mas são construídos conforme vai ocorrendo a progressão textual discursiva.

Excerto 5: O Boto.

[...] mas se tu tivesse morado no Urucurituba como eu morei criança... tu ia ver que a história do boto não era lenda...LÁ acontecia...ninguém...ninGUÉM...mulher não podia chegar na beira do amazonas menstruada né? porque o boto engravidada... [...] tanto que uma vez disque a mamãe contava que os meus tios que eram rapaz...correu atrás desse rapaz LÁ da casa...todo de branco...com cachorro e foram atrás dele...com pau e tudo...e ele caiu na água...e LÁ já fazia como boto... [...].

No quinto excerto o processo narrativo apresenta o referente principal ao inserir no discurso a expressão nominal definida “o Boto”. Com o uso dessa progressão referencial esse referente vai sendo modificado de acordo com a dinâmica do discurso. Posteriormente, o narrador faz uma retomada de objeto de discurso inserindo um novo referente no processo discursivo, e dessa vez o referente é recategorizado por meio da expressão nominal definida “o homem”.

Além do processo de recategorização, ocorre também o processo de transcategorização, mudança de categoria, isto é, processo de metamorfose em que o animal animado passa a ser visto em sua forma homem animado.

Ao reconstruir o referente o narrador usa suas habilidades cognitivas, seus conhecimentos, sua capacidade mental, sua memória, atenção, linguagem, criatividade e planejamento para nos levar a acreditar de que se trata de seres encantados, uma vez que o narrador usa de artifícios no decorrer do processo narrativo recategorizando o referente com uma expressão nominal definida mais longa “o homem caía na água e de repente já saía como boto”.

Logo em seguida é feita uma retomada de referente, dessa vez com a expressão nominal indefinida “alGUÉM entrou na porta” e com a expressão nominal definida mais longa “desse rapaz LÁ da casa”. Observa-se que os novos referentes usados pelo narrador já não mais se referem ao “boto-homem” ou “homem-boto”, mas ao próprio homem, isto é, o Homo sapiens.

Segundo Siqueira (2012), a coesão textual é um elemento fundamental na produção de sentidos dentro da estrutura textual e está ligada à diversas “[...] possibilidades de conexão entre os elementos linguísticos na superfície textual” Siqueira (2012, p. 185).

A segunda categoria de análise feita por esta pesquisadora buscou examinar a forma pela qual ocorrem os processos de referenciação, concebidos a partir do uso de expressões nominais definidas e indefinidas presentes em narrativas orais amazônicas, e quais funções cognitivas discursivas essas expressões nominais exercem dentro desses processos narrativos.

No decorrer das análises constatei que as expressões nominais definidas e indefinidas são recorrentes dentro dessas narrativas e possuem diversas funções cognitivas discursivas embutidas nos relatos, isto é, são fenômenos que contribuem para a construção textual dos sentidos dessas narrativas.

Siqueira (2012) pleiteia que as expressões nominais são formas linguísticas que compõem o núcleo, isto é, compõem o sujeito que pode vir ou não acompanhado por determinante, sendo que esses determinantes podem variar entre um artigo, um pronome demonstrativo, adjetivos ou numerais, podendo vir acompanhados também por adjetivos, locuções adjetivas e orações adjetivas. Para a autora, na atividade de referenciar o produtor do texto pode usar critérios de seleção ao fazer uso das expressões nominais definidas e indefinidas, isto é, de acordo com as características de seu objeto de discurso. Esse produtor textual usará as expressões que mais produzirão sentido ao seu objetivo ao produzir seu texto.

No decorrer das análises constatei que as expressões nominais presentes nas narrativas analisadas geralmente apresentaram um determinante e um nome, que na grande maioria dos exemplos, deu-se pela presença de um artigo definido, como por exemplo, na expressão nominal “a comadre” em que “a” é o determinante e assume a função de artigo definido, e “comadre” é o nome, o núcleo, o sujeito, ou ainda um pronome demonstrativo seguido por um nome, como por exemplo, as expressões nominais definidas “essa Cobra” e “aquele rapaz”, nas quais as

expressões nominais “essa” e “aquele” são os determinantes e assumem a função de pronome demonstrativo, e as expressões nominais “cobra” e “rapaz” são os nomes, os núcleos, os sujeitos.

Por diversas vezes essas expressões nominais definidas vieram seguidas por um elemento modificador adjetival, como por exemplo, as expressões nominais “um garotinho assim” e “moleque porque era bem miudinho”, em que o narrador qualifica o referente “curupira” como humano animado. Em uma relação de intimidade e afetividade, o narrador transmite ao espectador todo o seu envolvimento com esses fatos que ocorrem nessas comunidades em que esses relatos são produzidos.

Já as expressões nominais indefinidas se apresentaram dentro desses processos narrativos por um determinante indefinido, ou ainda por diversas vezes pôde ser marcada pela falta desse determinante, como por exemplo, nas expressões nominais “alguma coisa” e “uma onça”, em que as expressões nominais “alguma” e “uma” assumem a função de artigo indefinido, e a expressão “onça” é o nome, o núcleo, o sujeito.

É importante destacar que no decorrer desses processos narrativos por inúmeras vezes o narrador utiliza expressões nominais a partir de seu conhecimento sociocognitivo, uma vez que esses relatos são produzidos a partir da interação social entre esses indivíduos que os contam, perceptível dentro desse processo narrativo a partir da expressão nominal, “umas marmotas”, em que o artigo indefinido é marcado pelo uso da expressão nominal “umas” e o léxico “marmotas” assume a função de nome. Nessa dinâmica, o narrador constrói e reconstrói sua realidade dando sentido ao seu mundo cultural.

Conforme Siqueira (2012), a linguística textual tem como objeto de estudo o uso das operações linguísticas desde a sua construção, funcionamento até a recepção dos textos sejam eles escritos ou narrados. A autora considera o texto como “a unidade básica de sentido em uma situação de comunicação e, portanto, é importante ressaltar o fato de que todo texto é produzido por um sujeito social, que faz parte de determinada cultura em certa época” Siqueira (2012, p. 186). Isto é, para ela os indivíduos dão sentidos aos referentes inseridos em uma produção textual a partir do meio cultural em que vivem, ou seja, cada objeto de discurso é um artefato do desempenho do indivíduo ou de sua experiência social. Dessa maneira, a autora afirma que “[...] o referente não é visto como uma simples representação do mundo, mas como um produto da percepção e da cognição do sujeito” Siqueira (2012, p. 187).

Nessa segunda categoria, nas análises feita por esta pesquisadora, constatou-se que o processo de referenciação ocorreu de diversas formas como introdução e retomadas dos referentes dentro dessas narrativas, uma vez que esses referentes presentes nesses relatos se constituem como objetos de discursos, que são construídos e reconstruídos discursivamente a partir das experiências do narrador e de sua visão de mundo, isto é, de posse desses instrumentos linguísticos o narrador realiza suas escolhas lexicais e nelas produz os efeitos de sentidos.

Na compreensão de Siqueira (2012, p. 187):

Na atividade de referenciação, quando os referentes são retomados ou servem de base para a introdução de novos referentes, as formas ou expressões nominais assumem papel de destaque pelo fato de propiciarem uma ampla gama de escolhas lexicais.

Ou seja, para a autora as escolhas do produtor do texto (narrador) serão sempre decisivas para a construção e reconstrução dos referentes no decorrer da progressão textual, intervindo no texto tanto discursivamente, quanto progressivamente.

Desse modo, concluo que as formas de construção e recategorização de referentes textuais se mostram como um recurso eficaz para a progressão, coesão e coerência dos textos narrados. Dessa forma, o narrador desenvolve a cadeia referencial, isto é, as expressões nominais definidas e indefinidas se apresentam dentro dessas narrativas como elementos essenciais na construção textual dos sentidos.

3ª categoria: processos de transcategorização de entidades pertencentes ao universo do lendário amazônico.

Como vimos, a referenciação é um processo no qual estão envolvidas as formas de transcategorização, categorização e recategorização, essas formas são outras maneiras de reconstruir os referentes, e essas reconstruções dentro das narrativas amazônicas são importantes, uma vez que produzem significados culturais e sociais próprios de determinadas comunidades.

Seguem análises de cinco excertos de narrativas orais amazônicas em que ocorre o processo de transcategorização de entidades pertencentes ao Universo do

Lendário Amazônico.

É válido postular que a partir dos processos de transcategorização o mundo tanto em discurso, quanto em linguagem, pode ser reconstruído, isto é, não basta somente recategorizar ou (re)nomear os referentes, mas dar sentido e forma à linguagem a partir de seres e objetos de discurso do mundo biossocial e cultural. Esse processo é um tanto enigmático, visto que essas entidades não são fixas ou prontas no mundo biossocial, mas construídas ao longo do discurso, isto é, dependem dos fatores discursivos e semânticos que ocorre durante o processo de interação.

É importante destacar que o sistema linguístico não apresenta expressões referenciais prontas, mas são construídas ao longo do discurso e estão sujeitas à mudanças de acordo com os eventos e objetos de discurso do mundo biossocial e cultural, como veremos a seguir.

Excerto 1: Mulher que se gerava em Onça.

Outra coisa que a mamãe conTAVa é que tinha essas pesso::as já ANtiga que se diziam que curavam que falaVAM que () transforMAvam em outra coisa né? pessoas se transforMAvam em bicho por exemplo...se transforMAva em bicho...onça por exemplo...a mamãe sempre conTAVa tinha uma senhora que chamava de tia Rosa ai...quando era noite de temporal no tapari que era só casa assim...não era assim como é agora/aí esses cachorro laTIU laTIU parece que tAVAM correndo atrás de alguma coisa né? aí algumas pesso::as já TINha visto o vulto que era uma onça...aí SEi que SEMpre a-PA-re-cia isso...nas noite de TEM-po-rai::s...toda vida a-pa-RE-cia isso aí...aí num belo dia numa bela noite eles se juntaram e disseram que iam atrás dessa onça [...] eles cortaram umas varas bem apontadas e se reuni::ram quando eles viru vinha uma onça realmente corre::ru atrás com cachorro ela corria e eles correro () era num sei quantos homens tentaram cercar e...sei...que jogaram pau é pra furar...éh...éh...alguém –atacou que pegou assim do lado dessa onça e essa onça CORReu e eles correru atrás dessa onça () aí desapareceu no mato...aí quando foi uns três dias que a vovó foi na casa dela ela TA-va deitada...aí ela disse o que que tu tem Rosa? Era parente da minha avó ah/eu tô doente tá doente porquê? Ah/eu que caí lá na roça...passei encima dum tuco e me furou aqui do lado...aí eles acreditaru que foi eles que atacaru...que atacaru essa onça e feriru que a partir daí eles passaru a dizer que era...era mentira porque ela não () tava na roça...que era ela que tava se gerando pra onça e foram desmascarando e nunca mais ela se gerou e TAMbem acabou...com aquilo [...].

No primeiro excerto, podemos observar que na cadeia referencial o referente é introduzido no processo narrativo a partir de recategorizações. Inicialmente, esse referente é anunciado com a inserção das expressões nominais indefinidas “outra coisa” e “em bicho” no qual anunciam o referente principal que é finalmente introduzido no discurso pela expressão nominal definida “a onça”.

Com a progressão do processo narrativo o narrador faz uma retomada de

referente, dessa vez a partir da expressão verbal “ela amanhecia”, seguido de elementos explicativos “aí...quando da-va temporal...aí no outro dia de manhã ela amanhecia dormindo até tarde () estava cansada... ela não tinha dormido muito bem...sempre ela dava uma desculpa”. Vê-se que o processo referencial usado pelo narrador nessa narrativa é um processo de negociação no momento da interação, pois à medida que o discurso vai progredindo, esse referente vai sendo reconstruído. A princípio, essas foram as informações de entrada colocada pelo narrador no início da narrativa, mas suficientes para compreendermos que se trata de seres encantados, que se transformam pelo processo de metamorfose.

Ao final da narrativa, o narrador recategoriza a categoria principal já em sua forma metamorfoseada, ou seja, ocorre a mudança de categoria, da categoria animal animado para de humano animado. Para esse processo é dado o nome de transcategorização, fenômeno que abrange inevitavelmente o processo de metamorfose, perceptível na fala do narrador “aí quando foi uns três dias que a vovó foi na casa dela ela TA-va deitada...aí ela disse o que que tu tem Rosa?”.

Conforme progressão do processo narrativo, o referente já não é mais um animal mamífero carnívoro pertencente à família dos felídeos, mas um humano animado. É importante destacar que ao reconstruir esse referente o narrador usa suas habilidades cognitivas, seus conhecimentos, suas percepções e sua criatividade para nos levar a acreditar que se trata de seres encantados, que devido ao processo de metamorfose, ora estão em sua forma animal animado e em outros momentos se encontram em sua forma humano animado, bem colocados pelo narrador dentro da narrativa quando faz uso das expressões nominais indefinidas “outra coisa”, “em bicho” e expressões lexicais “aí quando foi uns três dias que a vovó foi na casa dela ela TA-va deitada...aí ela disse o que que tu tem Rosa? Era parente da minha avó ah/eu tô doente tá doente porquê? Ah/eu que caí lá na roça...passei em cima dum tuco e me furou aqui do lado”. A partir dessas expressões lexicais, percebo a facilidade e domínio do narrador em flexibilizar esse processo de transcategorização dentro do processo narrativo.

Excerto 2: O Boto.

[...] seu Aníbal quando ia matar uma caça...quando ele chegava lá...nove horas da noite...deixava a caça pra dona Joana cuidar e ia tomar banho...quando ele chegou lá tirou a roupa e aquilo pá na bunda dele...eh cara não TÔ mexendo contigo...aí ele mergulhava...não via nada...era só isso [...]

[...] quando eu morava lá em Santa Luzia...aí a mamãe e o pessoal do velho

Dias passavam no terreiro de casa () eram quatro mulher...aí QUANDO () os botos gostavam das mulher...né? aí era ele assoviando...FI...FI...aí o pessoal já venho...aí quando passa::va a mamãe brechava...aí passava aqui::lo de roupa branca () que TA-va atrás delas pra lá () mas ele sumia (mas toda vez a mamãe cansou de vê)...aque::la roupa branca que passava tarde era ele...o botu [...].

No segundo excerto, temos um trecho da narrativa “o Boto”. Nesse processo narrativo o referente vai sendo inserido discursivamente, conforme as habilidades cognitivas do narrador.

No início da narrativa o referente é inserido no discurso pela seguinte fala do narrador: “aquilo pá na bunda dele...eh cara não TÔ mexendo contigo...aí ele mergulhava”, na fala o narrador usa suas experiências materiais, sociocognitivas e sua imaginação para reconstruir essas categorias e dar sentidos as suas experiências através da sua imaginação, e nos induz a acreditar que o referente ao qual protagoniza a narrativa se trata de humanos, que somente no final da narração, passa por meio do processo de transcategorização, isto é, de metamorfose. Nesse sentido, há a mudança de categoria animal animado para homem animado. Entendemos que na verdade se trata de uma entidade encantada pertencente ao universo do lendário amazônico.

Além desses artifícios, o narrador faz uma retomada de referente usando a expressão verbal “mergulhava” para, posteriormente, introduzir na progressão discursiva a categoria principal por meio da expressão nominal definida “o Boto”. Nessa narrativa, o processo narrativo traz ao discurso elementos estilísticos como a onomatopeia, dando maior expressividade e musicalidade ao discurso percebidos em “os botos gostavam das mulher...né? aí era ele assoviando...FI...FI”.

Por fim, o processo narrativo faz uma retomada anaforicamente de referente perceptível na expressão lexical “passava aqui::lo de roupa branca”; expressão verbal “TA-va atrás delas pra lá”; expressão nominal definida com elemento explicativo “aque::la roupa branca que passava tarde era ele”; e finalmente surge a categoria principal a partir do sintagma nominal definido “o Boto”.

Nota-se que essas expressões recategorizadoras são criadas discursivamente pelo narrador ao longo de sua contação de história. O certo é que no decorrer do processo narrativo uma sequência de elementos é colocada em ação com o objetivo de (re)nomear e qualificar o referente.

Excerto 3: Curupira.

[...] quando comecei a caçar...eu via umas marmotas...até que um dia...eu...aí eu disse...papai me disse assim... rapaz o que é? aí ele disse () aí tem uma curupira que anda aí...eh rapa (mas ela não mexe com ninguém) só se mexer com ela né? [...] esse eu conto que eu vi porque eu enxerguei mesmo...um ba-RU-lho que eu dizia que era até uma caça () direto no bebedor...aí eu teve LÁ que quando eu vi...apareceu...um garotinho...um garotinho assim...veio...veio...veio...veio...direto LÁ no bebedor...teve LÁ...DE LÁ ele saiu...foi embora () um moleque...eu chamo moleque porque era bem miudinho né?...mas () que era o dono [...] aí veio aquele barulho...liguei a lanterna...foquei...mas não vi nada...mas aí eu falei com ela...eu pedi pra ela...a hora que ela me desse uma caça...eu vinha embora...eu queria um veado () aí ela assoviou LÁ dentro [...] bastou a primeira vez eu conversar com ela...aí ela vinha [...] mas LÁ aparece...aparece assim...porque nós escuta o barulho...a tucura dela...ela assovia [...] eu falei...a comadre é tu que TÁ fazendo a TUA casa é? Acho que eu venho pra CÁ...aí eu passei e vim embora...agora desde LÁ eu sempre vejo...escuto né? assovio dela...ela bate com os paus...as vez grita...assim um grito diferente [...]

No terceiro excerto a progressão referencial ocorre de maneira dinâmica, a partir da introdução de várias formas de referenciação. O processo narrativo inicia apresentando o referente a partir do sintagma nominal indefinido “umas marmotas”, seguido da categoria principal que é inserido no discurso a partir do sintagma nominal também indefinido “um curupira”. Dessa forma, o objeto de discurso sofre processos de recategorização e transcategorização que se manifestam lexicalmente de acordo com os recursos que a língua disponibiliza ao narrador no decorrer das narrativas. Esses sintagmas nominais exercem funções recategorizadoras dentro do processo narrativo.

Com a progressão do discurso o narrador opta por recategorizar o referente por meio de sintagmas anafóricos, “um garotinho”, “um garotinho assim”, “um moleque” e pelo sintagma nominal que vem acrescido de um elemento modificador adjetival “moleque porque era bem miudinho”. Posteriormente, recategoriza novamente esse referente pelo uso da expressão nominal definida “o dono”. Esse recurso usado pelo narrador atua como forma de referenciar/recategorizar as expressões “um garotinho”, “um garotinho assim”, “um moleque”, “moleque porque era bem miudinho”. Nessa dinâmica, o narrador evita a reincidência/repetição desses termos referenciados no início do processo narrativo.

A partir das diversas formas de recategorizar usadas pelo narrador é possível perceber que o referente aqui se trata um ser encantado que passou pelo processo de metamorfose, no qual o animal animado passa para a categoria humano animado e vice-versa. Tal aspecto fica visível nas expressões nominais destadas no

parágrafo anterior, usadas pelo narrador para fazer a retomada de referente.

Ao final do relato o narrador faz a última retomada de referente, dessa vez optando por fazer essa retomada de referente a partir da expressão verbal “vinha”. No decorrer da progressão do processo narrativo, percebe-se que essas narrativas orais estão imersas em fatos curiosos e misteriosos que estão relacionados com o contexto sociocognitivo dessas comunidades ribeirinhas amazônicas, onde essas histórias são contadas.

Excerto 4: A Cobra Grande.

[...] ponta do cururu tem uma cobra grande encantada...que vinha nos trabalhos...antes que tinha uns curandeiros né? [...] que ele chorava e dizia que era o Noratinho...dizendo que ele foi encantado e ele que morava na ponta do cururu...pra ele...ele tinha vontade de sai do encanto...mas pra isso...a pessoa que fosse pra desencantar...tinha que meia noite...com um litro de leite de gado...de vaca preta e um machado...para que quando ela viesse e colocasse a cabeça na terra...a pessoa dava as machadadas pra matar aquele animal...no caso a cobra e jogar o leite assim por cima...quando matasse essa cobra...ai o rapaz se desencantava e se tornava pesso::a [...].

No quarto excerto, ao iniciar o processo narrativo, o narrador já inicia sua contação de história apresentando o referente principal utilizando a expressão nominal indefinida “uma cobra grande encantada”, seguida por um elemento modificador adjetival “encantada”.

Nessa forma de recategorização usada pelo narrador ocorre alterações semânticas e formal que variam de acordo com o perfil da narrativa aqui apresentada. Esses elementos linguísticos, sociocognitivos e culturais utilizados por ele trazem ao espectador uma combinação da identidade desse narrador com o conhecimento que ele tem de sua história e nessa dinâmica ele vai ressignificando o mundo biossocial e cultural no qual está imerso. Em seguida, é inserido no discurso o sintagma nominal definido “o Noratinho”, que é um nome próprio de entidade metamorfoseada pertencente ao universo do lendário de povos ribeirinhos do interior da Amazônia.

Nessa retomada de referente ocorre o processo de transcategorização, no qual o narrador usa de artifícios e passa da categoria animal animado para a categoria homem animado. Após essa retomada de referente o narrador volta a recategorizar o referente agora por uma expressão nominal definida “aquele animal”. Nessa dinâmica, o narrador recategoriza o referente ora em forma animal animado, ora em humano animado e nessa perspicácia muda de categoria com facilidade.

Por fim, o narrador conclui sua história fazendo a referência a partir das

expressões nominais definidas “a cobra”, “essa cobra” e “o rapaz”. Vemos, a partir da inserção desses sintagmas nominais, a ocorrência do processo de recategorização e a retomada de referente por anáfora. A dinâmica usada pelo narrador mostra ao espectador a facilidade que esse narrador tem em ressignificar esses objetos–de–discurso, que são passíveis de transformações e mudanças.

Excerto 5: O Boto.

[...] mas se tu tivesse morado no Urucurituba como eu morei criança... tu ia ver que a história do boto não era lenda...LÁ acontecia...ninguém...ninGUÉM...mulher não podia chegar na beira do amazonas menstruada né? porque o boto engravidada [...] olha a gente ia da minha casa para a casa da minha tia...tinha um pe-da-ço assim...e a gente encontrAVA assim...encima das pontes homens VESTidos de branco...e a gente dava aquele arrepio na gente...quando a gente passava um pouco...e só via o barulho da água...o homem caía na água e de repente já saía como boto né? faZENdo aquela coisa de boto [...] a mamãe também contava que o boto lá no tapari...toda noite...toda noite eles...viam um baRUlho...que as casas eram de palha né? porta de () ouviu de uma prima dela...ouviu um baRUlho...parece que alGUÉM entrou na porta...ela TA-va dormindo...e era... e ela começava a se sentir parece assim...alguém TÁ mexendo geMENdo... geMENdo e depois saía...e essa coisa que saía [...] ...o cachorro latia...latia...ia parar na água...e era boto né? tanto que uma vez disque a mamãe contava que os meus tios que eram rapaz...correu atrás desse rapaz LÁ da casa...todo de branco...com cachorro e foram atrás dele...com pau e tudo...e ele caiu na água...e LÁ já fazia como boto...[...].

No quinto excerto, a narrativa inicia anunciando o referente que protagoniza a narrativa por meio da expressão nominal definida “o Boto”. Logo em seguida, esse narrador faz uma retomada de referente e recategoriza essa categoria principal usando uma expressão nominal indefinida longa e explicativa “homens VESTidos de branco”, já mostrando uma mudança de conjunto. A categoria inicial é apresentada como animal animado recategorizada por meio do processo de transcategorização ou metamorfose, em que a categoria animal animado passa a ser recategorizado como homem animado, referindo-se ao personagem encantado bem popular da região amazônica que se transforma em “boto”/“humano” e vice versa.

A partir do processo de metamorfose o narrador usa sua cognição cultural e passa a reconstruir e mostrar simbolicamente valores culturais da comunidade na qual reside. Ao prosseguir discursivamente, o narrador reforça essa transcategorização agregando ao discurso novas expressões nominais definidas e indefinidas respectivamente “o homem” e “alGUÉM entrou na porta”.

Ao concluir a narrativa o narrador acrescenta a expressão nominal definida “desse rapaz” e um elemento explicativo seguido de um modificador adjetival “desse

rapaz LÁ da casa...todo de branco”. Ao fazer uso dessas formas referenciais o narrador estabelece um elo entre ele e esses relatos, uma vez que essas expressões referenciais são construídas simbolicamente como forma de dar sentido a essas narrativas que são produzidas nessas comunidades, e que fazem parte do patrimônio histórico e cultural de povos ribeirinhos do interior da Amazônia.

Como vimos, os processos referenciais ou formas de categorização, recategorização e transcategorização ocorrem de forma dinâmica no decorrer da progressão das narrativas, e nessa relação que envolve referenciação e cognição. Essas formas de recategorização de referentes são usadas como forma de contribuir para a reconstrução da realidade que dá sentido ao mundo social e cultural dessas comunidades da qual fazemos parte, mostrando seus valores próprios.

Moura (2020) postula que “[...] as estratégias de referenciação são formas de construção da referência, pela qual se constitui a própria realidade, na qual damos sentido ao mundo cultural em que estamos imersos” Moura (2020, p. 225). Para o autor, é linguisticamente que damos sentidos a fatos, coisas e situações, da mesma forma interagimos com as pessoas, comunidades e instituições, ou seja, esses contextos podem influenciar na maneira como os textos (narrativas) são construídos.

Nessa terceira categoria de análise busquei examinar processo referenciais presentes nas narrativas analisadas neste trabalho, focando nos processos associados às formas de transcategorização dos personagens do lendário amazônico que protagonizam o enredo dessas narrativas, visto que a referenciação está relacionada às formas de recategorização e transcategorização, sendo essas formas outras maneiras de reconstrução de referentes, uma vez que esses referentes são passíveis de transformações e mudanças que produzem significados culturais próprios dessas comunidades.

No decorrer das análises foi possível observar que nas cadeias referenciais o referente foi introduzido a partir de expressões nominais como “em bicho” e “onça”, e conforme foi ocorrendo a progressão textual o narrador introduz discursivamente novas expressões nominais como “dona Rosa”. Nessa dinâmica, o narrador realiza a mudança de categoria animal aminado para a categoria humano animado. Essa forma de recategorizar, usada pelo narrador foi necessária para compreendermos que o fenômeno está relacionado a seres encantados que se transformam pelo processo de metamorfose.

É importante destacar que os referentes construídos e reconstruídos

discursivamente nesses relatos refletem o comportamento e as tradições dessas sociedades onde ocorrem ou são produzidas essas histórias. Nesse sentido, Moura (2020) afirma: “Os elementos da cognição cultural podem ser relevantes no processo de produção desses objetos, mobilizando-se estratégias sociocognitivas atreladas a procedimentos linguísticos próprios” Moura (2020, p. 226).

Várias foram as estratégias usadas pelo narrador para recategorizar as entidades lendárias presentes nas narrativas em análise. Na narrativa “o Boto”, por exemplo, o narrador inicia sua contação de história apresentando seu referente a partir da expressão nominal “aquilo pá na bunda dele”, usando suas experiências cognitivas para reconstruir seu objeto de discurso que levam o espectador a relacionar tal característica a seres humanos, quando na verdade se trata de seres encantados. Conforme o discurso vai progredindo o narrador apresenta discursivamente sua categoria principal quando introduz no seu processo narrativo a expressão nominal definida “o boto”. Nessa dinâmica de construção e reconstrução de referentes, o narrador faz a mudança de categoria, isto é, ocorre o processo de metamorfose dessas entidades pertencentes ao lendário amazônico.

Cabe ressaltar ainda que o narrador constrói significações na sua prática discursiva, ou seja, essas narrativas possuem significados culturais e sociais próprios que estão ligadas aos costumes linguísticos específicos que transmitem valores próprios dessas comunidades onde esses relatos são corriqueiros. Moura (2020, p. 227) defende que “[...] o conteúdo de tais expressões reconstitui simbolicamente sentidos instalados na prática de diversos lugares sociais”. Como bem colocado pelo autor, as expressões referenciais não são cedidas prontas pelo conjunto linguístico, mas construídas e reconstruídas no discurso e pelo discurso, atuam no sentido de valorizar as práticas em uso nesse contexto. Nessa perspectiva, os indivíduos, através de suas cognições sociais, constroem “indivíduos em situações categoriais” (Moura, 2020, p. 230). Tal fato cria aparências pela qual é possível visualizar sua própria realidade, não como pronta e acabada, mas em constante evolução. Dessa forma, tornando-se maleáveis, dinâmicos e passíveis a mudanças a qualquer tempo.

Para Moura (2020) as categorias são tessituras simbólicas nas quais produzimos ao mundo significações durante nosso decurso por ele: é a sua reestrutura em discurso e linguagem, é a forma como reconstruímos discursivamente o mundo que estamos imersos. Para o autor, o ato de “categorizar, recategorizar e transcategorizar não é simplesmente (re)nomear ou (re)predicar, é, antes de tudo, dar

formas de existência, via linguagem, a seres, a objetos, pessoas, eventos, situações, episódios ou fatos” (Moura, 2020, p. 231-232), isto é, são criações do raciocínio humano, logo, são criações que expressam a forma como o ser humano, a partir das suas experiências cognitivas, constrói sua realidade.

Ante o exposto, conclui-se que o ato de recategorizar e transcategorizar é expor, de forma organizada, os sentidos e significados que estão implícitos nos textos analisados, sempre levando em consideração que essa exposição deve estar sustentada na realidade empírica, ou seja, alicerçada na prática experimental, material e experienciada, percebida do narrador que produz ou vivenciou esses fatos narrados.

4ª categoria: marcadores temporal e espacial presentes em narrativas orais pertencente ao universo do lendário amazônico.

Os marcadores temporais nos ajudam a compreender e identificar a ordem de acontecimentos dos fatos dentro dos processos narrativos aqui apresentados. Esses marcadores, que se mostram dentro dessas narrativas, têm indicadores de tempo presente, passado ou futuro, isto é, são apresentados como forma de situar o espectador, uma vez que atuam de maneira a orientá-lo em termos de acontecimentos dos fatos narrados, ou seja, esses marcadores temporais demarcam os acontecimentos de forma cronológica ou não dentro do processo narrativo, mas sempre levando em consideração sua coerência semântica dentro do processo narrativo.

Na sequência, temos cinco excertos de narrativas orais amazônicas e suas respectivas análises, nas quais ocorrem marcadores temporais e espaciais que funcionam dentro do processo narrativo como forma de anunciar e preparar discursivamente os acontecimentos ao espectador.

Nas narrativas orais amazônicas transcritas, os processos referenciais relacionados aos marcadores temporais e espaciais têm o papel fundamental de contextualizar os acontecimentos dentro desses processos narrativos, além de definirem a localização temporal do próprio processo discursivo, ora em andamento de forma que o espectador compreenda e interprete esse marco temporal e espacial trazido nesses relatos.

Nesse processo narrativo o narrador dá sentido aos relatos e especifica o

espaço onde ocorrem os fatos. É importante destacar que dentro desses processos referenciais os marcadores temporais são responsáveis pela ligação harmônica dos fatos corroborando para a progressão textual, seja ele oral ou escrito.

Excerto 1: A mulher que se gerava em Onça.

[...] mamãe sempre conTAVA tinha uma senhora que chamava de tia Rosa ai...quando era noite de temporal no tapari que era só casa assim...não era assim como é agora [...] aí num belo dia... numa bela noite eles se juntaram e disseram que iam atrás dessa onça...aí...quando da-va temporal...ai no outro dia de manhã ela amanhecia dormindo até tarde () estava cansada ela não tinha dormido muito bem...sempre ela dava uma desculpa...aí quando foi nessa noite [...] ...aí quando foi uns três dias que a vovó foi na casa dela ela TA-va deitada...aí ela disse o que que tu tem Rosa? Era parente da minha avó ah/eu tô doente tá doente porquê? Ah/eu que caí lá na roça... [...] não ela morreu depois ela ficou ferida do lado dela [...].

No primeiro excerto, o processo narrativo inicia introduzindo o marco temporal “quando”, para tal, faz uso do elemento adverbial temporal “quando era noite de temporal no Tapari”. O narrador utiliza esse marcador temporal seguido do marcador espacial “no Tapari” para indicar as reais circunstâncias em que ocorreram os fatos narrados. Nesse processo discursivo, nota-se que além dos marcadores temporais, tem-se o marcador espacial, no qual os fatos narrados acontecem a partir dessa referência locativo espacial. Nesse caso, narrador situa o espectador aos fatos e personagens presentes no processo narrativo.

Ao prosseguir discursivamente, o narrador faz uso de uma sequência longa de elementos nominais e verbais que atuam dentro desse processo narrativo como forma de contextualizar os fatos narrados.

Indo mais além com o processo discursivo, o narrador utiliza as expressões nominais com modificador adjetival “num belo dia”, “numa bela noite”, “quando da-va temporal”, “ai no outro dia de manhã ela amanhecia dormindo até tarde”, bastante usadas em contos de cultura popular de determinadas comunidades da região amazônica. Esses elementos de alguma forma expressam valores culturais inerentes a essas comunidades.

Por fim, o narrador conclui essa narrativa fazendo uma retomada anaforicamente de marcadores temporais, além de fazer uso dos elementos adverbiais “quando foi nessa noite”, “quando foi uns três dias que a vovó foi na casa dela ela TA- va deitada”. Essa retomada é feita a fim de reativar a categoria principal “onça” no processo discursivo.

Excerto 2: O Boto.

[...] aí a Conceição e minha mulher teve problema CA-be-ça...até que um tempo a dona Joana levou ela ali pra Damiana...mulher do Manel Queiros...pai do ZÉ Maria () ele atendia lá...aí trouxeram ela aí...a menina LÁ pra benzer [...] ainda mais QUANdo elas estavam menstruadas que sabe como é os negócios da mulher [...].

No segundo excerto, o processo narrativo traz o marco temporal “um tempo”, que funciona como forma de anunciar e preparar discursivamente os acontecimentos ao espectador. A partir desse marcador o narrador faz uma cronologia dentro do processo discursivo, em seguida faz uso do marco temporal “ainda mais quando”, que além de indicar o tempo traz o elemento adverbial intensificador “mais”, ou ainda podendo ser classificado como uma conjunção aditiva transmitindo ao espectador uma ideia de adição e acréscimo nos fatos narrados.

Excerto 3: Curupira.

[...] quando comecei a caçar...eu via umas marmotas...até que um dia [...] aí foi...quando foi um dia foi...TÁ-va LÁ dentro da mata...na espera do bicho...eu vi...esse eu conto que eu vi porque eu enxerguei mesmo...um ba-RU-lho que eu dizia que era até uma caça () direto no bebedor...aí eu teve LÁ que quando eu vi...apareceu...um garotinho...um garotinho assim [...] depois que eu disse pro papai...aí ele disse é a dona de LÁ...é o bebedouro da curupira [...] aí quando foi no outro dia...eu foi mais na frente...aí veio aquele barulho...liguei a lanterna...foquei...mas não vi nada...mas aí eu falei com ela...eu pedi pra ela...a hora que ela me desse uma caça...eu vinha embora [...] quando veio de NO-vo [...] desde LÁ todo tempo...eu sempre quando ia escutava () assim...num enxergava mais nada...mas eu ouvia o assovio...ouvia o barulho né? aí eu consegui a pesQUisar aquilo que...bastou a primeira vez eu conversar com ela...aí ela vinha...e até hoje eu sempre escuto [...] aí depois eu cheguei bem pertinho e percebi que era LÁ...aí eu falei...a comadre é tu que TÁ fazendo a TUA casa é? Acho que eu venho pra CÁ...aí eu passei e vim embora...agora desde LÁ eu sempre vejo...escuto né? [...].

No terceiro excerto, os marcos temporais vêm expressos por meio dos léxicos “quando comecei a caçar” e “quando foi um dia”, “quando”, “aí quando foi no outro dia”, “quando veio de NO-vo”, “desde LÁ todo tempo...eu sempre quando ia escutava”, em que o “quando”, nesse processo discursivo, assume a função de elemento adverbial de tempo usado dentro da narrativa como valor circunstancial, uma vez que expressa uma circunstância de tempo na qual ocorrem os fatos dentro desse processo narrativo.

Nesse sentido, os marcadores estruturam essas narrativas, tanto coesivamente, quanto discursivamente, fazendo com que os referentes fiquem unidos

ao mundo extralinguístico e, conseqüentemente, ligados ao mundo biossocial e cultural no qual essas narrativas orais amazônicas estão imersas e são originárias.

Posteriormente, o narrador agrega ao processo narrativo, o marco temporal e espacial “depois que eu disse pro papai” e “quando foi um dia foi...TA-va LÁ dentro da mata”, que exercem duas funções dentro desse processo narrativo, indicando tempo e espaço, lugar. Esse marco temporal é substituído pelo marcador temporal “a hora”, indicando o tempo presente e em seguida retoma o marcador temporal “depois”. Por meio desses usos de marcadores temporais o narrador está seguindo uma cronologia, um tempo que indica início, meio e fim dos acontecimentos narrados.

Excerto 4: Cobra Grande.

[...] para que quando ela viesse e colocasse a cabeça na terra...a pessoa dava as machadadas pra matar aquele animal [...] quando matasse essa cobra...ai o rapaz se desencantava e se tornava pesso::a...então até hoje ninguém desencantou essa cobra [...].

No quarto excerto, diferentemente dos processos narrativos anteriores, o narrador insere discursivamente o marcador espacial a partir da expressão nominal “na ponta do cururu”.

Além da cronologia, o narrador especifica o espaço em que ocorre a incidência desses acontecimentos deixando, dessa forma, o espectador situado aos fatos narrados. É interessante dar ênfase às habilidades desse narrador ao descrever esses relatos, para isso usa seus conhecimentos sociocognitivos no sentido de referenciar as pessoas, coisas e objetos imersos nesse mundo biossocial e cultural no qual esse narrador reside.

Após a inserção do marcador espacial, o narrador especifica não somente o espaço, mas o tempo exato em que o ápice dos fatos ocorre, para isso faz uso do marcador temporal “quando”, “quando ela viesse” e “quando matasse essa cobra”, em que o marcador temporal “quando” expressa circunstância de tempo, isto é, o momento exato em que os fatos ocorrem.

Excerto 5: O Boto.

[...] mas se tu tivesse morado no Urucurituba como eu morei criança... tu ia ver que a história do boto não era lenda...LÁ acontecia...ninguém...ninGUÉM...mulher não podia chegar na beira do amazonas menstruada né? porque o boto engravidada [...] a mamãe também contava que o boto lá no tapari...toda noite...toda noite eles...viam um baRUlho...que as casas eram de palha né? porta de () ouviu de uma prima

dela...ouviu um baRUlho...parece que alGUÉM entrou na porta...ela TA-va dormindo...e era... e ela começava a se sentir parece assim...alguém TÁ mexendo geMENdo... geMENdo e depois saia...e essa coisa que saia...o cachorro latia...latia...ia parar na água...e era boto né? tanto que uma vez disque a mamãe contava que os meus tios que eram rapaz...correu atrás desse rapaz LÁ da casa...todo de branco [...].

No quinto excerto, o narrador usa os mesmos artifícios do quarto excerto. Inicia seu processo narrativo inserindo o marcador espacial que vem expresso dentro dessa narrativa por meio do marcador espacial “morado no Urucurituba”. Dessa forma, dá destaque à comunidade em que esses fatos eram ou são corriqueiros. O foco narrativo sempre em primeira pessoa em razão do narrador opinar sobre os acontecimentos narrados e também se situa dentro dessas histórias.

Quando o narrador faz uso desse marcador temporal ele se refere ao passado e relembra de fatos que ocorreram na sua infância, “então LÁ no Urucurituba quando eu era criança”, “mas agora”, “lá no tapari”. Nesse sentido, o narrador acaba por fazer uma comparação de fatos que ocorreram ou ocorrem em comunidades nos quais esse narrador fixou residência durante sua infância, com a comunidade a qual reside atualmente. Nesse processo narrativo usa o marcador de forma cronológica, passado e presente.

Após análise dos excertos das narrativas transcritas acima constatei que os marcadores temporais e espaciais se fazem presentes em todas cinco narrativas analisadas, e são fundamentais no processo de construção referencial dessas narrativas, uma vez que esses marcadores nos ajudam a compreender e identificar a ordem cronológica de acontecimentos dos fatos dentro desses processos narrativos. Além disso, esses marcadores têm a função discursiva de limitar, anunciar e preparar discursivamente os fatos considerados importantes ou essenciais para o espectador, sempre levando em consideração a coerência semântico-cronológica do narrador diante dos acontecimentos tornando, dessa forma, o fato contextualizado.

Conforme propõe Moura (2016, p. 270), os marcadores temporais “[...] são do tipo de referenciadores que operam no sentido de demarcar as ações, situações e eventos integrantes da atividade de construção dos textos relativos às entidades mencionadas”. O autor deixa evidente que os marcadores temporais usados pelo narrador dentro desses processos narrativos servem para tirar a sensação de “abstração” do texto, isto é, os marcadores temporais dentro das narrativas têm a função de situar o espectador quanto ao tempo em que ocorreram ou ocorrem os fatos

narrados, se o tempo é presente ou passado, ou vice e versa.

Nessa quarta categoria analisei os marcadores temporais e espaciais característicos dos processos referenciais nas narrativas que compõem o corpus de análise. Os marcadores espaciais presentes nas narrativas analisadas foram fundamentais para que o narrador situasse o espectador aos acontecimentos e fatos narrados.

Dentro desses processos narrativos os marcadores espaciais são espécies de elementos básicos e fundamentais na composição dessas narrativas, uma vez que o espaço referenciado dentro desses relatos são uma forma de contextualizar os acontecimentos relatados. Outro elemento essencial paralelo aos marcadores espaciais são os marcadores temporais, tidos como uma espécie de recursos usados pelo narrador, que dentro desse processo narrativo tem a função de situar o espectador quanto ao tempo em que ocorreram ou ocorrem esses relatos, e dar coesão e coerência ao teor dessas narrativas para que dessa forma seu objeto de discurso seja definido.

Segundo Moura (2016, p. 270): “as atividades referenciais envolvem processos sociocognitivos baseados em estruturas de conhecimento atreladas às experiências sociointerativas dos sujeitos, resultantes dos contextos em que tais sujeitos transitam e estão inseridos”. Para o autor, esses processos referenciais são resultados da influência mútua na formação do sujeito tanto socialmente quanto culturalmente.

Nas expressões “quando era noite de temporal no Tapari” e “quando foi nessa noite”, retiradas de uma das narrativas analisadas, temos os marcadores temporais “quando era noite de temporal” e “quando foi nessa noite” indicando o tempo dos fatos. Uma característica bem peculiar colocada pelo narrador dentro desses relatos é o fato desses acontecimentos se darem sempre pelo período noturno, indicando o momento exato em que ocorrerem esses fatos, e o marcador espacial “no Tapari” especificando o espaço, a localização, as comunidades onde se deram os acontecimentos.

Nessa fala do narrador percebo que ele faz uso desses recursos para indicar não somente a localidade, mas as reais circunstâncias em que ocorreram os fatos. Como bem colocado por Moura (2016, p. 27), “[.] a ação de temporalizar se presta, de acordo com os princípios de aceitabilidade e relevância, à construção do sentido pretendido pelo locutor textual”. Para o autor, é por meio da ação verbal que

ocorre a concretude desses relatos, ou seja, é a partir da ação verbal que esses relatos se tornam reais e materiais.

Outros fragmentos retirados de outras narrativas analisadas, que exercem a função de marcadores temporais dentro do processo narrativo, são as expressões “quando foi uns três dias” e “ainda mais quando”, em que a segunda expressão nominal além de exercer a função de marcador temporal, intensifica aqueles acontecimentos do qual o locutor está narrando naquele momento.

É importante enfatizar que em todas as narrativas analisadas o foco narrativo está em primeira pessoa, visto que o narrador se inclui como participante desses acontecimentos. O narrador não somente ouviu falar, mas vivenciou os fatos, essa realidade vivida por ele é visível quando faz uso dos marcadores temporais e espaciais “então LÁ no Urucurituba quando eu era criança”, indicando que o fato ocorreu no passado, e o faz lembrar de sua infância vivida na comunidade.

Ao mesmo tempo que esse narrador marca um tempo passado, ele retorna ao presente quando faz uso do marcador temporal e espacial “mas agora” e “lá no tapari”, indicando que atualmente esses fatos são corriqueiros nessa comunidade onde ele rotineiramente realiza viagens, mostrando ao espectador que os fatos narrados seguem um tempo cronológico, passado e presente.

Diante do exposto acrescento as postulações de Moura (2016), pois para ele esses marcadores “[...] têm a incumbência de contextualizar fatos e eventos, além de pontualizarem de maneira mais assertiva a presença do locutor no que se refere à forma de localização temporal da atividade discursiva que está sendo mobilizada” Moura (2016, p. 271). Segundo o autor, o produtor desses relatos precisa dar sentido a esses textos de forma que o espectador possa não somente compreendê-los, mas compartilhar e pontuar esse discurso produzido por esse narrador, uma vez que esses marcadores exercem dentro dessas narrativas a função de elementos encadeadores coesivos dos acontecimentos, contribuindo, assim, “[...] para a progressão referencial e temática do texto” (Moura, 2016, p. 271).

Como vimos no decorrer das análises, além das estratégias sociocognitivas e discursivas, a referenciação está relacionada também às atividades referenciais atinentes aos marcadores temporais, atuando como bases que alicerçam as atividades textuais, isto é, esses marcadores demarcam uma cronologia dentro do discurso. Já os marcadores espaciais atuam no sentido de demonstrar a competência do narrador em estruturar adequadamente o “espaço linguístico” (Moura, 2016, p.

271). Nessa dinâmica, o narrador faz com que os personagens transitem e se organizem no processo textual e discursivo de forma a alcançar uma “perspectiva coerente e aceitável não só da organização interna do próprio texto, mas também dos fatores semânticos, pragmáticos e sociodiscursivos que levam a essa estruturação” (Moura, 2016, p. 273).

Destarte, encerro essa quarta categoria de análise frisando que na cadeia referencial os marcadores temporais e espaciais se relacionam ao seguimento das ideias textuais, as quais são necessárias para a formação e elaboração dos textos, organizando de maneira contínua as informações, corroborando assim para identificação e dinamismo discursivo, isto é, os marcadores temporais seguem uma “[...] cronologia coerente interna em termos de ações e eventos, exigida pela natureza da atividade interacional” Moura (2016, p. 272), e os marcadores espaciais relacionando-se ao espaço em que se manifestam os fatos no texto: “esse tipo de referência locativo-espacial trata de instruções remissivas por meio das quais o locutor situa mostrativamente fatos e personagens no discurso” Moura (2016, p. 272). Ambos marcadores situam os acontecimentos e personagens a certos contextos, visto que toda ação narrativa requer uma referência temporal e espacial.

5ª categoria: atividade de recategorização das entidades “boto”, “curupira”, “cobra grande” e “mulher que se gerava em onça” pertencentes ao universo do lendário amazônico.

Nesta categoria de análise veremos as diversas formas pelas quais ocorre a recategorização no processo de referenciação, uma vez que é por meio desse processo que os informantes das narrativas em estudos determinam os referentes no decorrer do processo narrativo.

É importante frisar que no decorrer da progressão do processo narrativo as expressões referenciais utilizadas pelo narrador, ora fazem retomadas de referentes, ora recategorizam os referentes.

A seguir temos cinco excertos extraídos de cinco narrativas orais amazônicas seguidos de suas respectivas análises.

Excerto 1: A mulher que se gerava em onça.

[...] Outra coisa que a mamãe conTava é que tinha essas pesso::as já ANtiga que se diziam que curavam que falaVAM que () transforMAvam em outra coisa né? pessoas se transforMAvam em bicho por exemplo...se transforMAva em bicho... a onça por exemplo...a mamãe sempre conTava tinha uma senhora que chamava de tia Rosa aí...quando era noite de temporal no tapari que era só casa assim...não era assim como é agora/aí esses cachorro laTIU laTIU parece que tAVAM correndo atrás de alguma coisa né? aí algumas pesso::as já TINha visto o vulto que era uma onça... aí SEi que SEMpre a-PA-re-cia isso...nas noite de TEM-po-rai::s...toda vida a-pa-RE-cia isso aí... aí num belo dia... numa bela noite eles se juntaram e disseram que iam atrás dessa onça...aí...quando da-va temporal...aí no outro dia de manhã ela amanhecia dormindo até tarde () estava cansada ela não tinha dormido muito bem...sempre ela dava uma desculpa... aí quando foi nessa noite () eles cortaram umas varas bem apontadas e se reuni::ram quando eles viru vinha uma onça... realmente corre::ru atrás com cachorro ela corria e eles correr () era num sei quantos homens tentaram cercar e...sei...que jogaram pau é pra furar...éh...éh...alguém –atacou que pegou assim do lado dessa onça e essa onça CORReu e eles correru atrás dessa onça () aí desapareceu no mato...aí quando foi uns três dias que a vovó foi na casa dela ela TA-va deitada...aí ela disse o que que tu tem Rosa? Era parente da minha avó ah/eu tô doente tá doente porquê? Ah/eu que cai lá na roça...passei encima dum tuco e me furou aqui do lado...aí eles acreditaru que foi eles que atacaru...que atacaru essa onça e feriru que a partir daí eles passaru a dizer que era...era mentira porque ela não () tava na roça...que era ela que tava se gerando pra onça e foram desmascarando e nunca mais ela se gerou e TAMbem acabou...com aquilo [...].

No primeiro excerto o processo narrativo inicia recategorizando o referente principal a partir da expressão lexical “essas pessoas”. Ressalte-se que nem sempre esse processo de recategorização ocorreu a nível textual-discursivo.

No decorrer desse processo narrativo, em diversos momentos, as formas de recategorização foram reconstruídas a nível cognitivo, perceptível quando o narrador introduz no discurso as expressões nominais indefinidas “em outra coisa né?”, “em bicho” e na expressão nominal definida “a onça”.

A partir dessa recategorização o informante passa a narrar e construir mentalmente seu conhecimento cognitivo e para tal faz uso da sua capacidade mental. Usa sua criatividade e planejamento.

Nessa dinâmica usada pelo narrador ele apresenta suas escolhas lexicais de acordo com seu conhecimento cognitivo, isto é, ele define discursivamente qual a expressão referencial que mais se encaixa no seu processo narrativo. Sendo que nesse processo de recategorização o narrador sempre fornece uma informação nova ao espectador.

Ao longo do processo narrativo, o narrador faz uso da recategorização por anáforas a partir dos sintagmas anafóricos “uma onça”, “dessa onça”, “essa onça” e “onça”. Essas expressões nominais, trazidas discursivamente pelo narrador, não

possuem apenas funções referenciais, uma vez que podem ser utilizadas tanto para inserir o objeto de discurso na narrativa, quanto para modificá-lo a qualquer momento dentro desse processo narrativo.

Excerto 2: O Boto.

() aí num tuco do Plquiazei::ro grande no garaPÉ...saiu uma água do fundo...assim oh...falhou aquela água limpa...limpa...areia branquinha...fininha...aí bom...a gente ia tomar banho por LÁ no tempo da dona Joana...as filhas iam tomar banho...todas as filhas tiveram problemas de CA-be-ça...dor de CA-be-ça... dor de CA-be-ça () seu Aníbal quando ia matar uma caça...quando ele chegava lá...nove horas da noite...deixava a caça pra dona Joana cuidar e ia tomar banho...quando ele chegou lá tirou a roupa e aquilo pá na bunda dele...eh cara não TÔ mexendo contigo...aí ele mergulhava...não via nada...era só isso [...] quando eu morava lá em Santa Luzia...aí a mamãe e o pessoal do velho Dias passavam no terrei::ro de casa () eram quatro mulher...aí QUANdo () os botos gostavam das mulher...né? aí era ele assoviando...Fl...Fl...aí o pessoal já venho...aí quando passa::va a mamãe brechava...aí passava aqui::lo de roupa branca () que TA-va atrás delas pra lá () mas ele sumia (mas toda vez a mamãe cansou de vê)...aque::la roupa branca que passava tarde era ele...o botu [...].

No segundo excerto o processo narrativo inicia recategorizando “o Boto” como humano animado, isto é, já em sua forma metamorfoseada a partir das expressões lexicais “aquilo pá na bunda dele...eh cara não TÔ mexendo contigo...aí ele mergulhava...não via nada...era só isso”, “passava aqui::lo de roupa branca” e “aque::la roupa branca que passava tarde era ele...o botu”.

Nesse excerto, o processo de recategorização ocorre a partir de inserção de formas simbólicas, em que o narrador vai reconstruindo seu referente de acordo com o mundo cognitivo-cultural no qual está imerso, isto é, a partir do processo de recategorização o narrador vai dando existência a objetos, situações e fatos que ocorrem nessas comunidades onde o narrador reside.

Como vimos, essas recategorizações não são dadas ou expostas nitidamente dentro dessa narrativa, mas construídas por meio de sinais que remetem a conhecimentos do mundo cognitivo no qual o narrador está imerso, e que caracterizam o estereótipo do “Boto” a partir de suas indumentárias. Só ao final do processo narrativo é que o narrador introduz o referente principal, “o Boto”. Nesse aspecto é apresentado ao espectador que se trata de uma entidade encantada pertencente ao universo do lendário amazônico.

Excerto 3: O Curupira.

() aí no meu terreno...essa área aqui né? como pra CÁ TAMbém pra beira...eu e a () como eu ando...quando comecei a andar...eu andava assim...eu sempre...desde novinho eu comecei a andar só né?...sozinho e Deus né?...primeiro lugar Deus...aí eu...caçava...quando comecei a caçar...eu via umas marmotas [...] aí eu disse...papai me disse assim...rapaz o que é? aí ele disse () aí tem uma curupira que anda aí...eh rapa (mas ela não mexe com ninguém) só se mexer com ela né? [...] quando foi um dia foi...TA-va LÁ dentro da mata...na espera do bicho...eu vi...esse eu conto que eu vi porque eu enxerguei mesmo...um ba-RU-lho que eu dizia que era até uma caça () direto no bebedor...aí eu teve LÁ que quando eu vi...apareceu...um garotinho...um garotinho assim...veio...veio...veio...veio...direto LÁ no bebedor...teve LÁ...DE LÁ ele saiu...foi embora () um moleque...eu chamo moleque porque era bem miudinho né?...mas () que era o dono...depois que eu disse pro papai...aí ele disse é a dona de LÁ...é o bebedouro da curupira... é LÁ que o pessoal caça () ah tá...aí caçava o BenZINho...caçava o JuCUNdino...caçava o MARcelino...AnTÓnio GENtil...todinho eles caçavam LÁ ...mas nunca maTArAm nada...era MULto bom de caça lá [...] aí quando foi no outro dia...eu foi mais na frente...aí veio aquele barulho...liguei a lanterna...foquei...mas não vi nada...mas aí eu falei com ela...eu pedi pra ela...a hora que ela me desse uma caça...eu vinha embora...eu queria um veado () aí ela assoviou LÁ dentro...quando veio de NO-vo...era um veado...atirei...matei...aí eu fez um cigarro e deixei pra ela...que eu disse que ia deixar o cigarro...entreguei e vim me embora...desde LÁ todo tempo...eu sempre quando ia escutava () assim...num enxergava mais nada...mas eu ouvia o assovio...ouvia o barulho né? aí eu consegui a pesQUisar aquilo que...bastou a primeira vez eu conversar com ela...aí ela vinha...e até hoje eu sempre escuto [...] LÁ aparece...aparece assim...porque nós escuta o barulho...a tucura dela...ela assovia...bate nos pau () um dia desses eu vinha LÁ do roçado...liguei a lanterna...aí eu escutei...parece que estava serrando um pau assim...com a makita () aí depois eu cheguei bem pertinho e percebi que era LÁ...aí eu falei...a comadre é tu que TÁ fazendo a TUA casa é? Acho que eu venho pra CÁ...aí eu passei e vim embora...agora desde LÁ eu sempre vejo...escuto né? assovio dela...ela bate com os paus...as vez grita...assim um grito diferente...mas...mas nunca mais apareceu nada pra gente...agora só é assim... agora pouco tempo ().

No terceiro excerto o narrador inicia seu relato recategorizando a entidade pertencente ao mundo biossocial e cultural da região amazônica do qual o narrador é integrante: “umas marmotas”, essa expressão é resultante da dinâmica transformadora usada discursivamente por esse contador de histórias.

Nessa dinâmica, o narrador da existência às coisas e aos objetos, e nos mostra que esse processo de recategorização é, em grande parte, responsável pelo desenvolvimento do discurso.

Em seguida, o narrador introduz discursivamente a categoria principal a partir do sintagma nominal “um curupira”. Essa inserção de objetos de discursos pode ser introduzida a partir de um nome próprio, um pronome demonstrativo, uma expressão nominal definida, ou ainda por uma expressão nominal indefinida, como é o caso do exemplo dado anteriormente.

Ao prosseguir com o processo narrativo, o narrador faz retomadas de

objetos de discurso a partir das expressões nominais indefinidas “um ba-RU-lho”, expressões anafóricas “um moleque”, “chamo moleque porque era bem miudinho né?”, isto é, faz retomadas aos termos que já foram utilizados no discurso anteriormente, e expressões nominais definidas “o dono”, “ela assoviou LÁ dentro”, “o barulho...a tucura dela...ela assovia”, “ela bate com os paus...as vezes grita...assim um grito diferente”.

Ao introduzir esses referentes no processo narrativo, o narrador estimula sua memória e traz ao espectador características reais desse referente. A partir dessas escolhas lexicais o narrador traz informações novas ao processo narrativo, além de organizar as predicções (algo que o narrador afirmou sobre o referente) já inseridas anteriormente no discurso.

Nesse processo narrativo as formas de recategorização ocorrem de maneira a explicar as formas de heterogeneidades semânticas desses referentes, dando diversos significados às palavras e aos sinais que esses referentes representam na progressão da narrativa, mas considerando a coerência e coesividade do processo discursivo.

Excerto 4: A Cobra Grande.

[...] na ponta do cururu tem uma cobra grande encantada [...] que ele chorava e dizia que era o Noratinho...dizendo que ele foi encantado e ele que morava na ponta do cururu...pra ele...ele tinha vontade de sai do encanto...mas pra isso...a pessoa que fosse pra desencantar...tinha que meia noite...com um litro de leite de gado...de vaca preta e um machado...para que quando ela viesse e colocasse a cabeça na terra...a pessoa dava as machadadas pra matar aquele animal...no caso a cobra e jogar o leite assim por cima...quando matasse essa cobra...ai o rapaz se desencantava e se tornava pesso::a [...].

No quarto excerto, o processo narrativo inicia apresentando a categoria principal “uma cobra grande encantada”, seguida de um elemento modificador adjetival. É importante destacar que esse elemento modificador adjetival não é uma opção selecionada pela expressão nominal definida “uma cobra”, mas uma opção trazida discursivamente pelo próprio narrador, portanto, pode ser eliminado a qualquer tempo sem que haja comprometimento da gramaticalidade da frase em destaque dentro do processo narrativo.

Conforme a progressão da narrativa, o narrador vai recategorizando o referente e nesse ambiente comum ao narrador, além de expressões verbais como “ela viesse” e “ele chorava e dizia”, utilizadas por ele, ainda se faz o uso de elementos

não verbais como gestos, expressões faciais, altura do tom de voz, elementos que contribuem para a clareza da comunicação do decorrer do processo narrativo e não são visíveis na linguagem escrita, ou seja, a linguagem oral usa recursos que divergem de recursos usados pela linguagem escrita.

Ao prosseguir com seus relatos, o narrador opta por recategorizar o referente principal usando a expressão nominal definida própria “o Noratinho”. Nessa recategorização usada pelo narrador, este traz ao discurso o referente em sua forma metamorfoseada. Como bem percebemos, houve uma mudança de categoria, da categoria animal animado, para a humano animado, isto é, ocorreu o processo de transcategorização.

Por fim, o narrador apresenta o referente a partir da expressão nominal definida “aquele animal”, e em seguida retoma esse mesmo referente usando expressões anafóricas como “essa cobra” e “a cobra”. Nessa dinâmica, o narrador constrói e reconstrói seu referente dentro desse processo narrativo.

Como vimos, o processo de recategorização é aquele pelo qual o narrador vai designando os referentes dentro do processo narrativo, e nessa reconstrução de referentes o narrador opta pelas expressões lexicais que mais se adequam ao seu processo discursivo.

Excerto 5: O Boto.

[...] mas se tu tivesse morado no Urucurituba como eu morei criança... tu ia ver que a história do boto não era lenda...LÁ acontecia...ninguém...ninGUÉM...mulher não podia chegar na beira do Amazonas menstruada né? porque o boto engravidava[...] mas se tu tivesse morado no Urucurituba como eu morei criança... tu ia ver que a história do boto não era lenda...LÁ acontecia...ninguém...ninGUÉM...mulher não podia chegar na beira do Amazonas menstruada né? porque o boto engravidava... (se era verdade ninguém sabe) ele contAVA essa história...olha a gente ia da minha casa para a casa da minha tia...tinha um pe-da-ço assim...e a gente encontrAVA assim...encima das pontes homens VESTidos de branco...e a gente dava aquele arrepio na gente...quando a gente passava um pouco...e só via o barulho da água...o homem caia na água e de repente já saía como boto né? faZENdo aquela coisa de boto...então LÁ no Urucurituba quando eu era criança...eu vi muita história disso...de boto [...] mas se tu tivesse morado no Urucurituba como eu morei criança... tu ia ver que a história do boto não era lenda...LÁ acontecia...ninguém...ninGUÉM...mulher não podia chegar na beira do Amazonas menstruada né? porque o boto engravidava... (se era verdade ninguém sabe) ele contAVA essa história...olha a gente ia da minha casa para a casa da minha tia...tinha um pe-da-ço assim...e a gente encontrAVA assim...encima das pontes homens VESTidos de branco...e a gente dava aquele arrepio na gente...quando a gente passava um pouco...e só via o barulho da água...o homem caia na água e de repente já saía como boto né? faZENdo aquela coisa de boto...então LÁ no Urucurituba quando eu era criança...eu vi muita história disso...de boto...mas agora ninguém pode

contar pras crianças...que tudo é mentira...mas eu sei que eu não vi...mas o papai contava aqui também...a mamãe também contava que o boto lá no tapari...toda noite...toda noite eles...viam um baRUlho...que as casas eram de palha né? porta de () ouviu de uma prima dela...ouviu um baRUlho...parece que alGUÉM entrou na porta...ela TA-va dormindo...e era... e ela começava a se sentir parece assim...alguém TÁ mexendo geMENdo... geMENdo e depois saia...e essa coisa que saia...o cachorro latia...latia...ia parar na água...e era boto né? tanto que uma vez disque a mamãe contava que os meus tios que eram rapaz...correu atrás desse rapaz LÁ da casa...todo de branco...com cachorro e foram atrás dele...com pau e tudo...e ele caiu na água...e LÁ já fazia como boto [...].

No quinto excerto, no início do processo narrativo, o narrador traz a categoria principal fazendo uso da expressão nominal definida “o Boto”. A partir dessa inserção de referente dentro do processo discursivo o narrador não necessariamente recategoriza esse referente, mas é possível identificar que ocorre uma transcategorização.

Esse processo de transcategorização ou metamorfose é perceptível quando, a partir de sua intenção comunicativa, o narrador insere discursivamente a indumentária dessa entidade encantada ao fazer uso da expressão nominal indefinida “homens VESTidos de branco”, e expressão nominal definida “desse rapaz LÁ da casa...todo de branco”. Nessa dinâmica usada pelo narrador, ele ativa e reativa o referente principal, para isso, usa como artifício todo o seu conhecimento cognitivo-cultural quando, no decorrer da narrativa, ora esse narrador se refere a esse ser encantado como animal animado, “Boto”, ora se refere a esse mesmo referente como homem animado, “homem vestido de branco”.

Ao prosseguir discursivamente o narrador insere no discurso as expressões nominais “barulho da água”, “o homem caia na água e de repente já saia como boto... né?”, “aquela coisa de boto”, “o boto”, “um barulho”, “essa coisa que saia”, “alGUÉM entrou na porta”, “desse rapaz”.

A partir dessa transcategorização/recategorização o narrador elabora um conjunto de estratégias com as quais dá sentido ao mundo biossocial no qual está imerso, além de reconstruir recursos importantes na sua atividade verbal dentro dessas narrativas, tais como o uso de hipônimos, hiperônimos, inserção de novos referentes, uso de expressões nominais definidas e indefinidas, dentre outras atividades mencionadas anteriormente que fazem parte dos processos referenciais.

Percebe-se que nesse processo narrativo a recategorização é uma espécie de escolha lexical feita pelo narrador, na qual as suas escolhas são responsáveis pela dinamicidade argumentativa dentro desse processo narrativo.

Esse processo de recategorização usado pelo narrador se torna importante dentro do processo narrativo, uma vez que contribui não somente para reconstruir ou renomear os referentes – já expostos no discurso anteriormente –, mas para dar novos atributos a eles, isto é, passa a apresentar o referente com outras formas dentro do contexto narrativo, que de certa forma muda o sentido do objeto de discurso apresentado inicialmente na narrativa.

Como vimos, as formas de recategorização podem ocorrer de diversas maneiras dentro do processo discursivo. Nesta pesquisa, as formas de recategorização utilizadas pelo narrador, no decorrer do processo discursivo das narrativas analisadas neste trabalho, foram os processos de hiperonímia e hiponímia, processos de transcategorização dessas entidades lendárias com o uso de marcadores temporais e espaciais presentes nas narrativas, além do emprego de expressões nominais definidas e indefinidas e com ocorrência de anáforas.

Segundo Moraes *et al.* (2015, p. 171), a língua estabelece os mais variados recursos dentre os quais estão o emprego de:

[...] expressões nominais definidas e indefinidas, os sujeitos se valem de estratégias proficientes de categorização e recategorização para veicularem diversos sentidos, valores, crenças, opiniões e posicionamentos nos textos que produzem.

Esses recursos apresentados pela autora objetivam o desenvolvimento cognitivo discursivo, que são essenciais aos acontecimentos narrados. Dessa maneira, entende-se o porquê da insistência, ou ainda da constância do narrador em controlar suas escolhas lexicais, visto que são por meio dessas que ele constrói sua cadeia referencial dispendo a praticar e produzir suas narrativas com firmeza e desembaraço.

Nesta quinta categoria de análise faço abordagens de como funcionam as atividades de recategorização embutidas em narrativas orais amazônicas, frisando ainda como essas atividades contribuem para a progressão referencial na tessitura dessas cadeias referenciais, visto que a referenciação estabelece uma atividade discursiva, ou seja, é a partir da atividade de categorizar, recategorizar e transcategorizar que ocorre a construção dos sentidos desses relatos.

Aqui vimos as diversas formas nas quais ocorreram os processos referenciais presentes em narrativas orais amazônicas, isto é, como esses referentes foram introduzidos, retomados ou ainda identificados dentro desse processo narrativo,

uma vez que o ato de referenciar significa retratar objetos do mundo cognitivo-cultural no qual o interlocutor está inserido, considerando as relações existentes entre as palavras e coisas do mundo. Moraes *et al.* (2015) definem a referenciação “como uma atividade sociocognitiva e discursiva, que relaciona os processos de textualização com o estabelecimento de objetos de discurso” Moraes *et al.* (2015, p. 172). Para as autoras, o mundo é representado na linguagem e pela linguagem, ou seja, abrange as atividades discursivas da recriação da realidade em favor da elaboração dos sentidos dos textos, sejam eles narrados ou escritos.

No decorrer das análises, em diversas ocasiões, os processos de recategorização ocorreram a nível cognitivo, como, por exemplo, as expressões nominais indefinidas “em outra coisa né?”, “em bicho”, “umas marmotas” e na expressão nominal definida “a onça”. A partir dessas escolhas lexicais percebo que o narrador vai definindo discursivamente seu referente, ou seja, nessa dinâmica usada pelo narrador, ele não somente as utiliza para inserir objetos de discursos, mas também podendo modificá-las a qualquer tempo dentro desse processo narrativo. Nesse sentido, Moraes *et al.* (2015) postulam que essas exteriorizações de ideias referenciam “[...] um objeto denominado “referente” que representa um elemento do universo extralinguístico. Muitas vezes, um mesmo objeto do “mundo real” pode ser referenciado por expressões referenciais diferentes” Moraes *et al.* (2015, p. 172). Para as autoras, no decorrer do processo narrativo o narrador tem livre arbítrio nas suas escolhas lexicais durante sua ação verbal, fazendo uso dos objetos de discurso que melhor deem sentido ao que esse interlocutor pretende transmitir aos seus espectadores.

A atividade de recategorizar não necessariamente precisa descrever a realidade tal qual ela é, mas por meio da linguagem retratar, narrar ou ainda interpretar fatos que tenham ocorrido. Nas expressões nominais “uma cobra”, “uma cobra grande encantada” e “o Noratinho”, retiradas de uma das narrativas analisadas, mostra-nos que tais léxicos trazidos discursivamente pelo narrador permitem o desenvolvimento conceitual gradativamente do referente, e nessa progressão discursiva o narrador traz ao espectador o referente “Cobra Grande” em processo de metamorfose. Nessa progressão textual ocorre o processo de transcategorização, ou seja, a mudança de categoria animal animado para a categoria humano animado.

Nesse entendimento, Moraes *et al.* (2015) postulam que “o processo de referenciação permite que o referente apresente evoluções conceituais progressivas

até chegar à representação que o locutor deseja veicular aos seus interlocutores” Moraes *et al.* (2015, p. 174). Nessa dinâmica usada pelo narrador para recategorizar se faz o uso de elementos verbais “ela viesse” e “ele chorava e dizia”, da mesma forma que se utiliza expressões não verbais como gestos e expressões faciais, ou seja, o interlocutor faz uso de signos visuais, isto é, nessa tessitura comunicativa o narrador não faz uso de palavras, mas de expressões faciais, gestos e em danças (danças dos botos). O certo é que as formas de recategorização ocorreram dentro do processo narrativo de maneira a explicitar a heterogeneidade semântica desses referentes, dando-lhes diversos significados.

Na narrativa o “Boto”, o narrador usa de seus conhecimentos cognitivo-cultural e começa a recategorizar esse referente a partir de expressões nominais que caracterizam essa entidade encantada por meio de suas indumentárias, “homens VESTIDOS de branco”, “desse rapaz LÁ da casa...todo de branco”, assim, o narrador revela ao espectador todo seu poder imaginário ao criar e argumentar esses relatos que fazem parte da cultura dessas comunidades, isto é, essas formas de recategorizar usadas pelo narrador são estratégias discursivas para sua progressão textual. Nesse sentido, Moraes *et al.* (2015, p. 175) discorrem que “a cultura na qual o usuário da língua está imerso condiciona o seu modo de agir sobre o mundo e de interpretá-lo”, ou seja, para as autora a categorização é construída por meio de práticas simbólicas em que o narrador categoriza e recategoriza o mundo pelo modo como ele vive culturalmente, para elas essas categorias são oscilantes e ajustáveis em razão de serem negociadas discursivamente pelo narrador.

Os processos de referenciação ocorreram dentro das narrativas analisadas por meio das preferências lexicais/linguísticas do narrador, considerado o “sujeito da enunciação” Moraes *et al.* (2015, p. 175). Essas escolhas lexicais trazidas pelo narrador no decorrer do processo discursivo foram essenciais para compreendermos a maneira como se processaram as cadeias referenciais nos relatos, isto é, como ocorreram as sucessivas retomadas dos elementos lexicais dentro do processo narrativo.

As atividades desenvolvidas pelo narrador no decorrer do processo discursivo trouxeram contribuições essenciais para que ocorresse a progressão referencial, uma vez que as formas de categorização e recategorização dos referentes nas narrativas analisadas contribuem não somente para a progressão textual, mas para que haja coesão e coerências dentro desses relatos.

6ª categoria: ocorrência de anáforas em narrativas orais amazônicas.

Segundo Marcuschi (2002), a linguagem é uma das maneiras de percepção do conhecimento que ocorre por meio da mente e dos sentidos, bem como através da intuição humana. Para o autor, “a linguagem é uma forma de cognição sócio-histórica e de caráter eminentemente interativo” Marcuschi (2002, p. 44-45). Em sua concepção, a linguagem não deve ser vista simplesmente como um código, ou seja, a linguagem se constitui de um conjunto de símbolos por meio dos quais temos a capacidade de recriar simbolicamente o mundo.

Partindo desse princípio, esta sexta e última categoria de análise trata essencialmente das anáforas que são utilizadas nas narrativas orais amazônicas. Tal questão ocorre tanto como forma de recategorizar os referentes que protagonizam o enredo das narrativas, como na retomadas desses referentes, os quais funcionam como elementos que garantem a estabilidade dos sentidos de inúmeras expressões presentes na estrutura desses relatos. É importante destacar ainda que os referentes dos quais me refiro são os objetos de discurso que foram construídos e reconstruídos discursivamente durante as interações verbais envolvendo esta pesquisadora e os moradores das comunidades investigadas.

Nesse interím, os processos referenciais presentes nesses fatos narrados passam a serem considerados como atividades discursivas em que ocorre a progressão do referente. Essa progressão referencial está relacionada ao fato de os objetos de discursos possuírem alto grau de dinamismo, e isso acaba facilitando sua inserção na memória discursiva do narrador, permitindo que este construa, reconstrua, recategorize e transforme esse objeto de discurso durante a progressão dos textos narrados.

Segundo postulam Koch e Marcuschi (1998): “A língua não é o limite da realidade, nem o inverso. Língua é trabalho cognitivo e atividade social que supõe negociação. Não pode ser identificada com instrumentos prontos para usos diversos” Koch e Marcuschi (1998, p. 172). Para os autores, os referentes evoluem à medida que ocorre mudanças no decorrer do discurso.

Nos excertos a seguir veremos o emprego de anáforas diretas que são escolhas do narrador por meio das quais ocorre a progressão dessas narrativas analisadas. Essa progressão é fruto da relação entre linguagem, mundo e

pensamento definidos discursivamente pelo narrador. Quando o narrador opta por usar anáforas diretas e pronominalização no decorrer do processo narrativo, ele objetiva recategorizar e resgatar expressões que já foram utilizadas anteriormente por ele.

Excerto 1: Mulher que se gerava em Onça.

Outra coisa que a mamãe conTAVA é que tinha essas pesso::as já ANtiga que se diziam que curavam que falaVAM que () transforMAvam em outra coisa né? pessoas se transforMAvam em bicho por exemplo...se transforMAvam em bicho... a onça por exemplo...a mamãe sempre conTAVA tinha uma senhora que chamava de tia Rosa ai...quando era noite de temporal no tapari que era só casa assim...não era assim como é agora/aí esses cachorro laTIU laTIU parece que tAVAM correndo atrás de alguma coisa né? aí algumas pesso::as já TINha visto o vulto que era uma onça SEi que SEMpre a-PA-re-cia isso...nas noite de TEM-po-rai::s...toda vida a-pa-RE-cia isso aí...aí num belo dia... numa bela noite eles se juntaram e disseram que iam atrás dessa onça...aí...quando da-va temporal...ai no outro dia de manhã ela amanhecia dormindo até tarde () estava cansada ela não tinha dormido muito bem...sempre ela dava uma desculpa...aí quando foi nessa noite () eles cortaram umas varas bem apontadas e se reuni::ram quando eles viru vinha uma onça realmente corre::ru atrás com cachorro ela corria e eles correru () era num sei quantos homens tentaram cercar e...sei...que jogaram pau é pra furar...éh...éh...alguém –atacou que pegou assim do lado dessa onça e essa onça CORReu e eles correru atrás dessa onça () aí desapareceu no mato.

No excerto em análise, o processo de referenciação inicialmente ocorre por meio da relação entre hiperônimos e hipônimos, perceptíveis no início da narrativa quando o narrador relaciona a expressão nominal indefinida “em bicho”, que é um hiperônimo, e na expressão nominal definida “a onça” considerado um hipônimo, visto que a expressão nominal indefinida “em bicho” está associada ou relacionada ao referente principal “onça”, isto é, o narrador passa a designar o fenômeno linguístico de forma diferente ao fazer uso dessas expressões de hiperonímia e hiponímia,. O narrador não está fazendo retomadas e nem remissões de referentes, mas recategorizando-o. Nessa dinâmica usada pelo narrador, ele relaciona lexicalmente as expressões nominais “em bicho” e “a onça”, em que o hipônimo “onça” especifica o tipo de “bicho” a que o narrador se refere, e a expressão “em bicho” o narrador coloca o referente de forma mais abrangente, mais genérica.

Partindo dessa primeira recategorização, o narrador apresenta ao espectador o seu objeto de discurso “a onça”, sua categoria principal. Ao prosseguir discursivamente o narrador faz uso da anáfora correferencial “uma onça” e “dessa onça”. O uso dessas anáforas são importantes dentro do processo narrativo, uma vez que favorecem a progressão textual, bem como funcionam como marcadores da

continuidade referencial. Por meio dessas expressões referenciais percebo a facilidade do narrador em construir e reconstruir os sentidos do texto narrado.

Ao concluir o processo narrativo o narrador faz uso de pronominalização, a exemplo se tem a expressão nominal “ela corria”, em que o anafórico “ela” reativa o referente “uma onça” introduzido anteriormente no discurso, mantendo assim uma relação de correferencialidade com o referente principal. Observo nesse primeiro excerto a cautela do narrador em manter a continuidade referencial da sua narrativa, e para isso utiliza recursos anafóricos objetivando o desenvolvimento de uma narrativa produtiva com coesão e coerência.

Nas narrativas analisadas o emprego de anáforas diretas são uma das formas de referenciação usada pelo narrador por meio da qual ocorre a progressão discursiva do texto (narrativa). A progressão desses referentes dentro do processo narrativo se dá devido à relação existente entre o mundo, linguagem e pensamento, em uma relação recíproca que acontece discursivamente, ou seja, a partir de sua interação linguística o interlocutor/narrador constrói o sentido desses relatos.

Excerto 2: O Boto.

Eu acredito que o boto o boto tem assim várias FORMas da gente se...de se comunicar com as pesso::as... de atrair as pesso::as porquê...a noite...eu já vi isso...a noite eu já vi isso já aCONteceu com um rapaz um rapaz...que a gente cui::DAva dele...que ele era o boto...o vermelho...o cor de rosa...que era o que a-ta-CA-va o rapaz...que ele JÁ até faleceu o rapaz...num dava sossego pro rapaz...era toda noite...toda noite...aí o rapaz veio a falecer se represenTava só em assovios...assovios...assoviava o rapaz comeÇAva a passar mau...isso daí:: foi que ele levou o rapaz...a morrer

[...] () aí num tuco do Plquiizei::ro grande no garaPÉ...saiu uma água do fundo...assim oh...falhou aquela água limpa...limpa...areia branquinha...fininha...aí bom...a gente ia tomar banho por LÁ no tempo da dona Joana...as filhas iam tomar banho...todas as filhas tiveram problemas de CA-be-ça...dor de CA-be-ça... dor de CA-be-ça () seu Aníbal quando ia matar uma caça...quando ele chegava lá...nove horas da noite...deixava a caça pra dona Joana cuidar e ia tomar banho...quando ele chegou lá tirou a roupa e aquilo pá na bunda dele...eh cara não TÔ mexendo contigo...aí ele mergulhava...não via nada...era só isso...

[...] aí a mamãe e o pessoal do velho Dias passavam no terrei::ro de casa () eram quatro mulher...aí QUANdo () os botos gostavam das mulher...né? aí era ele assoviando...FI...FI...aí o pessoal já venho...aí quando passa::va a mamãe brechava...aí passava aqui::lo de roupa branca () que TA-va atrás delas pra lá () mas ele sumia (mas toda vez a mamãe cansou de vê)...aque::la roupa branca que passava tarde era ele...o botu.

Fontana (2014) afirma que as anáforas diretas desenvolvem um papel de importante no processo de referenciação, pois são responsáveis pelas atividades que

constroem a coerência textual “por meio de um encadeamento referencial que proporciona a progressão textual. Dizemos que a anáfora direta [...] é definida pela relação de correferencialidade estabelecida entre o termo anafórico e seu antecedente” Fontana (2014, p. 140).

No decorrer das análises vemos que o uso de referentes dentro desses processos narrativos é essencial, uma vez que seu uso frequente evita repetições desnecessárias no corpo do texto, permitindo assim que esse evolua de forma a manter as coesões e coerências necessárias no discurso

A narrativa “o Boto” é uma das narrativas analisadas que além da presença das anáforas diretas e pronominalização, é a narrativa que mais apresenta processos metafóricos, além do próprio processo de transcategorização envolvendo essa entidade do lendário amazônico. Essas metáforas colocadas implicitamente nessas narrativas são formas encontradas pelo narrador para explicar ao espectador suas origens e as práticas sociais dessas comunidades, bem como os seus costumes, suas crenças populares e sua relação com a sociedade.

No segundo excerto, o processo de referenciação ocorre inicialmente por meio de anáforas diretas, visíveis nas expressões nominais definidas “o boto”, “o boto” e expressões nominais indefinidas “um rapaz”, “um rapaz”, em que o narrador logo no início de sua contação de história já apresenta o seu objeto de discurso ao espectador. A partir das expressões anafóricas “o boto”, “o boto”, no decorrer do processo narrativo, o narrador recategoriza seu referente principal, mas nesse primeiro processo de recategorização usado pelo interlocutor, ele apresenta seu objeto de discurso em sua forma metamorfoseada a partir das expressões anafóricas recategorizadoras “um rapaz”, “um rapaz”. Nesse trecho da narrativa observo que o narrador não faz retomada e nem remissão do referente, mas o recategoriza fazendo uma mudança de categoria, da categoria animal animado para a humano animado – a transcategorização.

Ao prosseguir discursivamente o narrador retoma o referente “um rapaz” por meio de pronominalização, no qual o anafórico “dele” recupera o referente “um rapaz” introduzido anteriormente no discurso. Já o anafórico “ele” reativa a categoria principal “o Boto”, mantendo assim uma relação de correferencialidade com o referente principal, visto que o papel das anáforas é justamente fazer retomadas de algo que já foi falado anteriormente, ou seja, as anáforas diretas estão circunstanciadas ao discurso em andamento.

Na narrativa em análise se observa a presença de um grande número de anáforas e essas ocorrências anafóricas mostram ao espectador as inúmeras possibilidades que o narrador tem para reconstruir os sentidos desses relatos por meio de expressões referenciais. No trecho “os botos gostavam das mulher...né? aí era ele assoviando...Fl...Fl...aí passava aqui::lo de roupa branca...aque::la roupa branca que passava tarde era ele...o botu”, nessa última construção de referente o narrador faz uso de pronominalização, no qual o pronome “ele” retoma o referente “os Botos”, já a expressão nominal “aque::la roupa branca que passava tarde era ele...o botu”, além de atualizar a anáfora por meio do mesmo antecedente, isto é, mesmo nome, apresenta o processo meronímico, uma vez que o anafórico recategorizador “aque::la roupa branca que passava tarde era ele” está relacionado como parte do todo “o boto”.

É importante frisar que nessa forma de referenciação usada pelo narrador, ele relaciona o seu conhecimento sociocognitivo, bem como seus pensamentos, fazendo uma ligação harmônica com a linguagem, e nessa relação de harmonia e reciprocidade o processo de referenciação ocorre por meio da inserção de anáforas diretas, assim permitindo que haja a progressão das narrativas. Nesse sentido, Fontana (2014, p. 140) postula que “[...] a língua é utilizada como forma de representação do mundo, numa relação entre as palavras e as coisas”, isto é, para a autora a língua constrói e reconstrói o mundo

A partir das análises dessas narrativas verifiquei a importância das anáforas diretas no processo de referenciação, as quais no decorrer do processo narrativo se deu por meio de expressões nominais, bem como por expressões pronominais, assim contribuindo com a progressão discursiva dessas narrativas.

Excerto 3: Curupira.

a gente não sabe o que é o curupi::ra...nunca a gente viu...agora alí NAquele mato que era do seu pai...eu vi um pre-TIN-ho lá no mato...eu vi (mas rapidão assim) só vi e ele sumiu...eu vi () me aRRUpiou tudo - - agora sobre caçada a noite...eu e nossos parceiros...nós já vimos muito...e muito...pelo menos até alumiarem pra gente assim a gente já viu () esse mato daqui pro jutuba né?

[...] ah do curupira só quando a gente via era assovio...a gente ficava perto e não via nada...quando ela começava a assoviar podia despachar que a gente não acreditava...então a gente vinha embora logo...não vinha nada...Fl...Fl...não vinha nada...

[...] quando comecei a caçar...eu via umas marmotas...até que um dia...eu...aí eu disse...papai me disse assim...rapaz o que é? aí ele disse () aí tem uma curupira que anda aí...eh rapa (mas ela não mexe com ninguém) só se mexer com ela né? aí eu disse não...não mexo não...aí pronto...aí foi...quando foi

um dia foi...TA-va LÁ dentro da mata...na espera do bicho...eu vi...esse eu conto que eu vi porque eu enxerguei mesmo...um ba-RU-lho que eu dizia que era até uma caça () direto no bebedor...aí eu teve LÁ que quando eu vi...apareceu...um garotinho...um garotinho assim...veio...veio...veio...veio...direto LÁ no bebedor...teve LÁ...DE LÁ ele saiu...foi embora () um moleque...eu chamo moleque porque era bem miudinho né?...mas () que era o dono...depois que eu disse pro papai...aí ele disse é a dona de LÁ...é o bebedouro da curupira...é LÁ que o pessoal caça () ah tá...aí caçava o BenZINho...caçava o JuCUNdino...caçava o MARcelino...AnTÔNio GENtil...todinho eles caçavam LÁ ...mas nunca maTaram nada...era MULto bom de caça lá...mas nunca maTaram nada...era MULto bom de caça LÁ () eles iam LÁ...tinha muito mexido...mas () passei a noite...aí quando foi no outro dia...eu foi mais na frente...aí veio aquele barulho...liguei a lanterna...foquei...mas não vi nada...mas aí eu falei com ela...eu pedi pra ela...a hora que ela me desse uma caça...eu vinha embora...eu queria um veado () aí ela assoviou LÁ dentro...quando veio de NO-vo...era um veado...atirei...matei...aí eu fez um cigarro e deixei pra ela...que eu disse que ia deixar o cigarro...entreguei e vim me embora...desde LÁ todo tempo...eu sempre quando ia escutava () assim...num enxergava mais nada...mas eu ouvia o assovio...ouvia o barulho né? aí eu consegui a pesQUisar aquilo que...bastou a primeira vez eu conversar com ela...aí ela vinha...e até hoje eu sempre escuto...mas eu nunca mais fez o que era pra mim fazer...eu fazia...mas nunca mais fez...não me incomodei mais...mas LÁ aparece...aparece assim...porque nós escuta o barulho...a tucura dela...ela assovia...bate nos pau () um dia desses eu vinha LÁ do roçado...liguei a lanterna...aí eu escutei...parece que estava serrando um pau assim...com a makita () aí depois eu cheguei bem pertinho e percebi que era LÁ...aí eu falei...a comadre é tu que TÁ fazendo a TUA casa é? Acho que eu venho pra CÁ...aí eu passei e vim embora...agora desde LÁ eu sempre vejo...escuto né? assovio dela...ela bate com os paus...as vez grita...assim um grito diferente...mas...mas nunca mais apareceu nada pra gente...agora só é assim... agora pouco tempo ()

No terceiro excerto, o narrador usando sua interação linguística constrói discursivamente seu referente de maneira coletiva e compartilhada, associando à linguagem a seu conhecimento prévio sobre o mundo no qual está imerso. Desse modo, constrói seu referente de forma dinâmica e com um certo grau de intimidade com essa entidade quando por vezes se refere ao “curupira” como “comadre”. De igual modo, o narrador seleciona os melhores léxicos e utiliza estratégias como anáforas diretas e pronominalização para construir e reconstruir discursivamente o sentido dessas narrativas.

Quando o narrador inicia sua contação de história faz uso da expressão nominal “um pre-TIN-ho lá no mato” referindo-se à categoria principal “o curupira” implícito na narrativa, visto que o narrador apresenta ao espectador esse ser encantado em sua forma humano animado. Ao prosseguir discursivamente, o narrador retoma o referente “um pre-TIN-ho” fazendo uso do pronome pessoal anafórico “ele”, por meio do qual ocorre a progressão da narrativa. No exemplo dado, o pronome “ele” atua como condutor referencial da atividade e ou prática discursiva do narrador, ou

seja, funciona como uma espécie de ferramenta que anuncia ou antecipa o referente, já posto anteriormente no processo narrativo.

Na cadeia referencial “esse eu conto que eu vi porque eu enxerguei mesmo...um ba-RU-lho que eu dizia que era até uma caça () direto no bebedor...aí eu teve LÁ que quando eu vi...apareceu...um garotinho...um garotinho assim...veio...veio...veio...veio...direto LÁ no bebedor...teve LÁ...DE LÁ ele saiu...foi embora () um moleque...eu chamo moleque porque era bem miudinho né?...”. Nessa tessitura referencial a expressão nominal “um barulho” é recategorizada pela forma anafórica “um garotinho...um garotinho assim”, logo, nesse processo de recategorização pelo qual o narrador opta, ele constrói o referente que protagoniza o enredo da narrativa.

Outras formas recategorizadoras essenciais para a progressão dos fatos foram as expressões “o assovio...ouvia o barulho né?... o barulho...a tucura dela...ela assovia...bate nos pau”. Tais formas de recategorizar usadas pelo narrador são decorrentes do conhecimento cognitivo desse interlocutor, uma vez que essas formas de (re)categorizar ou (re)nomear o referente usadas por ele são produtos das circunstâncias do ambiente sociocultural no qual essas narrativas são contadas. Essas expressões estão relacionadas ao contexto cultural no qual o narrador está inserido e assim realiza suas escolhas, as quais dão forma e existência a essas entidades encantadas que protagonizam o enredo. Nesse sentido, Vitorino (2014, p. 1) postula que: “a referenciação é um processo criativo e colaborativo que emerge de práticas simbólicas e sociais”, ou seja, a partir dessas escolhas lexicais o narrador contribui com a estrutura sociodiscursiva desses fatos narrados.

Por fim, o narrador apresenta a expressão referencial definida “a comadre”, que se modifica por meio do pronome pessoal “tu” e pronome possessivo “tua”. Nesse excerto, o narrador conduz a atividade referencial por meio de pronominalização. Nessa dinâmica o narrador vai recolocando seu objeto de discurso, assim permitindo que haja a progressão temática e textual.

Nesse excerto, o pronome “tu” recupera o referente “a comadre” posto inicialmente no discurso e da mesma forma constrói artifícios textual-narrativos, objetivando inserir o novo referente que vem personificado a partir da expressão “assovio dela”, na qual o narrador empresta a esse ser encantado características e sentimentos que são típicos dos seres humanos.

Excerto 4: A Cobra Grande.

na ponta do cururu tem uma cobra grande encantada...que vinha nos trabalhos...antes que tinha uns curandeiros né? faziam seus trabalhos e ai eles se incorporavam nas pessoas e () que ele chorava e dizia que era o Noratinho...dizendo que ele foi encantado e ele que morava na ponta do cururu...pra ele...ele tinha vontade de sai do encante...mas pra isso...a pessoa que fosse pra desencantar...tinha que meia noite...com um litro de leite de gado...de vaca preta e um machado...para que quando ela viesse e colocasse a cabeça na terra...a pessoa dava as machadadas pra matar aquele animal...no caso a cobra e jogar o leite assim por cima...quando matasse essa cobra...ai o rapaz se desencantava e se tornava pesso::a...então até hoje ninguém desencantou essa cobra ((mas será que ela ainda aparece por lá?)) não sei...as vezes a gente fica comentando aqui...porque a mamãe...papai contavam essas histórias...

No quarto excerto, o narrador inicia seu processo discursivo apresentando ao espectador o seu objeto de discurso em sua forma metamorfoseada a partir da expressão nominal indefinida “uma cobra grande encantada”.

Ao prosseguir discursivamente o narrador começa a reconstruir seu objeto de discurso quando introduz essa cobra grande em sua forma personificada, visíveis a partir da expressão pronominal “ele chorava e dizia” e expressão nominal definida própria o Noratinho”, já que seu nome é “Noratinho” que se apresentava em sua forma humano animado quando vinha nos trabalhos dos curandeiros dessas comunidades nas quais ocorrem ou ocorreram essas histórias, isto é, essa cobra encantada, ao se transformar em pessoa, transitava livremente pelas comunidades.

Nesse quarto excerto, a forma “uma cobra grande encantada” volta a ser recategorizada dentro do processo narrativo, sendo anaforizada pelas formas: “dizendo que ele foi encantado e ele que morava na ponta do cururu...pra ele...ele tinha vontade de sai do encante”. Como bem observado, o narrador introduz o referente tanto por repetição lexical, quanto por pronomes, assim como por elipses desses pronomes, isto é, por vezes ocorre a omissão do referente que facilmente é entendido, compreendido ou ainda deduzido por meio do contexto da narrativa trazida pelo narrador.

Nesse excerto da narrativa, o pronome “ela” retoma a categoria principal “uma cobra grande encantada”. O uso desse pronome é uma estratégia usada pelo narrador para que haja progressão da atividade argumentativa da narrativa. Então, posso dizer que esses pronomes têm uma função essencial dentro desse processo narrativo, uma vez que atuam simultaneamente como elo no qual ocorre tanto a retroaçã, quanto a projeção referencial; tanto fazem remissão ao referente principal,

quanto trazem informações novas que são essenciais para a tessitura desses acontecimentos que constituem o enredo dessas narrativas, associados a esses personagens do lendário amazônico. Já na expressão “ela viesse e colocasse a cabeça”, trazida discursivamente pelo narrador, tem-se uma expressão metonímica em que a expressão nominal definida “a cabeça” é uma expressão metonímica, uma vez que a expressão nominal “a cabeça” é parte do todo “a cobra grande encantada”.

Para Moura (2017 p. 57):

Esse tipo de recurso tem como característica ativar parte das propriedades componenciais ou integrantes de objetos, seres e entidades, ao mesmo tempo que opera como substitutos integrais destes na cadeia referencial/tópica.

Segundo o autor, a metonímia atua como apoio por meio do qual a progressão da narrativa se realiza ou adquire consistência.

Como bem observamos, ao narrar esses acontecimentos o interlocutor elabora um conjunto de estratégias pelas quais dá sentido ao mundo biossocial não só reconstruindo esses personagens por meio de sua interação verbal, mas buscando outras maneiras de significar esses personagens, além das já existentes. Cabe acrescentar ainda que o narrador procura dar novos sentidos a esses referentes para que assim haja interação. A narrativa em análise contém um conjunto de acontecimentos que trazem estabilidade e clareza ao referente “Cobra Grande Encantada”, as quais se relacionam com as práticas sociais, culturais, bem como simbólicas que são colocadas em evidência pelo narrador no ato de sua contação de história.

Por fim, o narrador conclui a narrativa recategorizando o referente “cobra grande encantada” a partir do uso da expressão nominal definida “aquele animal”, logo em seguida retoma a categoria principal quando faz uso da expressão nominal anafórica “a cobra”, “essa cobra”. Prosseguindo discursivamente, e com base nesses elementos sociocognitivos postos anteriormente, o narrador recategoriza o referente que outrora se encontrava em sua forma animal animado, já em sua forma humano animado, perceptível na expressão anafórica direta “a pessoa” e “pessoa” e expressão nominal definida “o rapaz”.

Excerto 5: O Boto.

[...] aí eu descia pra pescar...aí eu tarrafiava de terra...como se chamava de primeiro...agora não...agora nunca mais pescam desse jeito...aí eu jogava a tarrafa de terra...aí um dia eu TAva aqui aí ele chega...BO-ra...aí eu foi pescar...fui LÁ na beira...tarrafiei...peguei um pouco de peixe e vim me embora...aí quando cheguei LÁ na () eu escutei o assovio pra trás...o boto...aí eu vi que era um boto mesmo...aí eu vim embora...aí eu cheguei mais aqui perto do São Francisco...naquele tempo não tinha casa...era tudo mato mesmo...aí tornou a assovia mais perto...eu vim embora...cheguei...fiquei na casa que era do Jean...que chamava capinarana grande que chamavam na época...tinha () que a gente vinha que varava aqui embaixo...aí eu entrei...vim...e eu escutava atrás de mim...vinha aquela pisada...escutava bem...aquilo pisando...parece até uma pessoa assim...da folha...e vim embora...quando cheguei bem aí...onde é essa LA-ma aí...aí ele me alcançou mesmo...o boto...ele veio atrás de mim...e todo tempo ele vinha pertinho de mim ((mas tipo de homem?)) não...eu não enxergava ele porque eu não olhava para trás...e quando chegou perto assim...bem aí nessa subida aí ele me deu-lhe um TA-pa...aí eu foi lá e voltei...aí ele tornou a me BATER de-novo...me deu três TA-pa...aí no terceiro ele me jogou mesmo LÁ dentro do mato...

[...] eu vou matar esse boto...num mexe...vô...nossa casa era bem ali...aí passava aí perto do canto...essa estrada passava bem no CANTinho da casa...QUANdo foi no outro dia de tarde...eu enchi um cartucho...peguei uma espingarda 20...coloquei o cartucho...tu vai morrer...aí ele ficou com medo...o papai...aí quando deu umas oito horas...era cedo que ele andava...antes das nove...eu escutei...ele assoviava bem aí na entrada...assoviava lá na entrada e quando ele assoviava era bem no canto da casa...eu fiquei sério...quando ele assoviou aqui...e a gente es-cu-TA-va bem quando ele passava...o barulho...pisadas...quando...que agora eu calculei isso () é quando ele assoviou...eu amassei o dedo () rapa ele ficou com medo...noutro dia eu descí pra pescar com um senhor lá que já é falecido...finado Patrício...fumo pescar de lanterna...chegou lá no lago...ele disse ei () tem um boto morto bem ali...aonde? bem ali...vamo vê? vamo...aí eu fui...chegou lá...TA-va lá revirado...ta-va o pi-po-co de chumbo na costela dele

[...] nós TA-va certo pra descer junto...da beira...ele pescava de malhadeira...eu também pescava () a gente mexeu um com o outro pra gente vim embora...aí quando ele ouviu o assovio...ele pensou que era eu que tivesse vindo na frente...aí ele veio...chegou lá no rio... a gente TA-VA pra trás...se arrumou e veio embora...quando chegou ali em viagem ele enxergou...era luar...o cara que vinha na frente...ele pisou e o cara sumiu...e eu vinha logo atrás aí eu enxerguei e disse porra lavei o Teodoro () e nada...aí quando chegou aí nesse igarapé onde é o Nonato...aí não TE-ve brecha pra ele não...eu vinha de lá e o carro...vinha descendo um carro daqui () aí não teve brecha...ele se jogou na água ...quando ele se jogou lá ele assoprou...o boto mesmo ((no igarapé?)) dentro do igarapé...o boto...aí nos passemos e contemos...o pessoal ficou tudo assim...aí nos falemos...foi verdade mesmo () eu vi...eu enxerguei () foi a viagem que nós vimos () hum

[...] olha a gente ia da minha casa para a casa da minha tia...tinha um pe-da-ço assim...e a gente enconTRAva assim...encima das pontes homens VESTidos de branco...e a gente dava aquele arrepio na gente...quando a gente passava um pouco...e só via o barulho da água...o homem caía na água e de repente já saía como boto né? faZENdo aquela coisa de boto

[...] toda noite eles...viam um baRUIho...que as casas eram de palha né? porta de () ouviu de uma prima dela...ouve um baRUIho...parece que alguÉM entrou na porta...ela TA-va dormindo...e era... e ela começava a se sentir parece assim...alguém TÁ mexendo geMENdo... geMENdo e depois saía...e essa coisa que saía...o cachorro latia...latia...ia parar na água...e era

boto né? tanto que uma vez disque a mamãe contava que os meus tios que eram rapaz...correu atrás desse rapaz LÁ da casa...todo de branco...com cachorro e foram atrás dele...com pau e tudo...e ele caiu na água...e LÁ já fazia como boto...aí essas histórias a gente sabia que era a mamãe que contava...outra coisa TÁ () outra coisa que eu soube...

No quinto excerto temos a narrativa “o Boto”, na qual o narrador apresenta o referente principal em sua forma personificada, perceptível na expressão nominal definida “o assovio”, e logo em seguida já insere no discurso a categoria principal a partir da expressão anafórica definida e indefinida respectivamente “o boto” e “um boto”. Nessa forma de recategorizar o referente, o narrador se apropria de recursos cognitivos para enunciar o objeto de discurso, assim constrói a cadeia textual da narrativa de modo que os referentes se conectam.

Ao prosseguir com as análises das narrativas, temos a expressão anafórica “aquela pisada e “aquilo pisando”, em que o narrador, ao fazer uso desses pronomes demonstrativos, busca demonstrar com mais precisão o referente principal que já foi posto inicialmente no processo narrativo.

No decorrer do processo narrativo o narrador, usando seus conhecimentos cognitivos, categoriza a entidade do lendário usando a expressão pronominal “ele me alcançou”, em que o pronome “ele” faz remissão ao referente “o boto”, nesse momento o narrador repetitivamente insere no discurso as expressões pronominais “ele veio”, “ele vinha” e “ele”, objetivando mostrar ao espectador que a entidade encantada se aproximava cada vez mais dele. Nesse sentido, Figueiredo (2001, p. 369) postula que a anáfora “é o lugar de escolha por parte do locutor-escrevente, assim uma expressão referencial pode ser quase sempre substituída por uma outra expressão, desde que esta última identifique, designe, evoque ou convoque o referente anterior”.

Outra maneira usada pelo narrador para categorizar o referente é a partir das expressões anafóricas categorizadoras “o cara que vinha na frente” e “o cara”, em que o narrador categoriza o referente “boto” já em sua forma humano animado,

De maneira ampla, entendo que a referenciação ocorre dentro do processo narrativo de diversas formas, uma delas é a partir do uso de formas gramaticais com função de pronomes, que também podem ser designadas como pronominalização. Um exemplo prático é quando o narrador faz uso da expressão “ele se jogou na água” e “ele se jogou lá...ele assoprou”, em que o narrador utiliza o termo anafórico “ele” fazendo referência à categoria “o boto”, bem como objetivando a progressão dessa narrativa. Essas expressões pronominais atuam no sentido de conduzir a ação do

interlocutor. Nesse viés, Santana (2015) postula “a anáfora direta se traduz em correferência, pois relaciona expressões a partir de um mesmo referente recategorizadora ou co-significativamente. Assim, reativa-se um referente antecedente de similaridade” Santana (2015, p. 47).

4 SÍNTESE DOS RESULTADOS

O corpus aqui analisado é formado por um conjunto de cinco narrativas sendo uma da “Mulher que se gerava em onça”, uma do “Curupira”, duas do “Boto”, e uma da “Cobra Grande”. Verificou-se que os processos de referenciação se fazem presentes em todas as narrativas analisadas.

Na narrativa “Mulher que se gerava em onça”, o processo narrativo apresenta com muita frequência o processo de metamorfose.

Desde o início do processo narrativo o narrador já apresenta ao espectador o referente em sua forma metamorfoseada a partir das expressões nominais indefinidas “outra coisa”, “bicho” e definida “a onça”. É visível a ênfase que o narrador dá a esse referente quando inicia o processo de recategorização e transcategorização, seguindo uma escala semanticamente hierárquica decrescente em que utiliza um termo mais amplo (bicho) até chegar num termo mais específico (onça). Conforme a progressão discursiva vai ocorrendo, essas entidades vão sendo reconstruídas. Para a reconstrução desses objetos de discurso, o narrador vai fazendo retomadas desse referente partindo de utilização de anáforas, como “uma onça”, “essa onça” e “dessa onça”. Dessa forma, o narrador vai reconstruindo discursivamente esses referentes de acordo com seu conhecimento cognitivo e o contexto no qual está imerso.

Nessas construções de referentes trazidas pelo narrador estão presentes o domínio humano encantado, bem representado nas expressões nominais definida “dona Rosa” e indefinida “era parente da minha avó”. A partir desse processo de recategorização fica perceptível o domínio humano animado, bem como domínio animal animado, visíveis nas expressões referenciais “uma onça”, “bicho”, “dessa onça” e “essa onça”. Nesse processo de recategorização e transcategorização o narrador faz uma relação ambígua entre a entidade e o sujeito, isto é, em uma relação humana e não humana na qual não existe separação entre sujeitos e os objetos culturais que são construídos ao longo do processo narrativo.

Em “o curupira” o processo de referenciação ocorre inicialmente por meio de formas nominais indefinidas como “umas marmotas”, “um ba-RU-lho” e “um moleque”, em que esses processos de recategorização desempenham funções cognitivo-discursivas importantes dentro dessa narrativa. Uma vez que a partir desse processo de recategorização e transcategorização, o

narrador traz ao espectador todo o seu conhecimento cognitivo-cultural a respeito desse ser encantado, pertencente ao universo do lendário amazônico, que ora é recategorizado como um humano animado, ora é recategorizado como um animal animado. Isto é, o narrador apresenta ao espectador as percepções simbólicas e mentais da sua realidade e da cultura na qual está inserido. Seguidamente, insere a categoria principal no processo narrativo por meio da expressão nominal definida “a curupira”. A partir desses processos de recategorização e transcategorização descritos, o narrador ativa e desativa esse referente na estrutura textual da narrativa.

Nesse processo narrativo também existe o processo de metamorfose perceptível quando o narrador apresenta esse referente na figura de “um moleque”, e posteriormente anuncia a categoria principal “a curupira”. Nessas formas de recategorização e transcategorização temos a metamorfose: a mudança de categoria homem animado para animal animado.

Nas narrativas “o Boto” aqui analisadas constatei que existem dois domínios cognitivos: o domínio humano animado e o domínio animal animado. O domínio animal animado é notado a partir do processo de metamorfose que ocorre com esse ser encantado, ora “Boto”, ora homem/mulher. O domínio humano animado é perceptível quando o narrador introduz no discurso novos referentes utilizando expressões nominais indefinidas como “aí passava aqui::lo de roupa branca” e “aque::la roupa branca que passava tarde era ele” ao estabelecer a retomada de referente fazendo uso da expressão verbal “ele sumia, e também no processo de metamorfose em que ora esse ser encantado é um lindo rapaz, vestido de branco, com um chapéu na cabeça, ora está em sua forma animal, um mamífero cetáceo, o qual é inserido discursivamente pela expressão nominal definida “o boto”, considerado um animal da fauna amazônica e que pode ser encontrado em vários rios da região, como o Rio Tapajós, por exemplo.

Além da categoria “boto”, o processo narrativo apresenta o processo de recategorização, que são inseridos discursivamente por meio das expressões nominais definidas “aquele” e “aquela”. Ao fazer uso dessas expressões nominais o

narrador leva o espectador a imaginar que se trata de seres humanos, quando na verdade ele se refere aos seres encantados que passam pelo processo de recategorização e transcategorização, no qual ora estão na forma homem animado, ora se encontram na forma animal animado.

Nesse processo narrativo, o narrador apresenta a figura desse ser encantado como um homem sensual, sedutor e envolvente que engravida as moças virgens dos lugarejos onde ocorrem esses relatos e depois desaparece.

Já a narrativa da “Cobra Grande” apresenta aspectos que transcendem sua condição de animal irracional, réptil de corpo cilíndrico, alongado e sem patas. Verifiquei que nela também existem dois domínios cognitivos, o domínio homem animado e o domínio animal animado.

O domínio animal animado é visível quando o narrador utiliza expressões nominais indefinidas como: “uma cobra grande encantada”. Essa recategorização vem acompanhada por um elemento modificador adjetival que caracteriza esse referente como um ser encantado pertencente ao universo do lendário amazônico.

Já o domínio humano é perceptível através da expressão nominal definida própria “o Noratinho” ser também encantado e pertencente ao universo do lendário amazônico, no qual o seu maior desejo é ser desencantado e se transformar em “pessoa”. Ao prosseguir discursivamente o narrador faz uma retomada de referente usando a expressão nominal definida “aquele animal”. Por fim, recategoriza novamente esse referente fazendo uso da expressão nominal definida “a cobra”. Vemos, nesse processo de recategorização, a facilidade do narrador em mudar de categoria animal animado para a categoria humano animado através do processo de transcategorização, isto é, a partir do processo de metamorfose.

Cabe ressaltar ainda outros trabalhos que também tiveram as narrativas amazônicas como objeto de estudo: Moura (2013) e Casseb (2019). Ao visitar a categorização e recategorização da referência em narrativas amazônicas por esses autores, verifiquei que apesar de as narrativas referentes à “Cobra Grande”, analisadas por Moura (2013) e Casseb (2019), serem diferentes da narrativa “Cobra Grande” analisada por esta pesquisadora, há semelhanças em vários aspectos relacionados aos elementos que compõem essas narrativas, tais como rios, cobra, encantamento, a metamorfose, elementos constituintes dessas narrativas e que compõe o espaço cognitivo desses relatos.

Da mesma forma que as narrativas referentes à entidade “Boto”, analisadas

por Moura (2013) e Casseb (2019), serem distintas das narrativas referentes à entidade “Boto” analisadas por esta pesquisadora, constatei semelhanças em vários aspectos como: rapaz bonito, homem misterioso, sedução, a metamorfose, beleza extrema, boto, a indumentária toda branca, chapéu na cabeça, encantamento, rios, ou seja, todos esses elementos constituem o espaço cognitivo das narrativas analisadas por Moura (2013) e Casseb (2019), bem como nas narrativas analisadas por esta pesquisadora.

É importante dar ênfase ao fato de existirem diferenças nesses relatos, dependendo do local em que são contadas essas histórias. Percebi que existe uma estrutura em comum entre as narrativas analisadas por Moura (2013) e Casseb (2019), e as narrativas analisadas por esta pesquisadora, conforme descrito no parágrafo anterior. Nas análises feitas por Moura (2013), as “Cobras” apresentam alto índice de recategorização, haja vista que essa personagem lendária, segundo o autor, é que mais se apresenta em forma metamorfoseada no universo do lendário da Amazônia. Segundo Moura (2013), essa recategorização ocorre devido às dinâmicas e criatividade dos narradores que as contam, e isso se dá pela relação deles com esse universo sociodiscursivo.

Para Moura (2013), nessas narrativas, houve desativação de referentes para posterior inserção de novos referentes. Tal questão é atribuída por ele à instabilidade e à diversidade do processo de construção desses referentes que compõem o conjunto de referências por meio do objeto de discurso “Cobra Grande”. Isso porque, nesse processo, também estão inseridas as mais variadas maneiras de os referentes se metamorfosearem ou se transformarem no curso das narrativas feitas pelos autores desses relatos.

Ainda segundo Moura (2013) no que se refere às narrativas do “Boto”, estas apresentaram menos índices de recategorização se comparado às narrativas da “Cobra Grande”. O autor atribui esse fato em razão dessa entidade se apresentar menos metamorfoseada nesse universo lendário.

No decorrer das análises foi possível constatar, nas cinco narrativas analisadas por esta pesquisadora, as formas de recategorização a partir dos processos de hiperonímia e hiponímia, em que o narrador usa seus conhecimentos cognitivo cultural e (re)nomeia esses referentes sempre considerando uma escala hierárquica entre eles.

Foi possível detectar, em todas as narrativas estudadas, os processos

referenciais a partir do processo de recategorização. Para (re)nomear esses referentes, o narrador optou por fazer uso de expressões nominais definidas e indefinidas. Nessa forma de referenciação o narrador vai construindo e reconstruindo discursivamente seu referente, isto é, dando forma e identidade aos seus objetos de discurso. Essas formas linguísticas usadas pelo narrador, no decorrer do processo narrativo para recategorizar seu referente, sempre vieram acompanhadas por um determinante e por diversas vezes acompanhadas por um elemento modificador adjetival.

No decorrer das análises foi possível constatar que em todas as cinco narrativas ocorrem os processos de metamorfose, isto é, o processo de transcategorização, a mudança de categoria homem animado, para animal animado e vice versa.

Nessa dinâmica, o narrador sempre demonstra sua capacidade intelectual e emocional, ou seja, mostra ao espectador que valoriza sua linguagem, pensamento, memória, raciocínio, capacidade de compreensão e percepção da sua realidade.

Ao longo das análises constatei a frequência dos marcadores temporais e espaciais nas cinco narrativas. Esses marcadores foram de suma importância no decorrer desse processo narrativo, uma vez que através dos usos de marcadores temporais o narrador segue uma cronologia, um tempo que indica início, meio e fim dos acontecimentos narrados. Além da cronologia, o narrador especifica o espaço no qual ocorre a incidência desses acontecimentos, deixando, dessa maneira, o espectador situado aos acontecimentos narrados.

No decorrer das análises percebi a incidência/recorrência de formas de recategorização e transcategorização nas cinco narrativas. O uso desse processo de recategorização e transcategorização, dentro desses processos narrativos, foram de suma importância, pois são responsáveis pela reconstrução dos referentes, isto é, dos objeto-de-discurso e atuam não somente com o objetivo de (re)nomear esses referentes, já inseridos anteriormente no processo narrativo, mas os apresentando em outras formas, como, por exemplo, em elementos predicadores que recriam essas entidades encantadas que são introduzidas no decorrer do processo narrativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este estudo foram selecionados quatro dos elementos lendários

presentes nas narrativas amazônicas: “A mulher que se gerava em onça”, “Curupira”, “Boto” e “Cobra Grande”.

No decorrer desta pesquisa busquei mostrar e analisar as atividades de referenciação a partir dos processos de categorização, recategorização e transcategorização em narrativas orais amazônicas. Trabalhar com narrativas orais amazônicas é motivador e essencial, visto que esses estudos podem proporcionar o conhecimento e expansão dessas narrativas, uma vez que os relatos trazem informações imprescindíveis que se relacionam com a identidade dos moradores dessas comunidades onde ocorrem esses fatos. Além dessas narrativas possuírem propriedades discursivas possuem também propriedades simbólicas, as quais descrevem certos comportamentos e costumes que estão relacionados com as experiências concernentes à cultura dos moradores desses vilarejos, isto é, trazem implícitos em seu enredo alguns problemas que abrangem essas comunidades.

Ao longo das análises percebi que os processos de recategorização e transcategorização usados pelo narrador ao longo do processo narrativo foram postos no discurso de forma cognitiva, variada e dinâmica, e finalmente manifestas lexicalmente na linguagem por meio do discurso. Esses recursos disponibilizados pela língua foram essenciais para a argumentatividade e interatividade do narrador no decorrer de seu processo narrativo.

É importante salientar que esses relatos produzidos nessas comunidades apresentam elevados graus de coerência e coesividade, portanto, não podem ser vistos como produções desordenadas e sem sentidos, daí a necessidade de sabermos lidar com as variações interculturais, visto que a língua é heterogênea, ou seja, em hipótese alguma podemos olhar e pensar a língua de forma monolítica e homogênea, pois essa visão produz discriminação e preconceito.

Após análises das narrativas constatei que suas atividades referenciais são múltiplas e heterogêneas, haja vista as diversas formas como o narrador reconstrói socio-cognitivamente esses relatos, que muitas das vezes são associados a conhecimentos prévios dos ambientes onde esses acontecimentos são produzidos. Dessa forma, o narrador passa a construir linguisticamente os seus referentes.

Constatei que mesmo havendo algumas diferenças nos relatos dessas narrativas, dependendo do lugar onde são contadas, existe uma estabilidade cognitivamente e culturalmente entre os comunitários, que as contam, que podem ser atreladas ao fato de serem narrativas orais e também a questão da subjetividade.

As categorias analisadas mostraram que essas narrativas orais amazônicas possuem recursos textuais importantes para a construção e reconstrução dos personagens descritos nesses relatos, os quais envolvem fatores socioculturais. Desta feita, torna-se necessário um estudo mais extenso que vise disseminar o conhecimento dessas narrativas que são parte do patrimônio histórico da região amazônica.

Por fim, foi possível observar que as narrativas amazônicas além de serem um importante tesouro linguísticos, compõem as relações culturais e históricas de povos ribeirinhos da região amazônica.

REFERÊNCIAS

ALVES, Aline Marques Borges; LIMA, Adriana Alves Silva; NOGUEIRA, Sônia Maria. 52. Hiperônimos e hipônimos na sala de aula do Ensino Fundamental anos finais na Região Tocantina do Maranhão. **Revista Philologus**, v. 28, n. 84 Supl., p. 701-15, 2022.

BOTLER, Laís Maria Álvares Rosal; SUASSUNA, Livia. Relações entre fala e escrita na escola: análise da prática de uma professora do ensino fundamental. **WorkingPapers em Linguística**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 01-19, 2013.

CASSEB, Maria do Carmo Ribeiro. **Narrativas orais amazônicas**: Análise dos Frames Boto e Cobra Grande sobe enfoque cognitivo-cultural. 2019. 121 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense) – Universidade Federal Fluminense, [S. l.], 2019. DOI: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/11666>. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/11666>. Acesso em: 28 out. 2022.

CIULLA, A. Categorização e referência: uma abordagem discursiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 56, n. 2, p. 247–258, 2015. DOI: [10.20396/cel.v56i2.8641477](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641477). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641477>. Acesso em: 25 out. 2022.

DUQUE, Paulo Henrique. De perceptos a frames: cognição ecológica e linguagem. **Scripta**, 2017, v. 21, n. 41, p. 21-45.

DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015.

FEITOSA, Alceane Bezerra; ANDRADE, Júlia Maria Muniz; MONTEIRO, Karla Dayane Silva. O Processo de Recategorização Metafórica na Construção do Gênero Meme. **Porto das Letras**, 2017, v. 3, n. 1, p. 75-87.

i. FERRARI, L. Categorização. In: FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 31-48.

ii. EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. 8. Categorisation and idealized cognitive models. In: **Cognitive Linguistics**: an introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FIGUEIREDO, Olívia Maria. Considerações sobre o emprego da anáfora nominal em textos de alunos. **Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas**, 18, 2001, p. 395-410, 2001.

FILHO, Florêncio Almeida Vaz; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **Isso tudo é encantado**. Santarém: [s. n.], 2013. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/ufopa/servicos/publicacoes/livros-digitais/isso-tudo-e-encantado/>. Acesso em: 25 out. 2022.

FONTANA, Maire Josiane. A anáfora direta: uma estratégia de progressão discursiva. **Revista e-escrita**: Revista do Curso de Letras da UNIABEU, v. 5, n. 2, 2014, p. 139-150.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. (org.). **Pesquisa Participante**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 34-41.

Jacobina, Ana Maria Souza. "Os cetáceos." (2000).

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Lingüística textual: retrospecto e perspectivas. **ALFA**: Revista De Linguística, v. 41, 1997.

_____. Interferências da oralidade na aquisição da escrita. **Trabalhos em Linguística aplicada**, v. 30, 1997.

_____. Lingüística textual: quo vadis?. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 17, 2001, p. 11-23.

_____. A referenciação como atividade cognitiva-discursiva e interacional. **Cadernos de estudos linguísticos**, 2001, v. 41, p. 75-90.

_____. As expressões nominais são indefinidas e a progressão referencial. 2004.

_____. Como se constroem e reconstroem os objetos-de-discurso. **Revista Investigações**, v. 21, n. 2, p. 99-114, 2008.

_____. MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 14, p. 169-190, 1998.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. **(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos**. 2003. 171 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará, [S. I.], 2003.

_____. CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 30, 1997.

_____. O papel da linguística no ensino de línguas. **Revista Diadorim**, v, 18, n. 2, 2000.

_____. Atos de referenciação na interação face a face. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 41, p. 37-54, 2001.

_____. 3) Veredas – Revista de Estudos Linguísticos, v. 6, n. 1, 2002.

MARTINS, Erik Fernando Miletta; MORATO, Edwiges Maria. Referenciação e orientação argumentativa na retórica neopentecostal: o percurso sociocognitivo das recategorizações metafóricas. In: **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 86-104.

MEDEIROS, Solange Aparecida. **O ensino da oralidade na escola: uma proposta de trabalho com a “contação de histórias”**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Programa de Pós- Graduação em Letras (PROFLETRAS), 2015.

MORAES, Carla Roselma Athayde; MORAES, Isabela Dias. O processo de (re)categorização pelo uso de expressões nominais em crônicas narrativas. **ReVEL**, v. 13, n. 25, 2015. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 25 out. 2022.

MOURA, Heliud Luis Maia. **Atividades de referenciação em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia: implicações sociocognitivas e culturais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2013.

_____. Processos de recategorização de personagens afiliados ao universo lendário amazônico. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 45, n. 3, p. 1147-1159, 2016.

_____. Atividades de referenciação: o uso de marcadores temporais em narrativas afiliadas a lendário amazônico. **Cadernos do CNLF**, v. 20, n. 1, p. 270-285, 2016.

_____. MOURA, Heliud Luis Maia. A construção dos contextos de referência em narrativas amazônicas: Um estudo da anáfora indireta. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 59, n. 1, p. 197-214, 2017.

MOURA, Heliud Luis Maia. Estratégias de transcategorização de referentes em narrativas orais amazônicas: um estudo das implicações sociocognitivas para o processo de construção da atividade discursiva. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 23, n. 45, p. 220-255, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648358>. Acesso em: 23 jun. 2023.

_____. Estratégias de transcategorização de referentes em narrativas orais amazônicas: um estudo das implicações sociocognitivas para o processo de construção da atividade discursiva. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 23, n. 45, p. 220–255, 2020. DOI: 10.20396/lil.v23i45.8659391. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8659391>. Acesso em: 6 dez. 2022.

OLIVEIRA JR, Miguel. **NURC digital: uma proposta de preservação dos dados do projeto NURC**.

PIRES, Elielma de Jesus; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **Histórias encantadas dos quilombos de Oriximiná**. [S. l.: s. n.], 2021. 118 p. Disponível em: https://www.academia.edu/62031849/Hist%C3%B3rias_encantadas_dos_quilombos_de_Oriximin%C3%A1. Acesso em: 2 nov. 2022.

ROJO, Roxane. As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas. Belo Horizonte, MG: CEALE, Rede Nacional de Centros de Formação Continuada, MEC, v. 1, 2006. SÁ, Lúcia. Histórias sem fim: Perspectivismo e forma narrativa na literatura indígena da Amazônia. Logotipo orcid conectando pesquisas e pesquisadores, **Itinerários**, Araraquara, n. 51, p. 157-178, 2020.

SANTANA, Gilvan da Costa et al. **Referenciação em gênero discursivo**: uma proposta de trabalho com anáfora direta em produção de texto dissertativo. 2015.

SILVA, ALENA CIULLA E. **Os processos de referência e suas funções discursivas**. 2008. PhD Thesis. thèse de doctorat, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil, 2008. Disponível em: www.atilf.fr/IMG/pdf/theses/These_CiullaESilva_Alena_2008.pdf.

SILVA, Fátima. **A dimensão cognitiva na anáfora associativa**: um exemplo. 1999.

SILVA, Luiz Antônio da. Projeto NURC: histórico. **Linha D'Água**, n. 10, p. 83-90, 1996.

SIQUEIRA, Cíntia Cardoso de. O uso de expressões nominais no artigo de opinião. **Veras**, v. 2, n. 2, p. 183-203, 2012.

SOUZA, Carla Daniele Baía de. **O trabalho com os gêneros orais na sala de aula**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Santarém, 2018.

TAVARES, Diana Paula Farias. **Processos de recategorização lexical**.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 17. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

VITORINO, Monique Alves. Estratégias **Referenciais nos comentários de Arnaldo Jabor**: A construção das manifestações e dos manifestantes.

ANEXOS

CORPUS DE ANÁLISE – NARRATIVAS TRANSCRITAS DE ACORDO COM AS NORMAS DO NURC.

ANEXO I – “Mulher que se gerava em onça”

“outra coisa que a mamãe conTava é que tinha essas pesso::as já ANTiga que se diziam que curavam que falaVAM que () transforMAvam em outra coisa né? pessoas se transforMAvam em bicho por exemplo...se transforMAva em bicho... a onça por exemplo...a mamãe sempre conTava tinha uma senhora que chamava de tia Rosa ai...quando era noite de temporal no tapari que era só casa assim...não era assim como é agora/aí esses cachorro laTIU laTIU parece que tAVAM correndo atrás de alguma coisa né? aí algumas pesso::as já TINha visto o vulto que era uma onça...aí SEi que SEMpre a-PA-re-cia isso...nas noite de TEM-po-rai::s...toda vida a-pa-RE-cia isso aí...aí num belo dia... numa bela noite eles se juntaram e disseram que iam atrás dessa onça...aí...quando da-va temporal...ai no outro dia de manhã ela amanhecia dormindo até tarde () estava cansada ela não tinha dormido muito bem...sempre ela dava uma desculpa...aí quando foi nessa noite () eles cortaram umas varas bem apontadas e se reuni::ram quando eles viru vinha uma onça realmente corre::ru atrás com cachorro ela corria e eles correro () era num sei quantos homens tentaram cercar e...sei...que jogaram pau é pra furar...éh...éh...alguém –atacou que pegou assim do lado dessa onça e essa onça CORReu e eles correru atrás dessa onça () aí desapareceu no mato...aí quando foi uns três dias que a vovó foi na casa dela ela TA-va deitada...aí ela disse o que que tu tem Rosa? Era parente da minha avó ah/eu tô doente tá doente porquê? Ah/eu que caí lá na roça...passei encima dum tuco e me furou aqui do lado...aí eles acreditaru que foi eles que atacaru...que atacaru essa onça e feriru que a partir daí eles passaru a dizer que era...era mentira porque ela não () tava na roça...que era ela que tava se gerando pra onça e foram desmascarando e nunca mais ela se gerou e TAMbem acabou...com aquilo ((mas e aí ela morreu disso?)) não ela morreu depois ela ficou ferida do lado dela (mas eles disseram) que () era tipo que como alguém fura com pau sabe? (mas curaram ela) ficou boa mas tambÉM não aconteceu mais de se gerar na onça...”

ANEXO II – “O boto”

“eu acredito que o boto o boto tem assim várias FORmas da gente se...de se comunicar com as pesso::as... de atrair as pesso::as porquê...a noite...eu já vi isso...a noite eu já vi isso já aCONteceu com um rapaz um rapaz...que a gente cui::DAva dele...que ele era o boto...o vermelho...o cor de rosa...que era o que a-ta-CA-va o rapaz...que ele JÁ até faleceu o rapaz...num dava sossego pro rapaz...era toda noite...toda noite...aí o rapaz veio a falecer se represenTava só em assovios...assovios...assoviava o rapaz comeÇAVA a passar mau...isso daí:: foi que ele levou o rapaz...a morrer...e o tucuxi não...o tucuxi num é maldoso () inTÉ que a gente vai () naufrágio numa embarcação se ele puder ajudar a gente ele ajuda...que ele cerca a gente e NUN deixa nada de mau chegar perto da gente...ele faz aquela rodinha e fica lá...nada de coisa RUi::m acontece () ele protege até o PONto que dá dele proteger a gente já não...o cor de rosa...ele já é mais maldoso ((mas ele se transforma em homem?)) transforma...anda normal assim igual homem...() se vem em terra...né? depois volta pra água de novo...().”

ANEXO III – “O curupira”

“a gente não sabe o que é o curupi::ra...nunca a gente viu...agora alí NAquele mato que era do seu pai...eu vi um pre-TIN-ho lá no mato...eu vi (mas rapidão assim) só vi e ele sumiu...eu vi () me aRRUpiou tudo - - agora sobre caçada a noite...eu e nossos parceiros...nós já vimos muito...e muito...pelo menos até alumiarem pra gente assim a gente já viu () esse mato daqui pro jutuba né? mato grande...éh isso aí e sobre esse negócio de cobra e isso ai e eu mesmo já matei uma cobra que tinha seis metros de cumprimentos...eu num garanti carregar sozinho...tive que arru::mar um parceiro pra me ajudar porque a bicha era GRANde () a cobra que eu vi foi a giBÓia...a giBÓia...ela já TA-va no caminho atraindo a cu-ti-a pra pegar ela...eu vinha do roçado e a biCHOna TA-va lá esticada no meio do caminho...ela tinha (mais de oito metros)...TAVA atraindo para pegar a comida dela que era a CU-ti-a () eu vim lá ai eu espantei né? e a biCHINha correu...como diz o caboclo...a bichi::nha ficou invocada ()...eu tive que rodar o CaMINho pra poder passar dela...e era MUIto grande ela pra poder passar

dela...porque não passava não ()...”

ANEXO IV – “O Homem que virava cachorro”

“() caso verdadeiro mesmo...aqui no irurama...bem aí onde tem essa taberna do Cleto...TINha uma família e TINha um rapaz assim...um senhor que adoeceu...e a gente calcula assim que ele abusava demais...dia de domingo ele não procurava uma igreja...era tecer paneirinho...dia de semana ele trabalhava no campo e dia de domingo ele tecia paneirinho né? pra vender...e aí ele adoeceu com uma febre...uma dor de ca-BE-ça () disse ele...virou a ca-BE-ça dele...virou a bola da ca-BE-ça ele () pra aguentar ele na rede eram sete homens pra aguentar...eu fui ler a bíblia pra que ele...que era a () Rocha que fazia isso pra ele quando não da-va pra ela sai...era eu quem fazia pra ele...aí sete homens aguentando ele na rede () aí esses sete homens deram um pedaço de pano pra ele... aí né? aí ele agarrou e só deu um salabanço e ficou em pé e passou a mão assim na minha mão...a mão dele né? aí eu fiquei quieta lá...aí conseguiram tirar a mão dele do meu corpo...continuei lê a bíblia mas...mais longe dele...aí passou...passou...aí ele roeu isso aqui dele tudinho...esse sabugo...ficou no sabugo mesmo...ele ruía a unha dele tudinho () quando antes dele morrer a tendência dele era correr...e o pessoal não deixava tá? não deixava ele ficar só com a mãe dele que era a finada Maria () ele () agarrou quando foi um dia disseram pra ele...chamaram a mãe dele...e falaram que era um espírito mau que acompanhava ele...como? que a pesso::a vai se roer? Aí foram numa comunidade aí pra dentro...e trouxeram um senhor que ele veio benzer e disse que era mesmo um espírito mau que acompanhava ele...e por sinal ele disse que era o sa-ta-NÁS que acompanhava ele () então desse lado aí ele () bateu na mãe dele...não batendo...batendo...ele só deu um tapa na cara da mãe dele...da dona Maria () e antes dele morrer ele latiu CAcho::rro...aí ele morreu...entendeu? isso eu vi...agora outras coisas eu conto assim que me contaram...aí eu ficava escutando...tamBÉM não ligava...tá escutando? mas que tinha pessoas que contavam...tinha...”

ANEXO V – “O boto”

“() aí num tuco do Plquiazei::ro grande no garaPÉ...saiu uma água do fundo...assim oh...falhou aquela água limpa...limpa...areia branquinha...fininha...aí bom...a gente ia tomar banho por LÁ no tempo da dona Joana...as filhas iam tomar banho...todas as filhas tiveram problemas de CA-be-ça...dor de CA-be-ça... dor de CA-be-ça () seu Aníbal quando ia matar uma caça...quando ele chegava lá...nove horas da noite...deixava a caça pra dona Joana cuidar e ia tomar banho...quando ele chegou lá tirou a roupa e aquilo pá na bunda dele...eh cara não TÔ mexendo contigo...aí ele mergulhava...não via nada...era só isso...aí a Conceição e minha mulher teve problema CA-be-ça...até que um tempo a dona Joana levou ela ali pra Damiana...mulher do Manel Queiros...pai do ZÉ Maria () ele atendia lá...aí trouxeram ela aí...a menina LÁ pra benzer...mas aí trouxeram uma mulher da cidade que benzeu e afastou (mas a única coisa que afastou) () ai ela afastou...ninguém viu mais...então foi mui::to feio essa história DÁ...DÁ...deles aí...toda família que iam pra lá da-va dor de CA-be-ça...dor de CA-be-ça... dor de CA-be-ça...ainda mais QUANdo elas esTAvam menstruadas que sabe como é os negócios da mulher...aí todas ficavam com dor de CA-be-ça...Terezinha...Conceição...aí então a gente saiu daí e tambÉM aquela água saiu de LÁ () essa que é a história - - ah do curupira só quando a gente via era assovio...a gente ficava perto e não via nada...quando ela começava a assoviar podia despachar que a gente não acreditava...então a gente vinha embora logo...não vinha nada...FI...FI...não vinha nada...parece boto...boto também assovia...quando eu morava lá em Santa Luzia...aí a mamãe e o pessoal do velho Dias passavam no terrei::ro de casa () eram quatro mulher...aí QUANdo () os botos gostavam das mulher...né? aí era ele assoviando...FI...FI...aí o pessoal já venho...aí quando passa::va a mamãe brechava...aí passava aqui::lo de roupa branca () que TA-va atrás delas pra lá () mas ele sumia (mas toda vez a mamãe cansou de vê)...aque::la roupa branca que passava tarde era ele...o botu () agora o curupira eu nunca vi...só vi os assovios dele...vi não escutava o baRUIho dessas coisa... pois é...aí aparecia essas coisa de visagem ()”

ANEXO VI – “Índio fogoio” (Curupira)

“() com ele LÁ a gente andando...eu andando LÁ...a gente andando LÁ com o fogoio...o nome do ÍNdio que eu andava...aí nós demo com essa montanha na

CAMPina grande chamavam pra ela...pra cabeceira do arapiuns...nós fumos...aí quando nós atravessamos...aí ele disse...compadre LÁ é MUItto rico...bora lá?...rumbora...aí nós fomos...entramos...direto LÁ...aí ele disse olha...só não tem quem tire aqui () a gente não tinha ambição nem nada...nem conhecer não conhecia...aí ele disse isso é ouro...eu não conhecia...aí eu foi...andamos...quando foi de noite...aí veio um camarada...mas um camarada...era o dono de lá mesmo...da montanha...da campina...que ele disse...que lá eles num tinha quem tirasse...porque aquele que entrasse lá...enTRAVA mas num saia...que ia morrer...lá fiCAva...aí tudo bem () mas agora cedo na época (se a gente entendesse dava da gente tirar que ele dava) conversava com ele...que ele DA-va...porque MUItas vezes a pessoa entra sem permissão né? mas olha () eu contando pra equipe que nós era oito...aí eles foram pra LÁ...não viram nem montanha nem nada...nada...nada...nada...nada...nem ouro...naDINha...eles não viram nada...que aquilo era...sumia...encante né? sei que era MUItto bonito...MUItto rico LÁ...muito bonito lá e era bonito mesmo...eu vi...eu num tempo ainda peguei algum...ele ainda me convidou pra ir LÁ de-no-vo...mas eu não foi...eu sei se eu fosse eu conseguia alguma coisa...ele veio no meu sonho e me falou pra mim...aqui...ah () que era pra mim ir...mas não foi...era um índio...tomava conta...era o dono de LÁ...éh isso...”

ANEXO VII – “Juruparí”

“aqui o papai...o João Costa...o finado Osvaldo...eles sempre viam...viam não...eles es-cu-TA-vam...quando eles estavam aí...as vezes pras bandas da tarde...meio dia...eles corTAVam seringa...era o seringal deles aí...só que eles não moravam afetivos aí...aí eles vinham de alter do chão () aí as vezes eles escutavam pra cima da serra um grito...vinha até perto...só não va-ra-va...vinha perto lá da casa deles...eles fi-CA-vam com medo...quando foi um dia...o Osvaldo...ele mesmo disse...pra mim ele me contou que ele viu né? aquele homem barbado...aí ele fico com medo...era um homem...mas só que a boca dele era um () barba muito grande...cabeludo...o bicho era feio mesmo...mas ele como ia passando assim...ele estava...ele não mexeu com eles...passou direto...ele ia passando no caminho dele NÉ? e ele estava pra outro lado TA-va cortando seringa...seringal () barulho...parece que ele ia conversando...passou direto...ele enxergou só um...aí ele pressentiu que

era o tal jurupari...que quando ele viu o grito pra cima da serra () não sei se agora JÁ está aterrado...mas tem um porão lá abaixo...lá quando a gente chega...eu já descí LÁ...é coisa...é tão fundo que quando a GENte desce lá pra baixo...é tipo uma bacia assim...mas é grande né? É ai mesmo...perto dessa serra...a gente enxerga daqui...serra do jurupari mesmo...por isso que eles dão o nome de serra do jurupari...LÁ quando se desce...LÁ mesmo embaixo...a gente não vê nada mesmo (mas parece que é noite) pode ser assim uma base das duas horas...uma hora...duas horas...é escuro...é fundo...é uma caverna LÁ...um dia eu caçando eu dei com isso...que eu descí LÁ...fiquei com medo...eu nunca TINha descido LÁ...quando eu cheguei aqui...que eu disse pro papai...então ele disse...LÁ é assim mesmo essa serra e tem vários caminhos...perigoso...muito arriscado...mas graças a Deus eu não ando () nunca me aconteceu nada...o jurupari apareceu antes (mas eles vão embora com a exploração do pessoal) aí () vão se arretirando NÉ? pois é...”

ANEXO VIII – “Curupira”

“() ai no meu terreno...essa área aqui né? como pra CÁ TAMbém pra beira...eu e a () como eu ando...quando comecei a andar...eu andava assim...eu sempre...desde novinho eu comecei a andar só né?...sozinho e Deus né?...primeiro lugar Deus...aí eu...caçava...quando comecei a caçar...eu via umas marmotas...até que um dia...eu...aí eu disse...papai me disse assim...rapaz o que é? aí ele disse () aí tem uma curupira que anda aí...eh rapa (mas ela não mexe com ninguém) só se mexer com ela né? aí eu disse não...não mexo não...aí pronto...aí foi...quando foi um dia foi...TA-va LÁ dentro da mata...na espera do bicho...eu vi...esse eu conto que eu vi porque eu enxerguei mesmo...um ba-RU-lho que eu dizia que era até uma caça () direto no bebedor...aí eu teve LÁ que quando eu vi...apareceu...um garotinho...um garotinho assim...veio...veio...veio...veio...direto LÁ no bebedor...teve LÁ...DE LÁ ele saiu...foi embora () um moleque...eu chamo moleque porque era bem miudinho né?...mas () que era o dono...depois que eu disse pro papai...aí ele disse é a dona de LÁ...é o bebedouro da curupira...é LÁ que o pessoal caça () ah tá...aí caçava o BenZINho...caçava o JuCUNdino...caçava o MARcelino...AnTÔNio GENtil...todinho eles caçavam LÁ ...mas nunca maTARAM nada...era MUIto bom de caça lá...mas nunca maTARAM nada...era MUIto bom de caça LÁ () eles iam LÁ...tinha muito

mexido...mas () passei a noite...aí quando foi no outro dia...eu foi mais na frente...aí veio aquele barulho...liguei a lanterna...foquei...mas não vi nada...mas aí eu falei com ela...eu pedi pra ela...a hora que ela me desse uma caça...eu vinha embora...eu queria um veado () aí ela assoviou LÁ dentro...quando veio de NO-vo...era um veado...atirei...matei...aí eu fiz um cigarro e deixei pra ela...que eu disse que ia deixar o cigarro...entreguei e vim me embora...desde LÁ todo tempo...eu sempre quando ia escutava () assim...num enxergava mais nada...mas eu ouvia o assovio...ouvia o barulho né? aí eu consegui a pesQUisar aquilo que...bastou a primeira vez eu conversar com ela...aí ela vinha...e até hoje eu sempre escuto...mas eu nunca mais fez o que era pra mim fazer...eu fazia...mas nunca mais fez...não me incomodei mais...mas LÁ aparece...aparece assim...porque nós escuta o barulho...a tucura dela...ela assovia...bate nos pau () um dia desses eu vinha LÁ do roçado...liguei a lanterna...ai eu escutei...parece que estava serrando um pau assim...com a makita () aí depois eu cheguei bem pertinho e percebi que era LÁ...aí eu falei...a comadre é tu que TÁ fazendo a TUA casa é? Acho que eu venho pra CÁ...aí eu passei e vim embora...agora desde LÁ eu sempre vejo...escuto né? assovio dela...ela bate com os paus...as vez grita...assim um grito diferente...mas...mas nunca mais apareceu nada pra gente...agora só é assim... agora pouco tempo ().”

ANEXO IX – “Homem que se gerava em cavalo”

“eles viam...eu não cheguei a enxergar...mas eles me contaram...ele se gerava em CA-VA-LO...era ele...ele se chaMAva Zé Trindade...pai do Raimundo Ribeiro...era panará () eu estive na morte dele...mas eles todos diziam que ele se gerava...também não cheguei a enxergar...um dia nós TA-va por LÁ...disque ele estava doente...queria sair...queria sair...para a despedida dele mesmo né? aí não deu brecha...aí que quando foi o neto dele disse eu vou dormir...aí eu disse...eu também vou...ai eu me deitei e ele se deitou LÁ perto...e o velho TA-va na rede já LÁ...aí ninguém viu...ninguém PREStou atenção...nós dormimos um sono...mas isso foi RÁ-pi-do...nós esCUtemos só o baRUlho...aquela carrei::ra...aí correu...sumiu pra cá pra dentro da mata pela estrada () só que a gente não prestou atenção...a gente estava LÁ FO-ra...quando deu ele voltou de-no-vo...quando chegou LÁ...LÁ...eu enxerguei o vulto...mas como eu TA-va converSANdo com o velho pra lá...o finado

Raimundo...num deu pra mim prestar atenção...foi o neto dele...o Nelson que viu...depois que ele disse...quando ele viu se gerou no chão e depois veio embora assim...aí entrou...deitou...morreu na hora...era a última despedida dele...aí ele contou...aí que ele foi contar pra nós...mas ninGUÉM...mas ninGUÉM prestou atenção...mas se ele fala logo a gente tinha logo prestado atenção...eu tinha enxergado...por que eu vi o vulto mas não vi ninguém...morreu o velho...ele se gerava pra cavalo () José Trindade era o nome dele...eu escutei o barulho da carrei::ra dele...que era do animal mesmo...e ele que enxergou...não disse logo pra nós...que DA-va tempo da gente ver () é era isso...”

ANEXO X – “O boto”

“() não que é fácil...eu sempre pescava com o pa-pa-i...negócio de prolongada...mas é ... foi que sempre eu pescava...só eu e o papai...aí eu descia pra pescar...aí eu tarrafiava de terra...como se chamava de primeiro...agora não...agora nunca mais pescam desse jeito...aí eu jogava a tarrafa de terra...aí um dia eu TAva aqui ai ele chega...BO-ra...aí eu foi pescar...fui LÁ na beira...tarrafiei...peguei um pouco de peixe e vim me embora...ai quando cheguei LÁ na () eu escutei o assovio pra trás...o boto...aí eu vi que era um boto mesmo...aí eu vim embora...aí eu cheguei mais aqui perto do São Francisco...naquele tempo não tinha casa...era tudo mato mesmo...aí tornou a assovia mais perto...eu vim embora...cheguei...fiquei na casa que era do Jean...que chamava capinarana grande que chamavam na época...tinha () que a gente vinha que varava aqui embaixo...ai eu entrei...vim...e eu escutava atrás de mim...vinha aquela pisada...escutava bem...aquilo pisando...parece até uma pessoa assim...da folha...e vim embora...quando cheguei bem aí...onde é essa LA-ma aí...aí ele me alcançou mesmo...o boto...ele veio atrás de mim...e todo tempo ele vinha pertinho de mim ((mas tipo de homem?)) não...eu não enxergava ele porque eu não olhava para trás...e quando chegou perto assim...bem aí nessa subida aí ele me deu-lhe um TA-pa...aí eu foi lá e voltei...aí ele tornou a me BAter de-no-vo...me deu três TA-pa...aí no terceiro ele me jogou mesmo LÁ dentro do mato...caí...era peixe e tudo...ele passou e veio embora...eu disse tá...espalho::u peixe e tudo...ainda foi tirar cipó...pra tornar enfiar o peixe tudo de-no-vo...eu cheguei aqui em casa e falei pro papai...ele disse...eu vou matar esse boto...num mexe...vô...nossa casa era bem

ali...aí passava ai perto do canto...essa estrada passava bem no CANTinho da casa...QUANdo foi no outro dia de tarde...eu enchi um cartucho...peguei uma espingarda 20...coloquei o cartucho...tu vai morrer...ai ele ficou com medo...o papai...aí quando deu umas oito horas...era cedo que ele andava...antes das nove...eu escutei...ele assoviava bem ai na entrada...assoviava lá na entrada e quando ele assoviava era bem no canto da casa...eu fiquei sério...quando ele assoviou aqui...e a gente es-cu-TA-va bem quando ele passava...o barulho...pisadas...quando...que agora eu calculei isso () é quando ele assoviou...eu amassei o dedo () rapa ele ficou com medo...noutro dia eu descí pra pescar com um senhor lá que já é falecido...finado Patrício...fumo pescar de lanterna...chegou lá no lago...ele disse ei () tem um boto morto bem ali...aonde? bem ali...vamo vê? vamo...aí eu fui...chegou lá...TA-va lá revirado...ta-va o pi-po-co de chumbo na costela dele ((hum)) mas era ele... até hoje ele nunca mais passou aqui...mas era ele mesmo...aí depois apareceu outro...mas passava por ali ne? eu ainda enxerguei...era eu e um parceiro com um senhor...pai da Nete...isso já é mais prolongado no tempo que ele né? nós TA-va certo pra descer junto...da beira...ele pescava de malhadeira...eu também pescava () a gente mexeu um com o outro pra gente vim embora...ai quando ele ouviu o assovio...ele pensou que era eu que tivesse vindo na frente...ai ele veio...chegou lá no rio... a gente TA-VA pra trás...se arrumou e veio embora...quando chegou ali em viagem ele enxergou...era luar...o cara que vinha na frente...ele pisou e o cara sumiu...e eu vinha logo atrás ai eu enxerguei e disse porra lavai o Teodoro () e nada...ai quando chegou ai nesse igarapé onde é o Nonato...ai não TE-ve brecha pra ele não...eu vinha de lá e o carro...vinha descendo um carro daqui () ai não teve brecha...ele se jogou na água ...quando ele se jogou lá ele assoprou...o boto mesmo ((no igarapé?)) dentro do igarapé...o boto...aí nos passemos e contemos...o pessoal ficou tudo assim...ai nos falemos...foi verdade mesmo () eu vi...eu enxerguei () foi a viagem que nós vimos () hum.”

ANEXO XI – “Juruparí”

“Jurupari eu nunca tive assim... alguma...alguma...algum momento que eu escuta::sse ou que eu visse...são contos que meus avós conTAvam né? que ele judiava dos caça--dores na mata...faZENdo...fazia é...griTAVA...um grito MUItto forte...até que...aqui

no São Sebastião tem uma serra que chamam de serra do ju-ru-pa-ri...então os antigos dizia que LÁ era a toca do ju-ru-pa-ri...né? e até hoje quem...quem vai LÁ...ou os que moram ai dizem que tem uma gruta tipo assim (uma casa de pedra)...é... diziam que LÁ que era a to-ca do ju-ru-pa-ri...bom isso aí eu sei e já conto porque ouvia meus avós falarem né? até a minha mãe conTava...que o pessoal conTava pra ela...do juruparl...até diziam que era LÁ a to-ca dele...por isso o primeiro nome LÁ era ju-ru-pa-ri que a gente chamava TÁ? Depois que chamou São Sebastião...só é a serra que é ju-ru-pa-ri...só é a serra que eles chamam agora ((mas a senhora ouviu algum relato de alguém que viu?)) sim...mas só por alto...não tenho muito aprofundado...hum...TÁ...”

ANEXO XII – “Curupira”

“curupira os antigos diziam quando caçavam...no mato...se perdiam...aí ro-da-vo...ro-da-vo...ro-da-vo...passavo no mesmo lugar...aí já dizio que era curupira que TA-va juDIANdo deles...então eles fazio assim () um negócio LÁ na palha...fazio umas cruces de palha e deixavo LÁ assim...né? quem fumava deixava o cigarro...aí seguia né? então dizia olha eu vou deixar isso aqui...deixa eu sai daqui...ai eles seguio...ai era quando eles toMAvam a direção pra onde eles iam...né? aí isso ai também eu ouvi falar...mas não que eu visse né? a curupira e ela tem também o assovio... TAMbém na mata o pessoal que ia caçar escuTavam o assovio...né? então dizio que era a curupira...ai outros dizio que a curupira tem o pé virado...a ponta do pé pra trás...o calcanhar pra frente...são contos né? ((mas que acontece ou acontecia aqui no irurama?)) acontecia porque era daqui que o pessoal falavam...os antigos né? então...quem sabe né? por que naquele tempo não havia nada...ai eles talvez pela crença que eles tinham em acreditar naquelas coisa ai né? podia acontecer né? isso...”

ANEXO XIII – “Cobra Grande Encantada”

‘() na ponta do cururu tem uma cobra grande encantada...que vinha nos trabalhos...antes que tinha uns curandeiros né? faziam seus trabalhos e ai eles se incorporavam nas pessoas e () que ele chorava e dizia que era o Noratinho...dizendo

que ele foi encantado e ele que morava na ponta do cururu...pra ele...ele tinha vontade de sair do encanto...mas pra isso...a pessoa que fosse pra desencantar...tinha que meia noite...com um litro de leite de gado...de vaca preta e um machado...para que quando ela viesse e colocasse a cabeça na terra...a pessoa dava as machadadas pra matar aquele animal...no caso a cobra e jogar o leite assim por cima...quando matasse essa cobra...ai o rapaz se desencantava e se tornava pessoa::a...então até hoje ninguém desencantou essa cobra ((mas será que ela ainda aparece por lá?)) não sei...as vezes a gente fica comentando aqui...porque a mamãe...papai contavam essas histórias...”

ANEXO XIV – “Boto”

“Lenda agora...porque ninguém mais acredita...só é nos livros e pronto...quanto mais você estuda...você vai dizendo que é lenda...que é lenda...e o aluno passa a acreditar que tudo é lenda...ele não viveu...ele não presenciou nada disso...e nem ouviu essas histórias...mas se tu tivesse morado no Urucurituba como eu morei criança... tu ia ver que a história do boto não era lenda...LÁ acontecia...ninguém...ninGUÉM...mulher não podia chegar na beira do Amazonas menstruada né? porque o boto engravidava... (se era verdade ninguém sabe) ele conTAVA essa história...olha a gente ia da minha casa para a casa da minha tia...tinha um pe-da-ço assim...e a gente enconTRAVA assim...encima das pontes homens VESTIDOS de branco...e a gente dava aquele arrepio na gente...quando a gente passava um pouco...e só via o barulho da água...o homem caía na água e de repente já saía como boto né? faZENdo aquela coisa de boto...então LÁ no Urucurituba quando eu era criança...eu vi muita história disso...de boto...mas agora ninguém pode contar pras crianças...que tudo é mentira...mas eu sei que eu não vi...mas o papai contava aqui também...a mamãe também contava que o boto lá no Tapari...toda noite...toda noite eles...viam um baRUIho...que as casas eram de palha né? porta de () ouviu de uma prima dela...ouviu um baRUIho...parece que alguÉM entrou na porta...ela TA-va dormindo...e era... e ela começava a se sentir parece assim...alguém TÁ mexendo geMENdo... geMENdo e depois saía...e essa coisa que saía...o cachorro latia...latia...ia parar na água...e era boto né? tanto que uma vez disque a mamãe contava que os meus tios que eram rapaz...correu atrás desse rapaz LÁ da casa...todo de branco...com cachorro e foram atrás dele...com pau

e tudo...e ele caiu na água...e LÁ já fazia como boto...aí essas histórias a gente sabia que era a mamãe que contava...outra coisa TÁ () outra coisa que eu soube...”

ANEXO XV – “Boto”

“eles diziam que...a gente ouvia...eu cansei de ouvir assovio...dizem que era o boto né? de noite...por aqui assim...cachorro gritava...aquele assovio fino...né? meu marido quando pescava...que ele ia pra beira sozinho...né? ai quando ele vinha subindo assim...ele dizia que ele escutava aquele assovio pra trás dele né? pra trás...pra frente assim como quem vai daqui JÁ pro rumo da beira...ja vinha subindo de LÁ...ai ele...ai ele ouvia o assovio assim pra frente dele...e ele ia embora...ai ele sentia um vento frio passar por ele né? assim...aí quando ele prestava atenção JÁ estava pra trás dele...como quem vai no rumo do rio...aquele assovio...então ele chegava e contava que era o boto né? diziam os antigos que o boto se transformava em um homem de roupa branca...chapéu branco...então eles foram assim né? eu nunca vi né? mas o assovio eu cansei de escutar ali na comunidade...depois nós passamos pra cá...eu escutava esse assovio...ele dizia que era filho do boto né? ai eu não sei se era mesmo ou se era um pássaro...mas conforme eles contavam a gente JÁ tinha na mente que devia ser o boto mesmo que vinha do rio...passava por aqui...depois descia de-no-vo () eu sei isso...”